



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
CAMPUS PATO BRANCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

JAQUELINE MENEGAZZO FRANCESCHETTO

**A PERCEÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO BAIRRO SÃO  
JOÃO NO MUNICÍPIO DE PATO BRANCO – PR**

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO  
2016



JAQUELINE MENEGAZZO FRANCESCHETTO

## **A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO BAIRRO SÃO JOÃO NO MUNICÍPIO DE PATO BRANCO – PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional. Área de concentração: Regionalidade e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa. Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona

Coorientadora: Profa. Dra. Nilvânia Aparecida de Mello

PATO BRANCO  
2016

F815p Franceschetto, Jaqueline Menegazzo.  
A percepção ambiental dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco - PR / Jaqueline Menegazzo Franceschetto. – 2016.  
160 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona  
Coorientadora: Profa. Dra. Nilvânia Aparecida de Mello  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2016.

Bibliografia: f. 146 – 152.

1. Percepção. 2. Ambiente - Sociedade. 3. Planejamento regional. I. Corona, Hieda Maria Pagliosa, orient. II. Mello, Nilvânia Aparecida de, coorient. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. IV. Título.

CDD 22. ed. 330



## **TERMO DE APROVAÇÃO Nº 102**

### **Título da Dissertação**

**A Percepção Ambiental dos Moradores do Bairro São João  
no Município de Pato Branco (PR)**

### **Autora**

**Jaqueline Menegazzo Franceschetto**

Esta dissertação foi apresentada às quatorze horas do dia dezenove de setembro de 2016, como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Linha de Pesquisa Regionalidade e Desenvolvimento – no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A autora foi arguida pela Banca Examinadora abaixo assinada, a qual, após deliberação, considerou o trabalho aprovado.

Profª Drª Hieda Maria Pagliosa Corona – UTFPR  
Orientadora

Prof. Dr. José Edmilson de Souza Lima  
UNICURITIBA – Examinador

Prof. Dr. Antonio Cavalcante de Almeida  
IFC - Examinador

Profª Drª Nilvania Aparecida de Mello - UTFPR  
Examinadora

Visto da Coordenação

Profª Drª Marlize Rubin Oliveira  
Coordenadora do PPGDR

**O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do PPGDR.**

*Dedico esta pesquisa*  
*A Deus*  
*A meus pais Italino e Maria Lidovica*  
*A meu irmão Leandro*  
*A professora Hieda e*  
*Aos moradores do bairro São João*

## AGRADECIMENTOS

Escrever é sempre um processo árduo e doloroso, de descoberta de si mesmo. De debruçar-se sobre os próprios pensamentos e talhá-los até que algo faça sentido. As ideias, muitas vezes demoram a aparecer e significar. Não nascem prontas na cabeça. Nascem nas entranhas. São sentidas com o corpo. Como um bebê precisam ser gestadas e paridas. Às vezes parecem com crocodilos, às vezes com águias. Independente de sua aparência devem ser amadas e educadas. Assim como um serzinho em formação necessitam de colo, aconchego, carinho, paciência, disciplina e firmeza de seus pais. Precisam ser alimentadas com textos nutritivos, de preferência os orgânicos, vindos direto do produtor. Os banhos devem ser diários para eliminar os excessos grosseiros e deixar o texto mais clean. Precisam do apoio de mãos experientes para aprender a caminhar e assim ter um trajeto. Precisam aprender a se arriscar para crescerem fortes. Precisam aprender a se vestir para terem estilo. A crescer para se encontrar. A amar para significar. A doar-se para inscrever-se.

Sim, elas têm um longo caminho e nesse caminho muitas pessoas e circunstâncias contribuem. Por isso, gostaria de deixar aqui o meu carinho e o meu muito obrigada a todos aqueles que significaram e me ajudaram a parir.

Agradeço a Deus, minha tentativa mais importante de conhecimento no mestrado. À sua beleza, à sua doçura, à sua leveza, a seu amor e misericórdia.

A meus pais, Italino Franceschetto e Maria Lidovica Menegazzo Franceschetto, por todo apoio, doçura e amor, por me ouvirem nas minhas horas de angústia, por todos os conselhos.

Agradeço a meu irmão Leandro Menegazzo Franceschetto por todo seu apoio, carinho e auxílio e por conseguir me suportar nesses últimos meses.

Agradeço infinitamente a professora Hieda Maria Pagliosa Corona por me suportar nesses anos, por não desistir de mim, por me orientar, por guiar meu caminho, por me ensinar muito sobre a vida e sobre escrever, pela doçura, pela leveza, pelo carinho, pelo jeito amoroso que se relaciona e trabalha.

Agradeço ao professor Edival Sebastião Teixeira pelo auxílio antes e durante o mestrado, pelas orientações, pelas palavras amigas, pelos conselhos, por me ensinar que a vida é movimento. Por me ensinar isto a partir do exemplo.

Agradeço a professora Norma Kiyota pelo carinho, pelo apoio, pelas conversas, por me escutar sempre com amor e atenção, pelas reflexões, por ser tão humana.

Agradeço a psicóloga Maria Augusta Gregorio pela escuta atenta, pelas conversas produtivas, pelas reflexões, por me ajudar a entender meus recursos e limitações e a vencer alguns fantasmas.

Agradeço a professora Nilvânia Aparecida de Mello pela paciência, pelo apoio, pelo carinho e pelas contribuições como minha coorientadora e pelas contribuições importantes na minha banca de qualificação e defesa.

Agradeço ao professor Antônio Cavalcante de Almeida pelas contribuições importantes na minha banca de qualificação e defesa.

Agradeço ao professor ao professor José Edmilson de Souza Lima pelas contribuições importantes na minha banca de defesa.

Agradeço aos moradores que participaram da pesquisa pela disponibilidade, pela alegria e pela forma carinhosa como me receberam. Sem a colaboração e a generosidade de vocês este trabalho não seria possível.

Agradeço a Francine Herpich pela amizade, pelo carinho, por contribuir com minha entrada no programa, pelos cafés, pelas visitas, pelas risadas e por me apoiar durante esta caminhada. Sinto saudades!

Agradeço a Adriana Possan pela amizade, pelas ligações, pelo ombro amigo, por me ajudar a ver luz no fim do túnel, por me ajudar a me aproximar da minha verdade e a ser quem eu realmente sou. Sinto a sua falta!

Agradeço a Taciana Ferron pela amizade, pela paciência, pelo carinho, pelas discussões calorosas, por me estimular e dar apoio.

Agradeço a Marcelo Tavares, amizade que se fortaleceu durante o mestrado! Obrigada pelo carinho, pelo companheirismo, pela sinceridade, pela força e estímulo, pelas conversas gostosas e por se importar comigo.

Agradeço a Celestino Vera pelo carinho, pelas palavras de apoio, pelo companheirismo, pela lealdade, pelas conversas filosóficas, pelos anos de amizade! Também sinto sua falta!

Agradeço a Andrei Carniel pela amizade, pelas horas no telefone! Pelos puxões de orelha, pelo carinho, pelas palavras de apoio, pelas risadas, pela prestatividade, por se fazer presente mesmo estando longe.

Agradeço a Juliana Carolina Gnoatto pela amizade, pelo carinho, por acreditar em mim, pelas conversas e por me dar apoio.

Agradeço a Tamara Kenia Alff pela amizade, pelo carinho, pelo ombro amigo, pelas horas de conversas, pela meiguice.

Agradeço a minha cunhada Indiamara Tatiane Tasca pela amizade, pelo carinho, por nossas conversas e por me apoiar.

Agradeço também aos meus colegas de trabalho do CRAS Paulina Bonalume Andreatta, Taciana Ferron, Caroline Soeiro, Amilton Maranoski, Marcia Meier, Ivete Almeida, Salete Lazzarini, Joel Pessoa, Alice Boita e Eva Bernadete Machado pelo companheirismo e por fazerem parte de minha caminhada!

Agradeço ao meu colega de trabalho Carlos Gnoato, gestor do Cadastro Único no município de Pato Branco, que sempre me auxiliou prontamente com dados para a minha pesquisa, pelo apoio, pelas risadas, pela disponibilidade!

Agradeço a Max Dobrovolski e Gabrielli B. Socha, profissionais da Coordenação da Estratégia de Saúde da Família no município de Pato Branco, por autorizarem e contribuírem com dados da Estratégia de Saúde da Família referentes ao bairro São João.

Agradeço as profissionais da Estratégia de Saúde da Família do bairro São João que contribuíram com o fornecimento de informações sobre o bairro: Neli Rodrigues Barbosa, Tatiany Machievicz Zierhut, Tatiane V. Antunes Lucott, Andressa Soares e Jociane Alves de Souza.



## RESUMO

FRANCESCHETTO, Jaqueline Menegazzo. **A percepção ambiental dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR.** 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

O objetivo geral que orientou a presente pesquisa foi o de analisar as percepções e as ações dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR acerca das condições socioambientais do lugar em que vivem. O estudo se caracterizou como uma pesquisa qualitativa com ênfase descritiva. Participaram do estudo 12 sujeitos, 07 do sexo feminino e 05 do sexo masculino. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada em visitas domiciliares e da observação participante. Para apresentação e descrição dos dados e informações coletadas foi utilizada a técnica da análise de conteúdo e a construção de gráficos e tabelas. Quanto aos resultados obtidos, constata-se que os moradores do bairro São João percebem sua comunidade como um bairro isolado, estigmatizado e negligenciado pelo poder público; destacam a violência, as drogas, o tráfico, as brigas, a bagunça, o som alto e o vandalismo como os principais problemas do bairro; mas também a falta de médicos, a presença de poucas linhas de transporte público, a situação precária das ruas e da pavimentação do bairro, a falta de saneamento básico e controle sanitário. Relativo à capacidade de agência dos moradores, verificou-se que referente aos problemas de violência no bairro, os interlocutores buscam se refugiar no ambiente familiar e não sair de casa no período da noite. Em situações de perturbação do sossego, vandalismo e tráfico de drogas alguns moradores realizam denúncias por meio de ligações telefônicas para a polícia e outros afirmam preferir não buscar auxílio por medo de terem sua residência invadida ou sofrerem algum tipo de violência. Com relação aos problemas de infraestrutura e dificuldades encontradas nos atendimentos realizados pelos serviços públicos no bairro, alguns moradores revelaram buscar ajuda junto ao CRAS, ao presidente do bairro, conversar com pessoas “influentes” do executivo municipal, acionar os meios de comunicação, realizar melhorias no bairro a partir de sua própria ação, como construir lombadas nas ruas, plantar árvores e colaborar na construção de locais de uso comum.

**Palavras-chave:** percepção, agência, situação de vida, moradores do bairro São João.

## ABSTRACT

FRANCESCHETTO, Jaqueline Menegazzo. **The environmental perception of the residents of the São João neighborhood in the municipality of Pato Branco-PR.** 2016. Dissertation (Master in Regional Development) – Program of Postgraduate Studies in Regional Development, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco-PR, 2016.

The general objective that guided the present research was to analyze the perceptions and actions of the residents of the São João neighborhood in the municipality of Pato Branco-PR about the socio-environmental conditions of the place where they live. The study was characterized as a qualitative research with descriptive emphasis. Twelve subjects, 07 females and 05 males, participated in the study. Data collection was performed through a semi-structured interview in home visits and participant observation. For the presentation and description of data and information collected, the technique of content analysis and the construction of graphs and tables were used. As for the results obtained, it is observed that the residents of the neighborhood of São João perceive their community as an isolated neighborhood, stigmatized and neglected by the public power; highlight violence, drugs, traffic, fights, mess, loud sound and vandalism as the main problems of the neighborhood; but also the lack of doctors, the presence of few public transport lines, the precarious situation of the streets and the pavement of the neighborhood, the lack of basic sanitation and sanitary control. Regarding the agency capacity of the residents, it was verified that referring to the problems of violence in the neighborhood, the interlocutors seek to take refuge in the family environment and not leave the house at night. In situations of disturbance of the quiet, vandalism and traffic of drugs some residents make denunciations by means of telephone calls to the police and others affirm to prefer not to seek help for fear of having their residence invaded or suffering some type of violence. With regard to the infrastructure problems and difficulties encountered in the services provided by the public services in the neighborhood, some residents revealed to seek help from the CRAS, to the district president, to talk with influential people of the municipal executive, to activate the media, to make improvements in the neighborhood from their own actions, such as building spines in the streets, planting trees and collaborating in the construction of places of common use.

**Keywords:** perception, agency, life situation, residents of São João neighborhood.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACS – Agente Comunitário de Saúde

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

DDT – Dicloro-Difenil-Tricloroetano

DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

ESF – Estratégia de Saúde da Família

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPPUPB – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco

MIT – Instituto Tecnológico de Massachussets

NOB – Norma Operacional Básica

PAIF – Serviço de Atendimento Integral a Família

PBF – Programa Bolsa Família

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

SPSS – Statistical Program for Social Sciences

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| FIGURA 1: ESQUEMA TEÓRICO DO PROCESSO PERCEPTIVO .....  | 38 |
| FIGURA 2: MAPA URBANO DO BAIRRO SÃO JOÃO .....  | 53 |
| FIGURA 3: FOTOGRAFIA DA RESIDÊNCIA DE UMA FAMÍLIA DO BAIRRO SÃO JOÃO.....                                     | 63 |
| FIGURA 4: FOTOGRAFIA DE MORADIAS NO BAIRRO SÃO JOÃO NA DÉCADA DE 80 .....                                     | 63 |
| FIGURA 5:FOTOGRAFIA DE UMA DAS RUAS DO BAIRRO SÃO JOÃO .....  | 67 |
| FIGURA 6:FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO .....  | 67 |
| FIGURA 7: FOTOGRAFIA IRMÃ PIERINA NA ESCOLA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL BEATA ANGELINA - BAIRRO SÃO JOÃO ..... | 68 |
| FIGURA 8: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO .....   | 70 |
| FIGURA 9: MAPA DO ESTADO DO PARANÁ COM A LOCALIZAÇÃO DE PATO BRANCO .....                                     | 74 |
| FIGURA 10: MAPA DO SUDOESTE DO PARANÁ COM A LOCALIZAÇÃO DE PATO BRANCO .....                                  | 75 |
| FIGURA 11: MAPA DE PATO BRANCO PERÍMETRO URBANO .....   | 76 |
| FIGURA 12: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO – VISTA GERAL.....   | 77 |
| FIGURA 13: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - ACESSO PELA ESTRADA RURAL DE INDEPENDÊNCIA.....                    | 78 |
| FIGURA 14: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO – PROXIMIDADE DE UMA LAVOURA COM AS RESIDÊNCIAS.....                 | 79 |
| FIGURA 15: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - VISTA PARCIAL A PARTIR DO BAIRRO ALTO DA GLÓRIA .....              | 79 |
| FIGURA 16: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO – NASCENTE NA RUA JACINTO ZANARDI .....                              | 80 |
| FIGURA 17: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO – NASCENTE NA RUA FREDERICO KLEM.....                                | 81 |
| FIGURA 18: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO – RIO NA RUA FREDERICO KLEM.....                                     | 81 |

|   |     |
|---|-----|
| FIGURA 19: MAPA URBANO DO BAIRRO SÃO JOÃO - DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS.....                            | 87  |
| FIGURA 20: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - RUA SADI BERTOL – AUSÊNCIA DE CALÇADAS E ESGOTO A CÉU ABERTO.....              | 115 |
| FIGURA 21: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - CAMPO DE FUTEBOL NA RUA EUGÊNIO PEZARICO .....                                 | 130 |
| FIGURA 22: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - RIO SITUADO ENTRE AS RESIDÊNCIAS E O CAMPO DE FUTEBOL NO BAIRRO SÃO JOÃO ..... | 131 |
| FIGURA 23: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - PRESENÇA DE ANIMAIS DO CAMPO NO BAIRRO SÃO JOÃO .....                          | 134 |
| FIGURA 24: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - CRIAÇÃO DE PATOS E GALINHAS PARA CONSUMO .....                                 | 134 |
| FIGURA 25: FOTOGRAFIA DO BAIRRO SÃO JOÃO - VEGETAÇÃO DO BAIRRO SÃO JOÃO .....   | 136 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| QUADRO 1: ETAPAS DA PESQUISA .....  | 59  |
| QUADRO 2: NÚMERO DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS DO PBF DOS LADOS A E B E VILA SÃO PEDRO .....                        | 84  |
| QUADRO 3: RENDA MÉDIA DAS FAMÍLIAS NO BAIRRO SÃO JOÃO .....   | 84  |
| QUADRO 4: MATERIAL PREDOMINANTE NAS PAREDES DAS RESIDÊNCIAS DO BAIRRO SÃO JOÃO .....                            | 84  |
| QUADRO 5: MATERIAL PREDOMINANTE NO PISO DAS RESIDÊNCIAS DO BAIRRO SÃO JOÃO .....                                | 85  |
| QUADRO 6: FONTE DE RENDA DOS MORADORES DO BAIRRO SÃO JOÃO.....  | 85  |
| QUADRO 7: IDADES DOS MEMBROS FAMILIARES .....   | 89  |
| QUADRO 8: CONDIÇÕES DE MORADIA DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS .....   | 99  |
| QUADRO 9: QUANTIDADE DE VEÍCULOS E EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS .  | 100 |
| QUADRO 10: ACESSO À SAÚDE DAS FAMÍLIAS.....   | 101 |
| QUADRO 11: ACESSO À INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....  | 101 |
| QUADRO 12: TRANSPORTE DAS FAMÍLIAS.....   | 101 |
| QUADRO 13: VIDA SOCIAL DAS FAMÍLIAS.....  | 102 |
| QUADRO 14: PERCEPÇÕES DOS INTERLOCUTORES SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS NO BAIRRO SÃO JOÃO AO LONGO DOS ANOS ..... | 113 |
| QUADRO 15: SATISFAÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS OFERTADOS NO BAIRRO .....                                | 117 |
| QUADRO 16: PARTICIPAÇÃO NA VIDA DA COMUNIDADE E DO MUNICÍPIO ...  | 127 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| GRÁFICO 1: TEMPO DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS NO BAIRRO..... | 95 |
| GRÁFICO 2: ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS .....          | 96 |
| GRÁFICO 3: RENDA DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS .....               | 97 |
| GRÁFICO 4: OCUPAÇÃO DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS .....              | 98 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>17</b>  |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>   | <b>22</b>  |
| 2.1 AMBIENTE: CONTEXTO DA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA.....                                    | 22         |
| 2.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....   | 33         |
| 2.3 LUGAR, AGÊNCIA E SITUAÇÃO DE VIDA: POSSIBILIDADES PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL..... | 39         |
| <b>3. METODOLOGIA .....</b>  | <b>47</b>  |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....   | 47         |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA .....</b>  | <b>60</b>  |
| 4.1 HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO JOÃO .....  | 60         |
| 4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO BAIRRO SÃO JOÃO .....                                     | 74         |
| 4.2 SITUAÇÃO DE VIDA DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....                                       | 88         |
| 4.3 AS PERCEPÇÕES E AÇÕES DOS MORADORES.....   | 103        |
| 4.3.1 Síntese dos resultados.....  | 139        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>144</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE A: Formulário de percepção ambiental.....</b>                                      | <b>154</b> |
| <b>APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>                             | <b>160</b> |



## 1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado foi construída, em parte, pela trajetória da pesquisadora, enquanto servidora pública e trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), chamado CRAS Paulina Bonalume Andretta, localizado no bairro São João, município de Pato Branco-Paraná.

O CRAS é um órgão público responsável pela proteção básica do SUAS e tem como finalidade prevenir situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos locais onde estão implantados, através do trabalho social com os indivíduos e suas famílias. Os serviços que são ofertados buscam fortalecer os laços familiares e comunitários, bem como possibilitar à população residente nos territórios de abrangência dos CRAS, os direitos de cidadania (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS, 2009).

O referido órgão público foi implantado na comunidade pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Pato Branco-PR em 2010, por ser reconhecido como um território que apresenta situações de vulnerabilidade e risco social, conforme sugere a determinação da Norma Operacional Básica/2005 – NOB/SUAS para a escolha dos locais de instalação dos CRAS.

Esse território localiza-se na região oeste da cidade de Pato Branco-PR dentro do perímetro urbano na zona residencial 4 e caracteriza-se como uma região da periferia. Embora, nomeado e tratado como perímetro urbano, ele está localizado em meio à zona rural, tendo no seu entorno a presença de estabelecimentos agrícolas.

No que se relaciona ao contexto histórico e de desenvolvimento do bairro, tem-se que seu surgimento deveu-se a uma ação de “desfavelamento” de famílias que viviam, na década de 80, nas margens de rodovias que atravessavam a cidade de Pato Branco-PR. Segundo relato dos moradores, inicialmente, 30 famílias foram realocadas no bairro São João. Entretanto, nenhuma forma de planejamento no que se refere ao remanejamento dessas famílias e à infraestrutura do bairro foi realizada para conduzir e acolher as pessoas.

Com o decorrer dos anos o bairro se desenvolveu e recebeu algumas melhorias em sua infraestrutura. Atualmente, possui calçamento, duas vias de

acesso com asfalto, algumas linhas de ônibus, escola, creche, ginásio, academia de idosos, posto de saúde e um CRAS.

Embora o bairro e sua população tenham se beneficiado de significativas melhorias, observa-se que as relações sociais e econômicas são afetadas pelo estigma social presente em relação ao bairro, a sua história e seus residentes. A pesquisadora presenciou no decorrer de suas atividades laborais como psicóloga, nos atendimentos, nas visitas domiciliares e institucionais, bem como, nas conversas informais, inúmeras situações de preconceito, estigma e desrespeito relativos ao bairro e a seus moradores, tanto por parte de pessoas externas ao bairro, como por parte de profissionais que atuam na comunidade e, em alguns momentos, até mesmo, pelos próprios moradores. Consoante a isso, os moradores afirmam que ao procurar emprego, após mencionarem que residem no bairro São João, sentem muitas vezes desprezo por parte de seus contratadores.

Diante destas situações, observa-se que o bairro e seus moradores são estigmatizados. De acordo com Goffman (2004) o termo estigma era usado na Antiga Grécia para se referir a pessoas que apresentavam algum sinal ou marca realizada por meio de queimaduras ou corte. Esses sinais eram feitos para “evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, 2004, p.5), identificando se a pessoa era uma criminosa, escrava ou traidora. A pessoa marcada era considerada poluída e desse modo deveria ser evitada por todos, principalmente em espaços públicos (GOFFMAN, 2004).

Com o passar do tempo o vocábulo sofreu algumas variações em seu emprego, mas manteve relação com seu sentido original. Hoje, o termo deixa de lado a questão do corpo e é mais utilizado para se referir a própria desgraça (GOFFMAN, 2004). Para o autor, a dinâmica do estigma se revela quando “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 2004, p.7).

Tomando como referência esse entendimento, observa-se que revelar morar no bairro São João aplica-se aos moradores como um atributo depreciativo e os impossibilita de manterem muitas relações afetando suas possibilidades. Assim,

percebe-se que o preconceito existente em relação ao bairro acaba por prejudicar o desenvolvimento dos moradores e em consequência da própria comunidade.

Ademais, observa-se que os moradores atravessam diariamente inúmeras privações, com dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, tanto pela falta de capacitação, quanto pelo preconceito existente em relação ao bairro e também pelos poucos horários de transporte público. Vivem ainda, mazelas no que diz respeito à pobreza, a violência, ao acesso restrito de serviços públicos e privados, bem como melhores condições de moradia e de lazer. Há, também, problemas decorrentes da falta de planejamento e de infraestrutura, quanto à acessibilidade, transporte público, saneamento básico, calçadas, telefonia e serviço de correio.

Assim, tomando como referência os problemas socioambientais e os sentimentos de aversão em relação ao bairro, a pesquisadora passou a questionar-se de que maneira a população do bairro São João percebia as condições ambientais e sociais em que vivia e como agiam em relação a essas condições.

Para atender tal inquietação constatou-se que seria necessária uma investigação mais criteriosa sobre a percepção e as ações dos moradores, pautada na ciência com suporte teórico e metodológico adequado. O que culminou com a entrada no programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional-PPGDR e o desenvolvimento do estudo que resultou na presente dissertação.

Nesse entendimento, é possível afirmar que o tema de pesquisa proposto vincula-se a problemática do desenvolvimento regional, pois o que as pessoas percebem sobre seu ambiente interfere nas suas ações, que, aliadas as institucionalidades existentes, delineiam as características de um território. Portanto, tem-se que a maneira como os sujeitos percebem e agem sobre o lugar onde vivem, influencia no seu desenvolvimento.

Calculadas nessa perspectiva, as pesquisas sobre percepção ambiental buscam compreender as relações (sociais e ambientais: socioambientais) que uma determinada sociedade mantém com o ambiente em que se insere, bem como entender os mecanismos, elementos e processos que influenciam e conduzem os indivíduos a manifestarem percepções e atitudes neste ambiente (BAY; SILVA, 2011).

Assim, tendo em vista o propósito das pesquisas em percepção ambiental e também os problemas sociais, ambientais e de infraestrutura urbana do bairro São

João, esta pesquisa buscou compreender: de que modo os moradores desse bairro percebem as condições socioambientais do lugar onde vivem? Diante dessas percepções, quais estratégias esses moradores desenvolvem frente às suas demandas e de sua comunidade?

A importância em compreender a percepção dos moradores do bairro São João encontra-se na possibilidade de compreender a dinâmica socioambiental do bairro, favorecendo tanto a compreensão dos próprios moradores sobre suas percepções e ações, como possibilitar informações para o planejamento urbano e gestão territorial do bairro, bem como contribuir com os estudos em percepção ambiental ampliando o entendimento das diversas variáveis que influenciam o ato perceptivo e na possibilidade de evidenciar mais elementos que compõem a dinâmica das inter-relações pessoa-ambiente.

Nesse sentido, a presente dissertação teve como objetivos específicos: 1) compreender o processo histórico de constituição do bairro São João; 2) levantar a situação de vida dos moradores do bairro; 3) identificar as percepções dos moradores do bairro São João acerca das condições socioambientais de seu bairro; 4) identificar as ações dos moradores do bairro São João diante das condições socioambientais de seu bairro; 5) interrelacionar a situação de vida, as percepções e as ações dos moradores do bairro São João para compreender a dinâmica socioambiental do bairro.

A pesquisa iniciou com uma fase exploratória com conversas informais com lideranças e moradores aleatoriamente escolhidos, com análise de informações colhidas pela pesquisadora a partir do Cadastro Único de Pato Branco e Estratégia de Saúde da Família do bairro São João, com análise de leis, entre outros documentos. Logo em seguida, estabeleceu-se uma dinâmica para a observação participante e sistemática; as entrevistas a campo e os registros fotográficos.

Para apresentar os resultados obtidos, a presente dissertação divide-se em cinco capítulos, sendo que o primeiro compõe a introdução e apresenta uma breve contextualização do local de estudo, dos objetivos da pesquisa e da metodologia utilizada. O segundo capítulo contém o referencial teórico focado nos conceitos de ambiente, percepção ambiental, lugar, agência e situação de vida. Esse capítulo busca contextualizar a relação estabelecida entre seres humanos e natureza a partir da modernidade. Discute a crise ambiental e os riscos decorrentes do atual modelo

de desenvolvimento; busca compreender os elementos cognitivos, comportamentais e ambientais que constituem o processo perceptivo e a influência das institucionalidades, dos sentimentos de afeto e pertencimento no desenvolvimento do lugar e de seus moradores.

O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico realizado pela pesquisadora para analisar as percepções e ações dos moradores, sendo definido como uma pesquisa qualitativa com ênfase descritiva e para tal utilizou-se da entrevista semiestruturada e da observação participante para coletar os dados e informações. Para análise utilizou-se da técnica da análise de conteúdo e da construção de quadros e tabelas.

O quarto capítulo contempla os resultados e a análise da pesquisa. Neste capítulo apresenta-se a história do São João e o quadro da situação de vida de seus moradores, bem como as percepções e ações dos moradores sobre as condições socioambientais de sua comunidade. O quinto capítulo apresenta algumas considerações sobre o bairro e, por fim, constam as referências dos autores utilizados na construção da dissertação.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão tratadas as categorias conceituais que balizaram a construção do aporte teórico desta dissertação. Primeiramente, será abordado a categoria de ambiente (LEFF, 2001, 2004, 2006, 2010; RAYNAUT, 2006), depois os conceitos de conhecimento sensível e suas duas categorias: sensação e percepção, tendo como principais autores Chauí (2000) e Luria (1979) e por fim, a categoria de percepção ambiental, tendo como principal autor Del Rio (1999). Em seguida serão abordadas as categorias de espaço e lugar (TUAN, 2012, 2013; ESCOBAR, 2005); situação de vida (RAYNAUT; FERREIRA, 2002; CORONA, 2010) e de agência (GIDDENS, 1991, 2000, 2009; BOURDIEU, 2004, 2008).

### 2.1 AMBIENTE: CONTEXTO DA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA

Esta seção tem como objetivo contextualizar a relação entre sociedade e natureza a partir do advento da modernidade, bem como apresentar algumas considerações acerca da crise ambiental gerada pelo consumo excessivo dos recursos naturais e pela racionalidade econômica e técnica-instrumental que guiou a construção do atual modelo de desenvolvimento. Além disso, busca-se discutir sobre os riscos decorrentes da crise ambiental na qualidade de vida humana<sup>1</sup>, em especial, na qualidade de vida das pessoas que residem em comunidades carentes.

Nessa perspectiva, a fim de dar conta dos objetivos elencados e da problemática de pesquisa que orientou a elaboração da presente dissertação, primeiramente discute-se sobre a noção de modernidade e suas consequências na relação entre sociedade e natureza. Segundo Giddens (1991), a modernidade compreendeu um processo histórico de inúmeras transformações nos estilos, padrões e costumes de vida que iniciou na Europa a partir do século XVII. Essas mudanças fizeram emergir um novo modelo de organização e desenvolvimento da sociedade que, posteriormente, viria apresentar certa influência a nível mundial. Touraine (1994, p. 216) define a modernidade como a “antitradição, a derrubada das

---

<sup>1</sup> A qualidade de vida é entendida neste trabalho a partir da definição do Grupo WHOQOL como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e no sistema de valores em que vive e em relação a suas expectativas, seus padrões e suas preocupações”. (The WHOQOL Group, 1995 apud FLECK, s/a, p. 25). Disponível em: [http://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_xd.pdf](http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_xd.pdf)

convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo, ou ainda, a saída do estado natural e a entrada na idade da razão”.

Diante das noções destes autores, a modernidade pode ser entendida como um processo de intensas transformações que produziu uma ruptura na relação entre seres humanos e natureza. As relações que antes, na maior parte das culturas da pré-modernidade, eram pautadas pela reciprocidade e pelo sentimento de continuidade com a natureza, em que a vida e a sobrevivência das pessoas estavam ligadas aos movimentos e aos arranjos naturais, passam a ser orientadas pela lógica da racionalidade instrumental e do capital (GIDDENS, 1991).

Assim, a cosmovisão que orienta o sentimento de pertencimento e continuidade com a natureza é rompida. A ciência passa a ser o alicerce da compreensão da realidade. O espírito desse período gera o dualismo sujeito e objeto, corpo e mente e acaba por retirar a complexidade<sup>2</sup> do mundo real<sup>3</sup>, como declara Morin. Emerge uma nova racionalidade que altera a forma de produzir conhecimento e as relações de trabalho, que, mais tarde, será cunhada como racionalidade técnica e instrumental<sup>4</sup>. A sociedade moderna pautada por essa racionalidade e pela necessidade premente de modernização, pela “revolução nos padrões de produção e consumo” (GUIMARÃES, 2001, p. 54) e pelo ritmo intenso de utilização dos recursos naturais garantem o substrato para o nascimento do capitalismo moderno e seu modelo de desenvolvimento.

A era industrial e capitalista foi se consolidando por volta da segunda metade do século XIX e com ela avança a exploração de seres humanos e de recursos naturais do planeta. Era que, durante um longo período, foi sustentada pela certeza de que os recursos naturais jamais seriam extintos, que a riqueza seria distribuída e por uma fé nas certezas nos progressos da técnica e da ciência (RAYNAUT, 2006), na resolução de seus problemas.

---

<sup>2</sup> A palavra complexidade tem origem na palavra “complexus que significa o que foi tecido junto” (MORIN, 2000, p.38).

<sup>3</sup> O mundo real, na sua essência, é total. Ele é feito de interações múltiplas e complexas entre os muitos elementos que o compõem, não conhecendo ou admitindo fronteiras estanques (RAYNAUT, 2004, p. 25).

<sup>4</sup> Racionalidade que vem sendo construída com a expansão da ciência moderna e do modo de produção capitalista desde o advento da modernidade, que orienta a redução, a segregação e a simplificação do conhecimento e da complexidade do real. Forma de pensamento que obedece aos princípios cartesianos e exclui os saberes tradicionais.

Nesse contexto, “a indústria moderna aliada com a tecnologia transforma o mundo da natureza de maneira inimaginável para as gerações anteriores” (GIDDENS, 1991, p. 57). Os processos empregados para explorar a natureza produzem poluição, resíduos e degradação. A relação que se estabelece com o ambiente é de exploração e produção de riscos. A sociedade moderna que deveria ser a sociedade do progresso passa a ser contraditoriamente a sociedade que degrada a natureza e a vida. Ao mesmo tempo em que ela possibilita a expansão do conhecimento científico e avanços tecnológicos, trazendo conforto, a cura de muitas doenças e uma infinidade de facilidades e bens de consumo, ela também produz riscos acarretando desequilíbrio nos ecossistemas, diminuição da biodiversidade, esgotamento dos recursos naturais, poluição, infertilidade dos solos, desmatamento, pobreza, violência entre outros problemas ambientais e sociais.

Destarte, observa-se que o modelo de desenvolvimento conquistado na modernidade, leva a patamares excessivos de depredação e destruição da natureza fabricando uma sociedade de risco. Assim, concorda-se com Beck (2010, p. 23) que afirma que com o desenvolvimento industrial “a produção social da riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos”. Para o autor as ameaças e os riscos na modernidade diferem dos riscos medievais, devido ao seu caráter de globalidade tanto por afetarem os seres humanos, as plantas e os animais, os ecossistemas como um todo, como por não fazerem distinções entre povos ou regiões.

Nesse sentido, “os riscos cedo ou tarde acabam alcançando aqueles que produziram ou lucram com eles. Eles contêm um efeito bumerangue, que implode o esquema de classes” (BECK, 2010, p. 27), mesmo que se saiba que os mais pobres são, em geral, os mais afetados. Por conseguinte, o autor (1997, p. 16) declara que “a sociedade de risco não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas”. Ela refere-se a um período da modernidade em que as ameaças e os riscos produzidos na sociedade industrial passam a ganhar magnitude e tornam-se imprevisíveis (BECK, 1997).

Os riscos não se configuram mais apenas como problemas ambientais, “mas sim como uma crise institucional profunda da própria sociedade industrial” (BECK, 1997, p. 19). Os efeitos colaterais decorrentes do processo de modernização passam a questionar as instâncias que reproduzem o modelo de desenvolvimento



hegemônico, que degrada a natureza produzindo a problemática socioambiental. Assim, a sociedade moderna industrial passa a se autoconfrontar com os riscos por ela criados, “torna-se reflexiva (no sentido mais estrito da palavra), o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para ela própria” (BECK, p. 19, 1997).

A sociedade reflexiva da qual trata Beck, pode ser identificada, no processo de construção da crítica ao modelo de desenvolvimento e de seus efeitos perversos para o homem e a natureza, identificados por diferentes atores e instituições. Pode-se dizer que a partir da década de 1960, há um conjunto de conhecimentos, experiências e catástrofes que dão à problemática socioambiental a conotação de crise sistêmica, entre eles a publicação da obra *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson (1962), que expõe a relação entre o uso intensivo de agrotóxicos na produção de alimentos (inicialmente o DDT), com a saúde humana (câncer). Suas pesquisas apontavam as consequências dos agroquímicos para a diminuição da biodiversidade, a contaminação dos solos e da água, e a presença de resíduos no corpo humano, até mesmo no leite materno, entre outros problemas socioambientais.

Além desta publicação, outro evento importante que marcou esse período e reforçou a necessidade de discussão sobre os problemas ambientais foi a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972 na cidade de Estocolmo. A partir desta conferência a problemática ambiental ganhou ainda mais ênfase a nível mundial no cenário de discussão da década de 70 e passa a engendrar uma nova racionalidade na sociedade, apontando a necessidade de mudanças no estilo de vida, no fazer científico e no modo de produção e consumo predominantes no modelo de desenvolvimento capitalista (LEFF, 2001).

Outra obra que também teve grande influência na discussão da problemática ambiental foi o relatório publicado em 1972 intitulado *The Limits to Growth: A Report for The Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*, de Meadows et al (1972)<sup>5</sup>. O relatório foi solicitado pelo Clube de Roma<sup>6</sup> ao MIT (Instituto Tecnológico

---

<sup>5</sup> Limites do Crescimento: Um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade.

<sup>6</sup> O Clube de Roma foi uma organização fundada pelo industrial italiano e presidente do Comitê Econômico da OTAN, Aurelio Peccei. O grupo era formado por empresários, economistas, cientistas e educadores e tinha como objetivo refletir sobre o sistema global dominante e encorajar novas

de Massachussets) com o objetivo de expor os limites do crescimento econômico e suscitar o debate sobre as questões ambientais (OLIVEIRA, 2012). Para realizar esta tarefa os pesquisadores envolvidos construíram um modelo matemático para analisar cinco das principais questões de preocupação mundial: “industrialização, rápido crescimento demográfico, desnutrição generalizada, esgotamento dos recursos não renováveis e deterioração do ambiente” (MEADOWS ET AL, 1972, p. 21). A partir do modelo a equipe concluiu que se os humanos não mudassem com urgência sua relação com o ambiente no período de 100 anos o planeta atingiria os limites de crescimento. Como medida para buscar o equilíbrio do planeta e garantir um futuro sustentável à humanidade os pesquisadores sugeriram como alternativas: a redução da emissão de poluentes, a produção de energia nuclear, o aproveitamento das reservas remotas, a ampliação dos recursos de reciclagem, o controle da natalidade e restrições ao crescimento econômico (MEADOWS ET AL, 1972).

Frente à discussão apresentada, observa-se que há décadas a crise socioambiental e o futuro do planeta fazem parte das pesquisas científicas e da agenda política mundial (OLIVEIRA, 2012). O modo de apropriação do ambiente engendrado pelo atual modelo de desenvolvimento acarreta consequências danosas à qualidade de vida humana e a natureza, pois ultrapassa os limites de exploração que a natureza pode suportar. Assim, concorda-se com Guimarães (2006, p. 17) que “o modelo de desenvolvimento da sociedade moderna se mostra claramente esgotado por ser insustentável ambientalmente (em sua dimensão biológica e social)”. A racionalidade técnica instrumental e econômica que o sustenta incita padrões de pensamento reducionistas, fabrica relações de trabalho e de conhecimento despedaçadas, relações afetivas frágeis e desencadeia uma crise ambiental sem precedentes.

Embora o conhecimento e as tecnologias existentes ampliem as possibilidades de resolver problemas socioambientais e as formas dos seres humanos se conectarem uns aos outros, esses conhecimentos são incapazes de por fim a crise ambiental. Morin afirma que:

O século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica. Ao

mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, e esta cegueira gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas (MORIN, 2000, p. 45).

Nessa passagem, o autor tenta elucidar que o século XX produziu a simplificação da realidade em diversas áreas especializadas de conhecimento. Em resultado, muitos problemas que se colocam à sociedade não podem ser respondidos, pois o olhar e o método que tentam resolvê-los alcançam apenas alguns de seus aspectos. Não acolhendo os problemas em sua totalidade.

Nesse entendimento, toma-se como exemplo a área médica, em que muitas vezes o paciente torna-se apenas um joelho, um braço, um estômago. O profissional direciona sua escuta apenas para os sintomas do membro ou órgão acometido. Não investiga a história de vida de seu paciente, seu modo de funcionamento e sua família. Prevaecem os ouvidos treinados, a técnica e a experiência dos casos anteriores. A vida em sua totalidade é apenas paciente. Em resultado, as queixas são tratadas a partir de seus efeitos e as relações entre as variáveis que causam a manutenção da doença não se desvelam.

Por meio deste exemplo, verifica-se que o modo de produzir conhecimento da ciência moderna molda uma forma de pensamento e apreensão da realidade simplista e reducionista, que exclui a multidimensionalidade, a incerteza e a incompletude (MORIN, 2005). Leff afirma que:

A ciência simplificadora, ao desconhecer o real, construiu uma economia mecanicista e uma racionalidade tecnológica que negaram os potenciais da natureza. As aplicações do conhecimento fragmentado, do pensamento unidimensional, da tecnologia produtivista aceleraram a degradação entrópica do planeta, fazendo brotar a complexidade ambiental pelo efeito acumulado de suas energias negativas (LEFF, 2004, p.78).

Diante das considerações apresentadas e com base nas reflexões de Leff, verifica-se que a racionalidade econômica e científica por meio de seu intenso ritmo de extração e utilização dos recursos naturais e da produção em larga escala com vistas à obtenção de lucros no curto prazo, depredou o ambiente gerando a atual crise ambiental (LEFF, 2006). Em resultado, o ambiente torna-se o lócus dos problemas socioambientais e da expressão dos riscos impostos por essa racionalidade. Nesse sentido, concorda-se com Leff (2006, p.138):

A questão ambiental aparece como sintoma da crise da razão da civilização moderna, como uma crítica da racionalidade social e do estilo de

desenvolvimento dominantes, e como uma proposta para fundamentar um desenvolvimento alternativo.

Nas palavras de Guimarães (2006, p.22) “a crise ambiental atual é produto da crise do modelo de sociedade moderna e de seus paradigmas”. Na mesma linha de pensamento, Leff (2001, p. 15, 16) define que “a crise ambiental reflete a irracionalidade dos padrões predominantes de produção e consumo, marcando os limites do crescimento econômico”. O autor afirma que:

A crise ambiental irrompe na história contemporânea marcando os limites da racionalidade econômica. Ao mesmo tempo emerge o pensamento da complexidade como resposta ao projeto epistemológico positivista do conhecimento e homogeneizador do mundo. Este ponto de inflexão da história levou à reflexão sobre os fundamentos do saber e o sentido da vida que orientem um desenvolvimento sustentável para a humanidade. São três os pontos fundamentais de fratura e renovação que caracterizam esta crise:

- 1) Os limites do crescimento e a construção de um novo paradigma de produção sustentável;
- 2) A fragmentação do conhecimento e a emergência da teoria de sistemas e do pensamento da complexidade;
- 3) O questionamento da concentração do poder do Estado e do mercado, e a reivindicação de democracia, equidade, justiça, participação e autonomia, da parte da cidadania (LEFF, p. 236, 2001).

Dessa forma, observa-se que os efeitos da degradação ambiental não provocaram alterações apenas na natureza, a crise ambiental provoca consequências degradantes de ordem políticas e sociais, ela põe em questionamento o modo de produção capitalista, a racionalidade técnica e instrumental e o modelo de desenvolvimento atual (LEFF, 2010). “A problemática ambiental, mais do que uma crise ecológica, revela-se como um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia” (LEFF, 2004, p. 71).

O ambiente emerge como consequência das formas de conhecimento do mundo, da objetivação da realidade e do domínio da natureza por meio da imposição de um logos, de uma razão que dominou o homem e super explorou a natureza, subjulgando culturas e saberes, pela imposição de uma racionalidade econômica, científica e tecnológica sobre o ser do real, sobre o ser humano (LEFF, 2006, p. 176).

Por conseguinte, Leff (2004) defende que o ambiente questiona os seres humanos sobre os problemas socioambientais atuais e seus determinantes, bem como a necessidade de enfrentamento desses problemas para se alcançar a sustentabilidade. Nesse sentido, os problemas decorrentes da crise ambiental conduzem o ser humano a tentar compreender o mundo sem fragmentá-lo, sem retirar a complexidade que existe no real e que se revela como sua característica

essencial para assim reconstruir o ambiente (LEFF, 2004). Deste modo, o ambiente torna-se um objeto interdisciplinar<sup>7</sup> por excelência. Como categoria teórica, revela a complexidade das relações entre os seres humanos e seu lugar vivido. Revela que o social e o natural estão diretamente imbricados e são indissociáveis. Com base nessa compreensão, concorda-se com Leff (2004, p. 16):

O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento.

O ambiente não é apenas o espaço natural, mas é também a casa que moramos, a escola, o trabalho, os espaços de convivência, os espaços acadêmicos e a discussão política. O ambiente é tudo aquilo que nos cerca e permeia as relações humanas e também o modo como os seres humanos se apropriam dos espaços onde vivem e da natureza. Em consequência, a relação que os seres humanos mantêm com o ambiente influencia em seu desenvolvimento. Os seres humanos engendram mudanças no ambiente e esse ambiente transformado passa novamente a influenciar os seres humanos e suas relações.

Assim, o ambiente é esse imbricamento entre a ação humana e o espaço natural e construído. O ambiente se realiza nas relações sociais, produtivas, econômicas, culturais e de poder. Nesse sentido, observa-se que o desenvolvimento de uma determinada comunidade depende das relações que foram construídas e nutridas dentro de um determinado território, pela comunidade residente e pelas relações de poder, sejam elas de investimento ou exploração.

Por conseguinte, nos territórios, observam-se diferenças na qualidade de vida, poder econômico, instrução, cuidado com o ambiente e presença de problemas ambientais. Igualmente, verifica-se que a relação de apropriação do ambiente engendrada pelo modelo de desenvolvimento capitalista e sua racionalidade técnica instrumental gera desigualdade social inclusive no que se refere à distribuição dos riscos ambientais.

---

<sup>7</sup> A interdisciplinaridade surgiu como um propósito de reorientar o conhecimento para reaprender a unidade da realidade e para solucionar os complexos problemas gerados pela homogeneização forçada que induz a racionalidade econômico-tecnológica dominante. Este projeto busca fundamentar-se num método capaz de fazer convergir os olhares dispersos dos saberes disciplinares sobre uma realidade homogênea, racional e funcional, eliminando as divisões estabelecidas pelas fronteiras dos territórios científicos, cancelando o espaço próprio de seus objetos de conhecimento, para reconstruir um mundo unitário (LEFF, 2001, p. 170).

Desse modo, embora os riscos ambientais possuam um caráter de globalidade e atinjam todas as classes sociais e territórios, ainda assim, a sociedade de risco, acaba por segmentar a maior parcela desses riscos a grupos específicos (BECK, 2010). Acselrad (2009) afirma que os riscos ambientais estão distribuídos por renda e etnia. No que se refere ao Brasil, o autor afirma que:

A desigualdade ambiental é sem dúvida uma das expressões da desigualdade social que marcou a história do nosso país. Os pobres estão mais expostos aos riscos decorrentes da localização de suas residências, de vulnerabilidade destas moradias a enchentes, desmoronamentos e à ação de esgotos a céu aberto. Há conseqüentemente forte correlação entre indicadores de pobreza e a ocorrência de doenças associadas à poluição por ausência de água e esgotamento sanitário ou por lançamento de rejeitos sólidos, emissões líquidas e gasosas de origem industrial. Esta desigualdade resulta, em grande parte, da vigência de mecanismo de privação do uso dos recursos ambientais coletivos – água, ar e solos (ACSELRAD, 2000, p. 1).

Perante a análise proposta por Acselrad, percebe-se que o modelo de desenvolvimento que se coloca confirma as desigualdades sociais e relega aos mais pobres a maior parte dos riscos produzidos (ACSELRAD, 2009). O autor afirma que:

Os mais ricos tendem a escapar dos riscos ambientais residindo em áreas mais protegidas, cujo solo tem mais valor. Aos mais pobres correspondem condições ambientais de existência mais degradadas, por um duplo mecanismo: 1) empurram-se as populações de menor renda para áreas de maior risco e menos atendidas por infraestrutura e 2) situam-se fontes de risco e de grande impacto ecológico em áreas habitadas por grupos sociais menos capazes de se fazer ouvir no espaço público e de se deslocar para fora do circuito de risco (ACSELRAD, 2009, p. 78).

Assim, os mais desprovidos recebem o maior montante dos riscos sem as ferramentas necessárias para questioná-los. Nesse entendimento, os benefícios do desenvolvimento são aproveitados por uma minoria e um quadro de injustiça ambiental se coloca para as populações mais carentes (ACSELRAD, 2009). Acselrad (2009) afirma que:

A noção de justiça ambiental implica, pois, o direito a um meio ambiente seguro, sadio e produtivo para todos, onde o “meio ambiente” é considerado em sua totalidade, incluindo suas dimensões ecológicas, físicas construídas, sociais, políticas, estéticas e econômicas. Refere-se, assim, às condições em que tal direito pode ser livremente exercido, preservado, respeitado e realizando plenamente as identidades individuais e de grupo, a dignidade e a autonomia das comunidades (ACSELRAD, 2009, p. 16).

Nessa perspectiva, observa-se que é preciso redirecionar a relação que os seres humanos tecem com o ambiente. É necessário redefinir a maneira como os

seres humanos enxergam o ambiente e construir estratégias que se oponham de modo enfático ao liberalismo econômico e as relações capitalistas (RAYNAUT, 2006), pois à construção da sustentabilidade não deve ser a fusão da lógica ecológica na lógica do capital (LEFF, 2004). Nesse sentido, Guimarães afirma que é necessário advogar por uma nova forma de desenvolvimento que seja:

Ambientalmente sustentável no acesso e no uso dos recursos naturais e na prevenção da biodiversidade; *socialmente* sustentável na redução da pobreza e das desigualdades sociais e promotor da justiça e da equidade; *culturalmente* sustentável na conservação do sistema de valores, práticas e símbolos de identidade que, apesar de sua evolução e sua reatualização permanentes, determinam a integração nacional através dos tempos; *politicamente* sustentável ao aprofundar a democracia e garantir o acesso e a participação de todos nas decisões de ordem pública (GUIMARÃES, 2001, p.55).

Essa nova forma de desenvolvimento, comporta uma nova ética em que o progresso econômico será submisso à qualidade de vida dos seres humanos, aos valores de respeito e dignidade e a preservação da natureza (GUIMARÃES, 2001). Nesta pesquisa, compreende-se que esse novo estilo de desenvolvimento abarca a noção de desenvolvimento sustentável.

Leff (2010) afirma que para chegar a um desenvolvimento sustentável é necessário construir uma nova racionalidade científica com diretrizes e métodos capazes de possibilitar uma análise unificada da realidade e assegurar a criação de uma nova racionalidade econômica que assegure a gestão dos recursos naturais de forma democrática, que reconheça o direito de todos e interiorize as bases ecológicas, sociais e jurídicas do desenvolvimento.

Assim, verifica-se que para ultrapassar o paradigma científico e econômico do atual modelo de desenvolvimento e alcançar a sustentabilidade é necessário um trabalho teórico comprometido com a elaboração de estratégias que sustentem práticas sociais dirigidas aos objetivos do desenvolvimento sustentável (LEFF, 2010), bem como uma reforma no pensamento, como propõe Morin (2000, 2003). Este autor afirma que essa nova forma de pensar deve ser competente em unir os conhecimentos que foram separados e estabelecer uma ética de solidariedade entre os humanos (MORIN, 2003).

A reforma de pensamento é uma necessidade democrática fundamental: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de sua época é frear o enfraquecimento democrático que suscita, em todas as áreas da política, a expansão da autoridade dos experts, especialistas de toda ordem, que

restringe progressivamente a competência dos cidadãos. Estes são condenados à aceitação ignorante das decisões daqueles que se presumem sabedores, mas cuja inteligência é míope, porque fracionária e abstrata. O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível com uma reorganização do saber; e esta pede uma reforma do pensamento que permita não apenas isolar para conhecer, mas também ligar o que está isolado, e nela renasceriam, de uma nova maneira, as noções pulverizadas pelo esmagamento disciplinar, o ser humano, a natureza, o cosmo, a realidade (MORIN, 2003, p. 103, 104).

Para o autor a reforma do pensamento irá produzir uma nova forma de racionalidade que enfrenta a incerteza e aceita as contradições e os conflitos presentes nos problemas e no diálogo entre os diferentes saberes. Na mesma compreensão Leff (2004, p. 64) define que “a complexidade ambiental emerge de uma hibridação de diversas ordens do real”. Afirma ainda que:

O saber ambiental forja-se no encontro (enfrentamento, entrecruzamento, hibridação, complementação, antagonismo) de saberes diferenciados por matrizes de racionalidade-identidade-sentido, que respondem a estratégias de poder pela apropriação do mundo e da natureza [...] A complexidade ambiental é uma nova compreensão do mundo, incorporando o limite do real, a incompletude do ser e a impossível totalização do conhecimento. Implica saber que a incerteza, o caos e o risco são, ao mesmo tempo, efeitos da aplicação do conhecimento que pretendia anulá-los e condição intrínseca do ser e do saber (LEFF, 2004, p. 67, 72).

Dessa forma, Leff (2006) ressalta que o ambiente não é um objeto perdido dentro da fragmentação do conhecimento e da especialização das disciplinas, também não é um espaço que pode ser reintegrado pela troca dos conhecimentos entre os campos do saber. “O ambiente é essa falta de conhecimento que não se completa nem se totaliza, que anima um processo interminável de construção dos saberes” (LEFF, 2004, p. 35). É a falta de conhecimento no conhecimento que motiva a busca pelo saber e produz a necessidade de dialogar com as diversas áreas do conhecimento para buscar “a completude das ciências, o equilíbrio ecológico e a justiça social” (LEFF, 2006, p.78).

Por conseguinte, “a produção de uma nova racionalidade ambiental aparece como um processo de produção teórica, desenvolvimento tecnológico, mudanças institucionais e transformação social” (LEFF, 2006, p. 110). Para que isto aconteça Leff (2010) salienta que é necessário um trabalho árduo, pois transformar esta racionalidade depende de um conjunto de condições econômicas e políticas.

A construção de uma nova racionalidade ambiental é um processo político e social que passa pelo confronto e concerto de interesses opostos, pela reorientação de tendências (dinâmica populacional, racionalidade do crescimento econômico, padrões tecnológicos, práticos de consumo); pela



ruptura de obstáculos epistemológicos e barreiras institucionais; pela criação de novas formas de organização produtiva, inovação de novos métodos de pesquisa e produção de novos conceitos e conhecimentos (LEFF, 2006, p.112).

Observa-se que não há como entender o ambiente sem entender as relações produtivas, sociais e culturais e a dimensão das transformações feitas pelo homem. O ambiente se revela como uma categoria sociológica, “relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes” (LEFF, 2006, p.160). Dessa forma, entender o ambiente atravessa a compreensão do modo como os seres humanos se apropriam dos espaços naturais e construídos e das relações mantidas com eles. Sendo que essas relações são mediadas e orientadas pelas percepções que são construídas na subjetividade de cada sujeito ao longo de sua história. Portanto, estudar o que os seres humanos percebem sobre os locais onde vivem pode contribuir para o entendimento dos modos de ocupação e apropriação do ambiente. Logo, o próximo capítulo busca trazer elementos para compreender os processos que levam o ser humano a formular avaliações, ideias e crenças sobre seu ambiente e a construir sua interpretação sobre ele, ou seja, trata da temática da percepção ambiental.

## 2.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Esta sessão busca apresentar o que é a percepção, os elementos cognitivos e comportamentais que a compõem e seu processo de funcionamento, bem como a definição de percepção ambiental e exemplos de estudos.

Primeiramente busca-se se entender o que é percepção a partir das noções de Marilena Chauí (2000). A autora esclarece que a percepção se caracteriza como uma forma de conhecimento sensível. O conhecimento sensível, por sua vez, também denominado “de conhecimento empírico ou experiência sensível” (CHAUÍ, 2000, p.151), possui a sensação e a percepção como suas principais expressões (CHAUÍ, 2000). A autora destaca ainda, que na tradição filosófica, a sensação e a percepção estão situadas entre duas grandes correntes: a empirista e a idealista.

Para a corrente empirista a percepção e a sensação são obtidas através do trabalho dos objetos/fenômenos e situações presentes no ambiente externo sobre o organismo (CHAUÍ, 2000). A sensação se configura como um processo pontual, em que os sentidos humanos após terem contato com um objeto do mundo externo

enviam uma mensagem para o cérebro, que acolhendo esta informação envia uma resposta aos receptores sensoriais na forma de sensação (CHAUÍ, 2000) “(uma cor, um sabor, um odor), ou de uma associação de sensações numa percepção (vejo um objeto vermelho, sinto o sabor de uma carne, sinto o cheiro da rosa, etc)” (CHAUÍ, 2000, p. 151). Enquanto que a percepção diz respeito à tarefa de integrar as sensações e interpretá-las.

Já, para os idealistas as condições externas referem-se apenas a situação ou motivo para que a sensação e a percepção aconteçam. Desse modo, o processo perceptivo está sujeito às habilidades individuais e depende delas (CHAUÍ, 2000). Para eles não existiria propriamente algo nomeado como percepção, mas sensações desorganizadas, que após serem organizadas pela inteligência seriam chamadas de percepção. Em consequência, a percepção se refere a “um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento, que confere organização e sentido às sensações” (CHAUÍ, 2000, p. 152).

Para os idealistas os órgãos dos sentidos não fornecem informações sobre os fenômenos que ocorrem no ambiente, eles apenas acolhem os estímulos externos e geram respostas mecânicas (LURIA, 1979). O olho pode ser estimulado por um choque elétrico e produzir a sensação de luz. Dessa forma, os idealistas acreditam que “o homem não pode perceber o mundo exterior e a única realidade são os processos subjetivos, que refletem a atividade dos órgãos dos sentidos, estes sim criadores dos ‘elementos do mundo’ subjetivamente perceptíveis” (LURIA, 1979, p.3).

Nesse sentido, Luria (1979) defende que os idealistas falharam ao afirmarem que as sensações reagem de forma passiva frente aos estímulos presentes no ambiente externo. Para esses pensadores “as sensações separam o homem do mundo exterior por serem uma muralha intransponível entre ele e esse mundo” (LURIA, 1979, p.3). Por conseguinte, nessa lógica não haveria possibilidade de representação objetiva do mundo, o ser humano só poderia ter acesso e compreender a si mesmo (LURIA, 1979). Entretanto, o autor sublinha que a comunidade científica tratou de mostrar este equívoco ao longo dos anos por meio das pesquisas e avanços científicos.

Por meio da teoria reflectora das sensações Luria (1979) demonstra que as sensações possuem caráter ativo, até mesmo em uma situação que a princípio

trataria de reações físico-motoras. Para isso, o autor se fundamenta nas observações realizadas pelo psicólogo americano Neff, que 70 anos antes de seus estudos afirmava que:

Se observássemos pelo microscópio a parte da pele irritada por uma agulha, poderemos ver que o momento do surgimento da sensação é acompanhado por reações reflectoras motoras dessa área da pele. Posteriormente, foi estabelecido através de inúmeras pesquisas que a composição de cada sensação é integrada por um movimento, às vezes em forma de reação vegetativa (compressão dos vasos, reflexo cutâneo-galvânico), às vezes em forma de reações musculares (virada de olhos, tensão dos nervos do pescoço, reações motoras do braço, etc.) (LURIA, 1979, p. 7).

Nessa perspectiva, mesmo em relação aos mecanismos fisiológicos, observa-se que a sensação não se configura apenas como uma reação, mas como um processo ativo, pois agrega a participação de elementos motores durante sua atividade (LURIA, 1979).

O autor afirma que são as sensações que “ligam o homem ao mundo exterior e tanto representam a fonte principal do conhecimento quanto à condição fundamental do desenvolvimento psíquico do indivíduo” (LURIA, 1979, p. 2). Nessa compreensão, ele declara que se os órgãos sensoriais não colaborassem com as informações ou as sensações fossem bloqueadas, a atividade consciente seria impossível em qualquer ordem.

Assim, muito distante dos idealistas que entendem que o ser humano só pode compreender a si mesmo e dos empiristas que consideram que “a sensação conduz à percepção como uma síntese passiva” (CHAUÍ, 2000, p. 152), observa-se que o processo realizado pelo organismo para compreender as informações recebidas do mundo externo é muito mais complexo:

O processo de informação não é, de modo algum, o resultado da simples excitação dos órgãos dos sentidos e da simples chegada ao córtex cerebral das excitações que surgem nos receptores periféricos (a pele, os olhos). No processo de percepção estão sempre incluídos componentes motores em forma de apalpação do objeto, de movimento dos olhos que distingue os pontos mais informativos, de emissão de sons correspondentes que desempenham papel essencial no estabelecimento das peculiaridades mais importantes do fluxo sonoro [...] Os processos reais de reflexos do mundo exterior vão muito além dos limites das formas mais elementares. O homem não vive em um mundo de pontos luminosos ou coloridos isolados, de sons ou contatos, mas em um mundo de coisas, objetos e formas, em um mundo de situações complexas; independentemente de ele perceber as coisas que o cercam em casa, na rua, as árvores e a relva dos bosques, as pessoas com quem se comunica, os quadros que examina e os livros que lê, ele está invariavelmente em contato não com as sensações isoladas mas com

imagens inteiras; o reflexo dessas imagens ultrapassa os limites das sensações isoladas, baseia-se no trabalho conjunto dos órgãos dos sentidos, na síntese de sensações isoladas e nos complexos sistemas conjuntos. Essa síntese pode ocorrer tanto nos limites de uma modalidade (ao analisarmos um quadro, reunimos impressões visuais isoladas numa imagem integral) como nos limites de várias modalidades (ao percebermos uma laranja, unimos de fato impressões visuais, táteis e gustativas e acrescentamos os nossos conhecimentos a respeito da fruta). Somente como resultado dessa unificação é que transformamos sensações isoladas numa percepção integral, passamos do reflexo de indícios isolados ao reflexo de objetos ou situações inteiros (LURIA, 1979, p. 38, 40).

Observa-se que a atividade perceptiva possui a participação de vários órgãos sensoriais, sendo necessário o trabalho em conjunto desses órgãos para formar a percepção. Assim, verifica-se que a percepção não é uma função simples, visto que possui o trabalho de um conjunto de órgãos e também, pela participação da fala, que consiste numa operação de nível superior da atividade psíquica (LURIA, 1979).

Os seres humanos não apenas observam objetos/fenômenos ou situações e registram passivamente suas características, mas distinguem e unificam suas propriedades por meio da atividade dos sentidos, da cognição e do repertório linguístico do sujeito, interpretando-as, nomeando-as e conferindo-lhes categorias (LURIA, 1979).

Para Penna (1973, p.11) “perceber é conhecer, através dos sentidos, objetos e situações”. O autor destaca que para esse comportamento ocorrer é necessário estar próximo aos objetos, tanto no espaço como no tempo. Nesse sentido, o autor destaca que podemos ter uma representação mental de um objeto distante no tempo, como uma lembrança ou um pensamento, contudo dificilmente conseguimos percebê-los. O mesmo acontece com os objetos distantes no espaço, eles podem até ser reconhecidos, mas não podem ser percebidos de forma integral. Dessa forma, o comportamento de perceber se caracteriza por uma limitação de informações. “A percepção é, assim, forma restrita de captação de conhecimentos” (PENNA, 1973, p.11).

Sintetizando, pode-se afirmar que a percepção pode ser entendida como o contato ou a relação que o organismo estabelece com o seu ambiente (DAY, 1972). Day enfatiza que duas situações precisam ser levadas em consideração no entendimento da percepção. A primeira diz respeito ao fato de que a percepção se refere ao que acontece no interior do organismo e também na relação com os

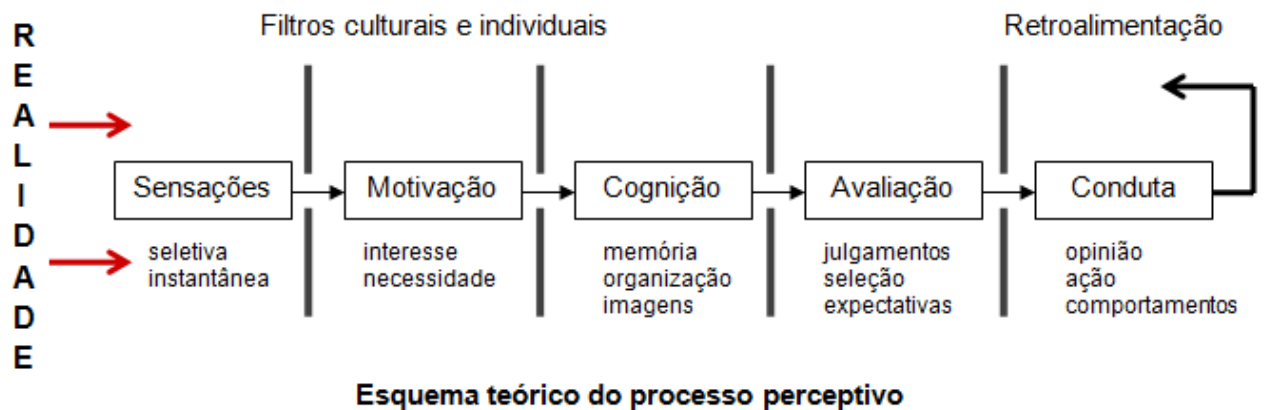
objetos e acontecimentos externos ao organismo. Em segundo lugar, observa-se que até mesmo os organismos mais simples precisam da percepção para manter contato com o ambiente e sobreviver, dessa forma a percepção não se refere a uma função realizada unicamente pelos seres humanos.

Contudo, Okamoto (2002) enfatiza que os seres humanos são os únicos animais que atribuem significados à realidade, ao mundo e as suas vivências e se comportam em função disso. Buscam um significado para a vida através de valores, ideias, expectativas e projetos, enquanto que os animais se comportam apenas para sobreviver. Nessa perspectiva, o autor salienta que o “comportamento humano é um comportamento simbólico” (OKAMOTO, 2002, p. 70).

Visto que a presente pesquisa prioriza os aspectos da relação do ser humano com os seus ambientes, não cabe aqui focar nos aspectos biológicos e cognitivos da percepção. Desse modo, o que será levado em conta são os estudos e experiências que estão situados nos aspectos da interpretação do fenômeno perceptivo a fim de contribuir para interpretar o sistema de valores e expectativas de uma comunidade específica, nesse caso o bairro São João.

O estudo sobre percepção ambiental de Del Rio (1999), realizado na área portuária do Rio de Janeiro, intitulado *Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção Ambiental a Revitalização na Área Portuária do RJ*, propõe que para entender as interações entre o ser humano e o ambiente é necessário investigar os processos cognitivos que constituem a percepção ambiental. Para o autor a percepção pode ser compreendida “como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos” (DEL RIO, 1999, p.3). A partir desta noção, o autor constrói um esquema de explicação das operações da atividade perceptiva. Em que primeiro, o sujeito experiência a realidade através das sensações, estas modulam sua motivação, que por sua vez passam pela cognição, essa motivação é avaliada por meio dos julgamentos e das expectativas e tornam-se conduta.

Para melhor ilustrar as etapas do processo perceptivo apresenta-se o esquema teórico proposto pelo pesquisador na Figura 1:



**Figura 1: Esquema teórico do processo perceptivo**  
 Fonte: Del Rio (1999, p. 3)

Considerando o exposto, observa-se que a percepção é atravessada pela biologia, pela história de vida, pelo grau de instrução e pelas relações familiares e sociais as quais o indivíduo esteve exposto durante a vida e por sua capacidade de avaliar e significar as demandas que lhe são apresentadas. Nesse sentido, a percepção, então, é uma atividade, como diz Tuan (2012, p. 18) “a percepção é tanto resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. Assim, diante das situações e fatos que acontecem no dia-a-dia as pessoas recolhem dados do ambiente e “com base nesses dados promover-se a coordenação da conduta” (PENNA, 1973, P.13). Nesse contexto, assumem comportamentos nos espaços que convivem por meio dos significados que atribuem a eles e do sentimento de pertença (CASTELLO, 2007).

Em resultado, a percepção ambiental é ao mesmo tempo um fenômeno social e ambiental, pois se refere à forma como o sujeito constrói suas relações com o lugar onde vive, onde transita, onde cultiva suas relações com familiares, amigos e instituições que participa. Nessa perspectiva, concorda-se com Tassara e Rabinovich:

A percepção ambiental é um fenômeno psicossocial. É como o sujeito internaliza as suas experiências. Não há leitura da objetividade que não seja ou não tenha sido compartilhada; o sujeito sempre interpreta culturalmente e, partir daí, constitui-se como identidade. Sua identidade será como se especializa, como se temporaliza, como constrói narrativas de si próprio a partir desta espacialização e desta temporalização (TASSARA; RABINOVICH, 2003, p. 340).

Assim, a investigação da percepção conforme recomenda Ferrara (1999) se dá por meio do estudo dos sinais e das marcas provenientes da relação que se manifesta no dia-a-dia das pessoas com seu ambiente e espaços de convivência. A autora estabelece dois aspectos para as pesquisas em percepção ambiental, as pesquisas voltadas para as percepções visuais e as pesquisas voltadas para as percepções informacionais. A percepção visual, diz a autora, busca capturar os elementos singulares da imagem urbana, tais como: “cores, texturas, formas, volumes, localização e limites” (p.65). Já, a percepção ambiental informacional, não pode ser capturada de forma objetiva, devido ao condicionamento das ações no dia-a-dia que ao mesmo tempo revelam uma realidade ambiental presente e ao mesmo a obscurecem, nesse sentido a percepção ambiental pode ser capturada e avaliada por algo que a represente como marcas ou signos. Neste projeto, busca-se pesquisar a percepção ambiental informacional.

### 2.3 LUGAR, AGÊNCIA E SITUAÇÃO DE VIDA: POSSIBILIDADES PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Na presente sessão busca-se articular a categoria de percepção ambiental com as categorias de lugar, agência e situação de vida. Busca-se compreender como as características de um determinado lugar aliadas as institucionalidades presentes nesse ambiente, no caso o bairro São João, delimitam a situação de vida de seus moradores e a partir do imbricamento dessas categorias forjam a percepção dos moradores a cerca das condições socioambientais do lugar onde vivem.

A perspectiva analítica que vem sendo construída no presente trabalho busca superar as dicotomias na compreensão das interações entre seres humanos e ambiente, pois envolve questões referentes a subjetividade e a objetividade, materialidade e imaterialidade.

Em relação à subjetividade e a imaterialidade situa-se a percepção dos moradores, que é produzida pelas vivências, pelas crenças, opiniões e tudo aquilo que perpassa a trajetória de vida de cada sujeito. Ao passo que a objetividade e a materialidade, referem-se à materialização da percepção, isto é, a ação que os moradores manifestam em relação ao que percebem de seu bairro e também as condições materiais que possuem para prover a própria subsistência.

Primeiramente, abordar-se-á a categoria de lugar. Escobar (2005) afirma que a partir do conhecimento de lugar o ser humano confere sentido ao mundo, nas palavras do autor “o conhecimento local é um modo de consciência baseado no lugar uma maneira lugar-específica de outorgar sentido ao mundo” (ESCOBAR, 2005, p. 7).

Tuan (2013) também aponta que é através das vivências e experiências adquiridas no lugar que as pessoas formam seu entendimento sobre o mundo. O autor em seu livro Espaço e Lugar busca responder a questão: “qual é a natureza da experiência e da perspectiva experiencial?” (TUAN, 2013, p.16). A partir dessa inquietação o autor busca compreender como os seres humanos através de seus sentidos experimentam os espaços e os lugares. Para o autor a noção de espaço é mais abstrata que a de lugar. O espaço é experimentado pelo movimento, pela possibilidade que as pessoas têm de se locomover entre os lugares. Nesse sentido, quando uma pessoa realiza várias vezes um mesmo trajeto, ela começa a compreender o espaço e ganhar um sentido de direção. Assim, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p.14). Assim, de acordo com o mesmo autor o lugar:

É uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar [...] É o próprio microcosmo que dá sentido à existência; é mais que o lugar antropológico, mais que o habitus social ou casulo protetor psicológico: ele é tudo isso ao mesmo tempo, sendo significado geograficamente na relação corpórea e simbólica do sujeito (TUAN, 2013, p. 7, 8, 22).

Considerando as definições descritas observa-se que quando os sujeitos estão familiarizados e são capazes de movimentar-se pelos espaços que experimentam e vivenciam, começa a nascer o sentido de lugar. Como define Tuan (2013, p. 224) “a afeição, por uma pessoa ou uma localidade, raramente é adquirida de passagem”. É esse sentimento de afetividade entre “a pessoa, o lugar ou o ambiente físico” que Tuan (2012, p.19) denomina como topofilia.

O sentido de morar se exprime pelo sentido de lugar, pela perspectiva da experiência. O sujeito se localiza, transita, conhece, compreende, se identifica, desenvolve um sentimento de afeição e se apropria do lugar onde vive.

O que se observa é que o sentido de lugar nasce do conhecido. Carlos (2007) propõe que a metrópole e a cidade só podem ser vivenciadas de forma



limitada, pois não podem ser conhecidas em todos os seus aspectos, diferentes do bairro. O bairro, segundo a autora, pode ser entendido como o espaço das relações mais significativas dos moradores em suas rotinas e vivências. É no bairro que os moradores se encontram com os vizinhos e com os conhecidos, que se estabelecem os laços comunitários, que as crianças e os adultos realizam atividades recreativas e de lazer. Nesse sentido, a autora defende que “o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar” (CARLOS, 2007, p. 18). Assim, “o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade – lugar” (CARLOS, 2007, p. 17).

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga a produção da vida (CARLOS, 2007, p. 22).

Na mesma perspectiva Escobar (2005) define que o lugar possui história, cultura e singularidades, sendo que esses elementos formam a base das relações sociais. Nesse sentido, é resultado de diferentes práticas e das relações que se estabelecem dentro do território, sejam elas sociais, econômicas ou culturais. Para o autor os modelos locais evidenciam a dinâmica e os padrões construídos por essas práticas.

Os modelos de cultura e conhecimento baseiam-se em processos históricos, linguísticos e culturais, que, apesar de que nunca estão isolados das histórias mais amplas, podem retêm certa especificidade de lugar. Muitos dos aspectos do mundo natural são colocados em lugares. Além do mais, muitos dos mecanismos e práticas em jogo nas construções de natureza – limites, clarificações, representações, apreensões cognitivas e relações espaciais- são significativamente específicas de lugar (ESCOBAR, 2005, p. 6).

Escobar (2005) afirma que devido à globalização se tem a impressão que o lugar desapareceu, fato que tem comprometido o entendimento acerca do próprio “conhecimento, da cultura, da natureza e da economia” (ESCOBAR, 2005, p. 1).

Entretanto, Escobar (2005) propõe também que a construção social não possui fronteiras. Nesse sentido, não há distinção clara entre global e local. Embora a literatura sobre a globalização produza uma assimetria no entendimento do global e do local, em que o global prevalece sobre o local, verifica-se que a partir do lugar é

que se podem resgatar as noções de pertencimento e enraizamento. É a partir do local que as diversidades podem ser vistas, é a partir do local que a sustentabilidade pode encontrar sustentação.

Desse modo, verifica-se que o lugar é multidimensional como propõe Escobar, ele possui muitas facetas e é construído a partir de muitas variáveis. Assim, “o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (TUAN, 2013, p. 7).

Frente aos conceitos explicitados, observa-se que essa categoria ajuda a pensar a percepção ambiental no sentido de compreender a relação entre percepção e condutas dos seres humanos na sua relação com o ambiente, que é ao mesmo tempo individual e coletiva, material e imaterial. Desse modo, para avançar na construção teórica, o conceito de agência torna-se fundamental, para tratar da relação entre percepção e ação.

Para isto é necessário antes, entender o percurso da categoria de agência dentro da sociologia. De acordo com Arboleya (2013) a sociologia surgiu com a responsabilidade de construir para si uma metodologia de abordagem científica para o estudo dos fenômenos sociais, e durante esse processo havia uma forte disputa no consenso da construção dos conceitos sociológicos, que posteriormente viriam a se expressar como um dilema entre estrutura e agência, instituindo assim, duas vertentes na Sociologia, os subjetivistas e os objetivistas.

Moura e Maciel (2012) afirmam que essa dicotomia esteve presente desde o século XIX. Estudiosos com bases teóricas subjetivistas defendiam a autonomia das ações do indivíduo e os estudiosos objetivistas relegavam a autonomia dessas ações a influência das estruturas sociais. Assim, segundo os autores a demanda mais importante posta aos estudiosos da sociologia era tentar entender se as ações humanas ou a estrutura sobre essas ações que mobilizava e movimentava a vida social.

Apenas no século XX, a partir das contribuições de Giddens e Bourdieu que esse debate ganha novas perspectivas (MOURA; MACIEL, 2012). Tanto Giddens quanto Bourdieu buscam ultrapassar a dicotomia indivíduo/estrutura social (MOURA;

MACIEL, 2012) e enfatizam a relação de dependência entre ação humana e estrutura.

Para Giddens “as noções de ação e estrutura se pressupõem uma à outra”. (GIDDENS, 2000, p. 11). Giddens (2009) compreende que a produção das práticas sociais está intimamente imbricada com o modo reflexivo de conhecer e aprender dos humanos. O autor entende que para que essas práticas se reproduzam é necessário que exista reflexividade e esta só é possível quando por meio do espaço e do tempo essas práticas se mantêm. Nesse sentido, o autor expõe que na vida social o caráter de continuidade das práticas sociais é o aspecto mais importante na compreensão da reflexividade. Justamente por essa característica é que a reflexividade é possível, porque a ação humana se revela como “uma *durée*, um fluxo contínuo de conduta, à semelhança da cognição” (GIDDENS, 2009, p.3).

Na análise social, estrutura, refere-se a propriedades ou princípios que estruturam e orientam práticas que se mantêm semelhantes em dado recorte de espaço e de tempo e que possuem a influência do sujeito cognoscente (GIDDENS, 2009). Nesse sentido, é “que o conceito de estruturação implica o de dualidade da estrutura, o qual se encontra em relação com o caráter fundamentalmente recursivo da vida social e expressa a dependência mútua entre estrutura e agência” (GIDDENS, 2000, p. 43).

Assim, segundo Giddens (2000) os atores sociais por meio de suas interações mobilizam regras e recursos e por meio dessas interações são também influenciados. Sendo que a estrutura está implicada na constituição das ações até mesmo quando importantes processos de mudança social ocorrem. Todavia, a estrutura não se coloca “como uma barreira à ação” (GIDDENS, 2000, p.44).

Giddens (2000, p. 14) afirma que “a ação ou a agência, não se refere a uma série de atos discretos combinados entre si, mas a um fluxo contínuo de conduta”. A ação se manifesta em continuidade com o tempo, ou seja, se relaciona com o passado e com as circunstâncias presentes, mas também se lança para o futuro na tentativa de construir algo novo (GIDDENS, 2000). Para o autor:

[...] A agência humana só pode ser definida em termos de intenções, ou seja, para que um item do comportamento seja considerado uma ação, é preciso que o realizador tenha a intenção de o manifestar, caso contrário o comportamento em questão é apenas uma resposta reativa [...] “Agência” não se refere às intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas à capacidade delas para realizar essas coisas em primeiro lugar (sendo por isso que “agência” subentende poder) [...] “Agência” diz respeito a eventos

dos quais um indivíduo é o perturbador, no sentido de que ele poderia, em qualquer fase de uma dada sequência de conduta, ter atuado de modo diferente (GIDDENS, 2009, p. 10, 11).

A compreensão da capacidade de agência dos indivíduos pode ser ampliada com base no conceito de *habitus* de Bourdieu. Segundo o autor “através do *habitus*, do senso prático e da estratégia, são reintroduzidos o agente, a ação, a prática e talvez, sobretudo a proximidade do observador com os agentes e com a prática” (BOURDIEU, 2004, p. 80).

Para Bourdieu (2008, p.22) “é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. Nesse sentido, a ação do sujeito também é mediada pelos costumes, pelas tradições e pela cultura de uma determinada localidade, dessa forma o *habitus* se constitui como o princípio que interliga e, ao mesmo tempo, norteia o modo de vida dos sujeitos às práticas e a cultura estabelecida no lugar onde vive (BOURDIEU, 2008).

Por conseguinte, a capacidade de agência dos indivíduos está envolvida tanto pelas suas práticas individuais quanto pela estrutura social. Assim, o lugar onde as pessoas vivem, bem como as condições materiais que dispõem para proverem a sua existência, a cultura em que estão inseridos e o modo como percebem sua vida formam as bases para sua ação.

Além desses elementos, exerce também papel fundamental sobre a capacidade de agência a posição que os indivíduos ocupam na estrutura social. De acordo com Bourdieu (2008) o espaço social une as pessoas sob uma conjectura. Sendo que as perspectivas adotadas pelos agentes partem das posições que assumem dentro do espaço social. Nesse entendimento, questionam-se quais são as posições dos moradores do bairro São João? Que posições ocupam na estrutura social? E que possibilidades esses moradores têm em suas histórias de vida para operarem mudanças no lugar onde vivem?

Bourdieu (2008, p. 27) afirma que para alguns etnometodológicos “a posição ocupada no espaço social comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo”. Assim, observa-se que o papel que o sujeito ocupa em uma comunidade legitima sua intervenção, pois seus membros lhe autorizam ou não a operar dentro dela.

Nessa perspectiva, a partir das reflexões de Giddens e Bourdieu, entendendo que estrutura e ação não se sobrepõem uma à outra é que pode-se avançar nas contribuições de Raynaut e Ferreira e Corona a fim de entender a categoria de situação de vida. Raynaut e Ferreira (2002) propõem que o conceito de situação de vida:

Abarca as exigências, as restrições e as potencialidades materiais, sociais e culturais (ambiente, condições e quadro de vida) que compõem o contexto ao qual um indivíduo, uma família, uma comunidade acham-se submetidos. Mas, ao mesmo tempo, contém implícita a ideia de mudança ou de espaço para a ação social, na medida em que articula a este dado, conjunto de elementos, as estratégias que os atores sociais desenvolvem para recompor este contexto, interpretando-o e combinando seus elementos conforme seus objetivos – estes últimos sendo, por sua vez, mais ou menos norteados pelos seus projetos de vida (RAYNAUT; FERREIRA, 2002, p. 32).

Corona (2010, p. 6) entende a situação de vida como “uma dinâmica entre as exigências, restrições e oportunidades materiais (que inclui o ambiente), sociais e culturais, que não é fixa, mas está sempre em constante mudança”.

De acordo com Raynaut e Ferreira (2002) os diferentes quadros de vida presentes em uma determinada localidade manifestam os mecanismos que mobilizam e estabelecem as diferentes situações de vida de uma população. Os autores afirmam que essas diferenciações são fruto de “fatores históricos e sociais, demográficos e econômicos” (RAYNAUT, FERREIRA, 2002, p.32), estando envolvidos com as ações da política urbana e se expressam por meio das diferenças de padrões de vida, nível socioeconômico, acesso às políticas públicas, acesso a informação, cultura, equipamentos e estrutura.

No mesmo entendimento, Corona (2010) afirma que a situação de vida é formada por uma complexidade de relações que envolvem as relações dos seres humanos uns com os outros, com seus grupos, classes sociais e com o ambiente.

Nessa perspectiva, o conceito de situação de vida ajuda a compreender as dinâmicas que envolvem a vida dos moradores de uma localidade (RAYNAUT; FERREIRA, 2002), no caso o bairro São João, e as diferenciações sociais, econômicas, espaciais e culturais existentes dentro desse bairro, assim como a forma que essas diferenciações afetam as relações entre os moradores, a comunidade e seu ambiente (RAYNAUT; FERREIRA, 2002).

Assim, frente aos conceitos explicitados percebe-se que o lugar em que as pessoas vivem abarca uma complexidade de relações e de situações de vida. Estas

relações por sua vez em conjunto com as condições materiais de existência imprimem percepção e estratégias para ação que transformam o ambiente no qual essas pessoas estão inseridas. Nesse sentido, o lugar onde as pessoas vivem, sua capacidade de perceber sua realidade, sua capacidade para agir, a estrutura social que envolve a vida dos agentes e o ambiente estão imbricados e se influenciam mutuamente, produzindo uns aos outros e reproduzindo a sociedade.

### 3. METODOLOGIA

Neste capítulo será descrito o percurso metodológico realizado para identificar as percepções e ações dos moradores, bem como os procedimentos para analisá-las. A coleta de dados foi realizada por meio de formulário semiestruturado, observação participante e dados secundários, enquanto que para a análise foi utilizada a técnica da análise de conteúdo e a construção de quadros e tabelas.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Álvaro Vieira Pinto em seu livro *Ciência e Existência* (1979) chama a atenção para o compromisso e a conduta que cabe ao cientista quanto à realização de seu trabalho. O autor defende que o simples bom senso é incapaz de suprir o conhecimento lógico, desse modo, o fazer do cientista, isto é, sua metodologia, não se apresenta como um livro de receitas culinárias, que devem ser aplicadas indiscriminadamente para se alcançar os resultados desejados.

Por conseguinte, não seria desejável que a formação cultural do cientista se fizesse somente pelo estudo teórico dos métodos lógicos sem a correlativa ligação com a práxis do trabalho científico. Nesse sentido, é necessário que, aquele que se lança para o trabalho de criação do saber científico, aprenda lógica fazendo lógicos os resultados em sua atividade (PINTO, 1979). Assim, o cientista precisa iniciar sua trajetória alicerçada em uma formação crítica e reflexiva, pois somente o cientista que conhece os determinantes de seu trabalho está apto a fazer ciência (PINTO, 1979).

Frente às recomendações de Álvaro Vieira Pinto (1979), procurou-se construir o percurso metodológico deste trabalho. Portanto, as linhas a seguir apresentam o produto das reflexões da pesquisadora quanto às escolhas metodológicas. Desse modo, apresenta-se na sequência a caracterização da pesquisa e a descrição do caminho metodológico percorrido.

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa e se define como um estudo de caso, de caráter descritivo. A pesquisa tem caráter qualitativo, pois não almeja a quantificação e descrição estatística da incidência das respostas que permitiram entender a percepção ambiental dos

moradores. Não se ocupou do controle estatístico e, portanto, a pesquisa não possui compromisso com a possibilidade de generalização deste estudo para todos os moradores do bairro.

Nessa linha de raciocínio, entendendo o caráter não probabilístico das pesquisas qualitativas, esta pesquisa apoiou-se nas proposições de Minayo (1994) e Deslauriers e Kérisit (2010). Minayo destaca que a pesquisa qualitativa não busca representatividade por meio de critérios quantitativos. O mais importante ao pesquisador é tentar responder “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa com o problema a ser investigado?” (MINAYO, 1994, p.43), sendo apropriada a amostragem que permite abranger os inúmeros aspectos do problema pesquisado.

Para Deslauriers e Kérisit (2010, p. 138) “a amostra não se constitui ao acaso, mas sim em função de características precisas, que o pesquisador pretende analisar”. Assim, a pesquisa de natureza qualitativa busca investigar em profundidade, sendo um de seus aspectos mais importantes “o sentido que assume a ação da sociedade na vida e as condutas de cada indivíduo, bem como o significado da ação individualizada quando ela se expressa em ação coletiva” (DESLAURIERS, KÉRISIT, 2010, p. 131).

Todavia, a pesquisa qualitativa não se limita apenas a uma descrição meticulosa de ações ou de fenômenos passíveis de observação por dar mais relevância para a vivência dos atores sociais (DESLAURIERS, KÉRISIT, 2010). Segundo os autores, o objeto de maior valor da pesquisa qualitativa refere-se a ação interpretada, ao mesmo tempo, pelos sujeitos de pesquisa e pelo pesquisador. Nesse sentido, que se revela a “importância da linguagem e dos conceitos para fornecer os subsídios para compreender tanto o objeto “vivido”, como o objeto “analisado”” (DESLAURIERS, KÉRISIT, 2010, p. 131).

Diante do exposto, com base no método qualitativo, a presente pesquisa percorreu um caminho metodológico que procurou combinar várias técnicas para obter as informações, tais como: a entrevista, a observação participante, o uso de fotografias, a análise documental, aspectos da história de vida dos moradores e a análise de conteúdo. Tal caminho fora apontado por Deslauriers e Kérisit em suas pesquisas:

A pesquisa qualitativa, geralmente, para a coleta de informações, recorre à observação participante e à entrevista. Estas técnicas básicas se



complementam com o questionário, a fotografia, os documentos audiovisuais (filme, vídeo), a observação dos lugares públicos, a história de vida, a análise de conteúdo. Desejando vivamente recolher o máximo de informações pertinentes, os pesquisadores combinam, usualmente, várias dessas técnicas (DESLAURIERS, KÉRSIT, 2010, p. 140).

Destaca-se que esta modalidade de pesquisa tem sido empregada, na maior parte das vezes, “para descrever e detalhar uma situação social circunscrita, que se daria por meio de uma pesquisa descritiva” (DESLAURIERS, KÉRSIT, 2010, p. 130), sendo o caso da presente pesquisa. Nesse sentido, entende-se como uma pesquisa descritiva, àquela que aspira “a descrição e caracterização de dados e informações que representem uma determinada população ou fenômeno ou confirmação de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28).

Por se tratar de uma pesquisa com os moradores de um bairro, em determinada situação socioambiental, pode-se afirmar que essa pesquisa é um estudo de caso, visto que se pretendeu aprofundar o conhecimento de uma realidade específica. De acordo Yin (2003), o estudo de caso é uma investigação empírica que: “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (p.32). Yin (2003) pontua que a observação direta e o conjunto sistemático de entrevistas são as técnicas mais empregadas dentro dos estudos de casos, o que corrobora com as escolhas para a realização desta pesquisa.

O percurso da presente pesquisa iniciou com a pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória envolve várias fases da elaboração de uma trajetória de investigação (MINAYO, 1994), como: “a escolha do tópico de investigação, delimitação do problema, definição do objeto e dos objetivos, construção do marco teórico conceitual, dos instrumentos de coleta de dados e da exploração de campo” (MINAYO, 1994, p. 32).

É relevante o que Deslauriers e Kérsit (2010) destacam sobre a fase exploratória, pois ela traz consigo a possibilidade de conhecer as necessidades e preocupações dos sujeitos a serem pesquisados, como também, “pode servir para determinar os impasses e os bloqueios, capazes de entravar um projeto de pesquisa” (p.130). Conclui-se que a fase exploratória é um dos principais momentos da pesquisa, pois “se conduzida de modo inconsistente resultará em grandes complicações à investigação” (MINAYO, 1994, p. 32).

Nessa perspectiva, fez parte da fase exploratória: a construção da problemática de pesquisa; a revisão de literatura para aprofundar os temas abordados na presente dissertação; a pesquisa documental realizada a partir do exame de leis ordinárias e complementares referentes ao bairro sancionadas pelo executivo municipal de Pato Branco-PR, bem como, da busca por publicações relacionadas ao bairro na imprensa local; a vivência da pesquisadora como técnica que atua no bairro e tem contato com as famílias; as entrevistas com base em roteiro semiestruturado com os moradores mais antigos do bairro São João e conversas informais com moradores escolhidos aleatoriamente e lideranças do bairro. Com essa fase da pesquisa foi possível, além da construção da pesquisa, atender o primeiro objetivo específico que é o de compreender o processo histórico de constituição do bairro São João.

Os cuidados que foram tomados nessa fase da pesquisa levaram em conta o que Deslauriers e Kérisit (2010) alertaram, pois eles afirmam que a revisão de literatura possui um papel fundamental na construção da pesquisa nos estudos qualitativos, contudo “o pesquisador qualitativo não deve confiar nela total e cegamente, pois a experiência prova que a literatura científica pode permanecer surpreendentemente calada sobre os assuntos, contudo evidentes” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2010, p. 135). Assim, a pesquisa qualitativa exige que o pesquisador se aprofunde em um conjunto de textos que se articulam em torno de seu objeto, pois desta forma ele estará mais preparado para compor sua amostra de pesquisa e a construir seu objeto. No entanto, a revisão de literatura não pode tornar o pesquisador dependente do olhar e caminho percorrido pelos autores escolhidos, porque “pode chegar aos mesmos impasses” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2010, p. 135).

Quanto a pesquisa documental, de acordo com Helder (p. 1, 2006) citado por Sá-Silva et al (2009) “a técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor”. O documento, segundo Cellard (2010, p.295), “permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”. Tremblay (1968, p. 284 apud CELLARD 2010, p.295) salienta que através dos documentos é possível lançar um olhar mais profundo, no sentido de compreender a trajetória dos fenômenos, as circunstâncias que lhes deram origem e qual o processo de desenvolvimento de “indivíduos, grupos,

conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias”. De acordo com Cellard:

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2010, p. 295).

Com relação à técnica da entrevista, Gil (2008, p. 109) afirma que “a entrevista é uma forma de interação social” e pode ser conceituada como uma técnica que o pesquisador busca adquirir dados pertinentes à sua investigação através de perguntas. Nesse sentido, o autor afirma que essa técnica se apresenta como um diálogo de caráter assimétrico, pois o pesquisador procura obter dados e informações e o sujeito de pesquisa participa do processo como fonte de informação.

Conforme Minayo (1994, p. 57), a entrevista:

É o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se coloca como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser natureza individual e/ou coletiva.

Ademais, Minayo (1994) declara que, normalmente, as entrevistas podem ser classificadas em estruturadas e não estruturadas. De tal modo, a autora destaca que é permitido trabalhar livremente ao pesquisador que se propõe a utilizar a entrevista não estruturada, diferente da entrevista estruturada que apresenta um roteiro de perguntas. Entretanto, é possível utilizar uma terceira forma que comporta esses dois estilos, sendo definida como entrevista semiestruturada.

A segunda fase da pesquisa, que permitiu dar conta do segundo objetivo de pesquisa, iniciou-se pelo levantamento e tratamento de informações e dados sobre a situação de vida dos moradores do bairro São João. Esta fase buscou identificar de forma quantitativa informações e dados a partir de um grupo de pessoas que tinham relevância com o problema de pesquisa, conforme propõe Gil (2010). Esse grupo constitui-se de profissionais da Estratégia de Saúde da Família do bairro São João, do Cadastro Único da Secretaria Municipal de Assistência Social (2016), da equipe de referência do CRAS e moradores aleatoriamente contatados pela pesquisadora.

A partir dos dados e informações disponibilizadas por esses órgãos e pela observação participante, buscou-se escolher os moradores considerando diferentes localizações geográficas, diferenciações de renda, posição social e exposição a problemas ambientais.

Foi selecionado um morador por rua tomando como referência o sentido transversal do mapa urbano do bairro (Figura 2), sendo escolhidas as ruas: Clarice Recalcatti, Antônio Marini, Anibal Cardoso, Frederico Klem, Eugênio Pezarico, Carlos Fontana, Jacinto Zanardi e Servidão. Ao todo foram entrevistados 12 sujeitos, sendo 10 entrevistados com base no roteiro semiestruturado e 2 na fase exploratória. Ressalta-se que uma entrevista realizada, a do entrevistado da Rua Tereza Catusso, não foi possível incluir, pois houve problema com o áudio. Abaixo, a Figura 2 apresenta o mapa do bairro São João com as regiões de escolha das entrevistas.



**Figura 2: Mapa Urbano do bairro São João**

**Legenda: Os triângulos vermelhos indicam as regiões de escolha das entrevistas**

**Fonte: IPPUPB (2011)**

Na terceira fase, foram realizadas as entrevistas a campo diretamente com os moradores selecionados, sendo que as questões de pesquisa basearam-se no formulário da pesquisa de doutorado de Corona (2006), o que permitiu o detalhamento dos casos investigados. Associada a essa técnica, foi desenvolvida a observação participante e o registro das observações da pesquisadora nos diários de campo. Para completar o levantamento e registro, usou-se o registro fotográfico a fim de compreender as rotinas dos moradores, o modo como circulam pelo bairro,

agem em relação às casas, as calçadas, as ruas, aos espaços públicos, as instituições, comércios do bairro, a paisagem urbana e à natureza imediata entre outros aspectos.

A técnica da observação participante foi escolhida com o intuito de adquirir informações sobre a realidade dos moradores em seus próprios contextos, tendo em vista, o contato de proximidade da pesquisadora, por meio de seu trabalho cotidiano como servidora municipal na comunidade, o que a aproxima do fenômeno a ser pesquisado. Para Minayo (1994, p. 59) “o observador enquanto, parte do contexto de observação, estabelece relações face a face com os sujeitos pesquisados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto”. A observação participante pode trazer conhecimento e subsídios acerca das ações dos atores sociais e sobre o entendimento e sentido que estes impõem a seus atos (CHIZZOTTI, 2010).

Se considerar que um dos momentos importantes da pesquisa de campo relaciona-se a observação participante, como alerta Minayo (1994), algumas habilidades são essenciais ao pesquisador para que este possa levar a cabo o processo de observação. Espera-se que o pesquisador seja capaz de observar os fenômenos atentamente, desenvolver empatia e conquistar a confiança do grupo ou comunidade onde desenvolverá a pesquisa. Essas qualidades, diz a autora, determinam a qualidade da observação e não são conseguidas por meio de fórmulas ou receitas. Assim, as recomendações que dão elementos para a observação não significam no âmbito desta pesquisa, uma receita, mas uma orientação que foi sendo adaptada pela pesquisadora.

A observação participante apresenta algumas vantagens e desvantagens quando comparada a outras técnicas de observação. As vantagens de maior relevância podem ser pautadas nas reflexões do antropólogo Florence Kluckhohn (1946, p. 103 apud GIL, 2010, p. 104):

- a) Possibilita a rapidez no acesso das informações sobre situações habituais em que os membros das comunidades estão envolvidos.
- b) Favorece o acesso a dados que a comunidade ou grupo observa como de domínio privativo.
- c) Possibilita captar as palavras de elucidação que acompanham o comportamento dos sujeitos observados.

As desvantagens podem vincular-se, como alerta Gil (2010) aos papéis sociais desempenhados pelo pesquisador, visto que estes podem não ser bem

recebidos. A pesquisa pode sofrer restrições no sentido de não conseguir abranger os vários aspectos do objeto de pesquisa. O autor afirma ainda que se o investigador for reconhecido como pertencente a uma determinada classe social, em comunidades com uma dura divisão de classes, pode enfrentar muitos obstáculos ao tentar contato com pessoas de classes diferentes da sua. Assim, em muitas situações até mesmo quando ele consegue ultrapassar as barreiras econômicas e sociais existentes, a desconfiança pode prejudicar sua participação, trazendo restrições para as informações colhidas (GIL, 2010). Desse modo, a fim de minimizar as desvantagens da observação participante foi empregado concomitantemente alguns procedimentos da observação sistemática, que normalmente é utilizada em pesquisas que têm como finalidade a descrição exata dos fenômenos.

Na observação sistemática o pesquisador precisa elaborar um plano que estabeleça o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações. O primeiro passo consiste em definir o que deve ser observado. Esta definição precisa levar em consideração os objetivos de pesquisa, o que significa que se estes não estiverem claramente definidos, será impossível conduzir adequadamente o processo de observação (GIL, p. 104, 2010).

Para Gil (2010) os registros das informações podem ser obtidos através de diferentes métodos e devem ser realizadas no instante em que eles acontecem. Os métodos mais utilizados são a fotografia, a gravação das falas dos interlocutores e as anotações.

Com relação à utilização das fotografias como método para captar as percepções e ações dos moradores, Ferrara (1999) ressalta que a importância da fotografia no contexto das pesquisas em percepção ambiental não reside apenas na possibilidade de registrar informações, mas de apreender um conjunto de informações que manifesta uma ideologia ambiental. De poder captar “não a realidade ambiental objetiva, mas aquela outra, representativa das relações do homem com o meio ambiente” (FERRARA, 1999, p.71).

Finalizando os vários procedimentos da coleta de dados chega-se a quarta etapa de pesquisa, a fase descritiva/interpretativa, isto é, a análise propriamente dita. Seguindo Deslauriers e Kérisit (2010), durante a fase da análise o pesquisador busca tratar os dados e informações obtidas e atribuir significado a eles, tentando evidenciar como respondem ao problema de pesquisa que, a partir de avanços e retrocessos, foi sendo construído na investigação. Nesse sentido, os autores

afirmam que a análise mantém um lugar privilegiado na pesquisa qualitativa e também em outras formas de pesquisa, mas apresenta ainda, maior peso nas pesquisas de caráter qualitativo. Esta etapa da pesquisa buscou interrelacionar a história do bairro, com a situação de vida, com as percepções e ações desenvolvidas pelos moradores. Para tal empreendimento foi empregada a análise de conteúdo para analisar os documentos e questões abertas, já a análise dos dados quantitativos para identificar a situação de vida foi realizada com base nos quadros e gráficos elaborados.

Neste estudo valeu-se da análise de conteúdo para as questões abertas feitas durante a primeira fase das entrevistas a campo com os interlocutores escolhidos intencionalmente e na segunda fase de entrevistas com os interlocutores escolhidos por meio da amostra selecionada após a fase exploratória.

Assim, a fim de dar conta da análise dos documentos e questões abertas, têm-se que a análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977) refere-se a:

Um conjunto de técnicas das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Essa técnica segundo a autora possui etapas distintas de análise, que se organizam em três momentos, sendo eles: “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (p. 95).

A pré-análise refere-se à organização e ao planejamento do trabalho, ou seja, a preparação do material antes da análise. Neste momento, procura-se elaborar um programa de trabalho preciso com o objetivo de tornar possível a sistematização das ideias iniciais, mas que pode ser reformulado com a inserção de novas técnicas durante o percurso da análise (BARDIN, 1977). No âmbito desta pesquisa, esse foi um momento dedicado a estabelecer os primeiros contatos com o material de análise a fim de conhecer melhor os documentos a serem analisados e as mensagens presentes dentro deles (FRANCO, 2005). Nesse sentido, o pesquisador vai “se deixando invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas”, para só depois estabelecer “a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, p. 95, 1977).



O segundo momento refere-se à exploração do material, o que corresponde à administração das escolhas adotadas (BARDIN, 1977). Nesse sentido, “refere-se às tarefas de codificação, envolvendo: o recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolhas das regras de contagem) e a classificação (escolha de categoria)” (GIL, p. 152).

E o terceiro e último, refere-se ao tratamento dos dados, nesse momento busca-se codificar o material para poder alcançar dados com validade (BARDIN, 1977). “A codificação, por sua vez, refere-se ao processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 103, 104).

Nesse sentido, o processo de codificação do material “deve produzir um sistema de categorias” (BARDIN, 1977, p. 119). De acordo com Bardin (1977) as categorias são classes de respostas que são formadas a partir do agrupamento de respostas com elementos comuns e significações semelhantes. Assim, Bardin define:

Classificar elementos em categorias, impõe a investigação do que a cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento, é a parte comum existente entre eles (BARDIN, 1977, p.118) [...] O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, sintético (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem (BARDIN,1977, p. 118).

A autora alerta que no decorrer do processo de categorização as hipóteses que são formuladas no começo do trabalho podem sofrer alterações. Nesse sentido, o processo se mostra flexível de acordo com as reflexões do analista, o que torna imprescindível a releitura do material de análise inúmeras vezes a fim de desconfiar das primeiras impressões obtidas. Dessa forma, Bardin (1977) estimula sucessivas aproximações com o material e um olhar crítico por parte do pesquisador na criação de suas categorias a fim de não cair em generalizações precipitadas.

Franco (2005) afirma que para a construção das categorias dois caminhos são possíveis: as categorias definidas a priori e as categorias definidas a posteriori. Na presente pesquisa foram utilizadas as duas formas de categoria. As categorias definidas a priori “são predeterminadas em função da busca de uma resposta

específica do investigador” (FRANCO, 2005, p. 58). As categorias definidas a priori referem-se as categorias de ambiente, percepção, agência, lugar e situação de vida. Ao passo que as categorias definidas a posteriori emergem das respostas dos interlocutores. Nessa perspectiva, observa-se que as categorias nesse formato são mais difíceis de serem trabalhadas e requerem maior bagagem teórica do pesquisador. Por conseguinte, quanto maior for a formação e a experiência do pesquisador mais claras e ricas serão as categorias (FRANCO, 2005).

Com relação ao manejo das categorias, Franco (2005) explica que o pesquisador inicia o trabalho por meio da descrição, buscando encontrar todas as sutilezas e singularidades nos sentidos conferidos às respostas, para, em seguida, classificar e analisar as diferenças e semelhanças presentes nas mesmas. Após esta aproximação com o material, o pesquisador passa a ter um olhar mais apurado para analisar suas categorias e começa a produzir um código de leitura, mas que não é rígido ao longo do processo, ele vai se construindo e se transformando, se necessário.

Contudo, após a escolha do código, o mesmo guia a leitura de todas as respostas, a fim de manter o mesmo padrão de tratamento durante a análise. A partir deste código, o pesquisador então vai desmembrando o texto e reconhecendo os elementos e unidades em comum em cada resposta e reagrupando-as até emergirem as categorias. Nas palavras de Bardin (1977, p.153) a análise categorial se dá por meio de “operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”.

Concluído a etapa de categorização, cabe ao pesquisador realizar a interpretação dos resultados encontrados. De acordo com Franco (2005) as categorias encontradas são então comparadas às teorias que fundamentaram a pesquisa. Nesse sentido, frente ao percurso metodológico realizado, apresenta-se um quadro sintético (Quadro 1) com as etapas da pesquisa:

| CATEGORIAS   | OBJETIVOS ESPECÍFICOS   | TIPOS DE PESQUISA                           | PERCURSO METODOLÓGICO  | TÉCNICAS   | INTRUMENTOS  |
|--|---|---|--|--|--|
| Lugar e Ambiente   | Compreender o processo histórico de constituição do bairro São João   | Pesquisa Exploratória                       | Pesquisar a história do bairro São João através de documentos oficiais e publicações da imprensa local<br><br>Entrevistas com os moradores mais antigos do bairro  | Pesquisa documental<br><br>Entrevista  | Roteiro de leitura e análise focado no que essas fontes apresentam sobre a história do bairro<br><br>Roteiro de entrevista semiestruturado |
| Situação de Vida   | Levantar a situação de vida dos moradores do bairro   | Pesquisa Descritiva com ênfase quantitativa | Levantar a situação de vida dos moradores através de informações e dados junto a Secretaria Municipal de Assistência Social e Estratégia de Saúde da Família do bairro São João<br><br>Entrevista com os moradores do bairro   | Levantamento de dados e informações secundárias<br><br>Levantamento de dados e informações primárias | Leitura e análise de dados estatísticos, Gráficos e quadros<br><br>Quadros gráficos e  |
| Percepção e Ambiente   | Identificar as percepções dos moradores do bairro São João acerca das condições socioambientais de seu bairro                                       | Pesquisa Descritiva com ênfase qualitativa  | Identificar as percepções dos moradores por meio de entrevistas e observação participante  | Entrevista<br><br>Observação participante  | Roteiro de entrevista semiestruturado<br><br>Roteiro de observação e diário de campo<br><br>Fotografia                                     |
| Ação/ Agência e Ambiente                                     | Identificar as ações da população do bairro São João diante das condições socioambientais de seu bairro   | Pesquisa Descritiva com ênfase qualitativa  | Identificar as ações dos moradores por meio de entrevistas e observação participante<br><br>Observar a rotina dos moradores, as casas, as calçadas, as ruas, os espaços públicos, o comércio, as instituições do bairro, a natureza imediata e as ações dos moradores em relação a esses espaços | Entrevista<br><br>Observação participante  | Roteiro de entrevista semiestruturado<br><br>Roteiro de observação e diário de campo<br><br>Fotografia                                     |
| Lugar, Ambiente, Situação de Vida, Percepção, Ação e Agência | Inter-relacionar a situação de vida, as percepções e as ações dos moradores do bairro São João para compreender a dinâmica socioambiental do bairro | Pesquisa Descritiva/ Interpretativa         | Relacionar a história do bairro, com a situação de vida, com as percepções e ações desenvolvidas pelos moradores   | Análise de Conteúdo para as questões abertas<br><br>Análise dos dados quantitativos                  | Técnicas da análise de conteúdo<br><br>Gráficos e quadros para demonstrar os dados<br><br>Fotografia                                       |

**Quadro 1: Etapas da Pesquisa**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Neste capítulo serão apresentados dados e informações acerca do processo de constituição e desenvolvimento do bairro São João e da situação de vida de seus moradores, bem como as percepções e ações dos moradores sobre as condições socioambientais do lugar vivido e sua análise.

### 4.1 HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO JOÃO

Esta seção tem como objetivo apresentar a história do bairro São João a partir da narrativa de seus moradores. Nesse sentido, busca relatar o processo de retirada dos moradores da BR 158 e a chegada destes no bairro São João, bem como relatar as dificuldades vividas por esta população no percurso de sua história e apresentar as mudanças ocorridas nesse ambiente ao longo dos anos.

A partir dos relatos dos moradores a pesquisa obteve diferentes perspectivas sobre o processo de constituição e desenvolvimento do bairro São João. De acordo com os relatos dos moradores mais antigos do bairro, que no início da década de 80 viviam nas redondezas da BR 158, próximo ao trevo da Taísa, local que na época era chamado por seus moradores de Cabodito, atualmente designado bairro Vila Esperança, o processo de desocupação das famílias teve início após um acidente na BR 158 entre um caminhão que transportava madeira e um caminhão que transportava combustível.

Por ser no entorno da BR 158, o terreno era de propriedade do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), que frente ao ocorrido e aos riscos desses moradores continuarem residindo próximos a BR decidiu indenizar as famílias a fim de que cada uma pudesse se realocar em novo local. Contudo, o prefeito da época, Roberto Zamberlan<sup>8</sup>, propôs que o DNER desse esse dinheiro a prefeitura para que esta comprasse um terreno para erradicar as famílias da BR,

---

<sup>8</sup> Roberto Zamberlan assumiu a gestão do Executivo Municipal de Pato Branco com seu Vice Luiz Carlos Borges da Silveira em 1º de fevereiro de 1977, sua administração durou 6 anos (1977 a 1983). Nasceu em Presidente Prudente-SP no dia 15 de maio de 1939. Formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná e realizou pós-graduação em pavimentação rodoviária. Foi chefe na 1ª Usina Hidrelétrica da Copel localizada no Sudoeste do Paraná. Assumiu cargo de chefia na EMOPAR (Empresa de obras públicas do Paraná). Trabalhou no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) – 7ª Região como inspetor e foi engenheiro fiscal e avaliador no Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. Atualmente reside em Pato Branco. Disponível em: <http://www.patobranco.pr.gov.br/o-municipio/prefeitos/>

com a justificativa que elas poderiam gastar o dinheiro e não sair das margens da BR.

Em 09 de outubro de 1981 a Câmara Municipal de Pato Branco aprovou a proposta de desfavelamento das famílias da BR 158 através da criação da Lei Nº 420/81, autorizando a utilização “do imóvel da Reserva Municipal nº IV, matriculada sob nº 4.790 com área de 213.000,00m<sup>2</sup> (duzentos e treze mil metros quadrados), para desenvolver um Projeto de Desfavelamento, destinado a erradicar os favelados da área urbana de Pato Branco” (p.1).

Porém, a primeira proposta feita aos moradores era de que estes iriam residir em um terreno próximo ao bairro Aeroporto, que faz fronteira com o bairro Vila Esperança. No entanto, infere-se que o executivo municipal utilizou o dinheiro recebido pelo DNER para outros fins, que não a compra de terrenos para famílias, pois realocou as famílias em um terreno que já era de propriedade da prefeitura. Nota-se nas palavras do entrevistado 11 que os moradores só perceberam que iriam residir num local diferente do combinado quando chegaram:

[...] perto do Aeroporto, que ele ia compra o terreno lá, que era pra ir lá, e foi quando foi na hora, daí eu e o seu João Melo concordemo de vim no mesmo dia né, era pra sair de lá, saia né, não era nosso memo né. Daí concordemo de vim eu e o seu João Melo, daí nois viemo né, daí quando chegemo aqui, já era aqui no, naquele tempo era Canhada Funda.

Frente ao relato apresentado, infere-se um arranjo financeiro, pois o terreno situado na comunidade de Independência já era de propriedade da prefeitura de Pato Branco desde 1977. O terreno pertencia ao Sr. Lourenço Colla e sua esposa Sra. Armelinda Baroni Colla e foi comprado pela prefeitura na data de 14 de junho de 1977 sob a matrícula nº 4790. A venda foi realizada com base da Lei nº 265/77 em que consta que a compra do imóvel era destinada a fins de instalação de indústrias no município. Nesse sentido, questiona-se: Se o imóvel de Independência já era de posse da prefeitura e sua compra era destinada a instalação de indústrias no município, qual foi o destino dado ao dinheiro recebido do DNER?

Além disso, os interesses da administração municipal desse período pareciam apenas querer enviar a pobreza à outra margem da cidade, menos vista e menos povoada. Com efeito, o compromisso com a proposta de desfavelamento parecia mais ter a finalidade de esconder a pobreza da crescente Pato Branco e de

suas vias de acesso, do que garantir aos moradores condições adequadas de moradia e qualidade de vida. De acordo com a fala do entrevistado 8:

O início desse bairro aqui, foi uma desova de Pato Branco, aqui, os primeiros moradores daqui, eram pessoas que incomodavam os gestor públicos. Que que eles fizeram, vamos tirar fora esse pessoal da cidade, que a maioria morava em barraco, casinha velha e tava modificando a cidade, como modificou, tá modificada.

O tratamento dado aos moradores para convencê-los a se retirarem do local confirma a ideia de que o compromisso com a proposta de desfavelamento não estava associada a garantir melhores condições de moradia a essa população. Os entrevistados relataram que os moradores que não quiseram se mudar voluntariamente, foram obrigados a se mudar conforme relata o entrevistado 11:

Nois não tinha onde ir né, daí nois fizemos umas casinhas na vera na BR, daí fiquemo lá, daí fiquemo anos lá né, acho que uns 6, 7 ano. Daí o dono da BR, quer dizer, o lá dali, achou melhor então, tira de lá o povo e indeniza o pessoal, e tirar o pessoal de lá de perto do asfalto e traze coloca num terreno né, má dai o prefeito garrou e falou com ele, que então ele compra o terreno e coloca o pessoal e daí uma parte viero, o pessoal concordo, daí o que não concordo a polícia veio e tiro na marra né e deram laço na turma, laço com jarro, quiseram vir de acordo, viero de acordo, quem no viero por bem, viero por mal, e uma parte já nem veio, uma parte alugaram casa lá na cidade e ficaram e nois não tinha pra onde ir, tivemo obrigado a vir.

Percebe-se que nenhuma forma de planejamento no que se refere às condições de infraestrutura foi realizada para abrigar as famílias, conforme pode ser observado nas Figuras 3 e 4 e pelo relato do entrevistado 2:



**Figura 3: Fotografia da residência de uma família do bairro São João**  
Fonte: Acervo Convento Santo Antônio de Pádua (Década de 80)/PIZATO (2016)



**Figura 4: Fotografia de moradia no Bairro São João na década de 80**  
Fonte: Acervo Convento Santo Antônio de Pádua (Década de 80)/PIZATO (2016)

Quando nós chegamos aqui no bairro não tinha nada, era só mato fechado, foi aberto um picado pra cada um fazer sua casinha em cima. Não tinha água, não tinha luz, não tinha nada [...]. Nada. Era só mato daí cada um fez, foi cortar, eles vieram, tiraram nois de lá e colocaram nos aqui [...] Lá da beira da estrada. Morava lá no Vila Esperança, na BR, daí trouxeram

nos pra cá cada um fico na sua casinha. Mas tivemos que procurar onde tinha água né, pra fazer as vertentes que tinha aqui no meio do mato, dai procurar as vertentes, depois de um tempo eles colocaram uma torneira de água cada rua [...] Ah, nem lembro eu era bem pequena ainda, não me lembro quanto tempo, mas eu era mais grandinha já. Demorou um tempão pra eles colocar (ENTREVISTADO 2).

Observa-se que as medidas adotadas pelo Poder Executivo na época, embora tivessem como objetivo oferecer um lote a cada uma dessas famílias e mais tarde possibilitar um registro de imóvel, não primaram pela qualidade de vida dessas pessoas. As condições insuficientes para um desenvolvimento adequado do bairro e de sua população ainda perduraram por anos, conforme declara o entrevistado 2:

Era bem sofrido nossa vida no começo, só que daí depois de uns anos indiante lá foi começado, colocaram a água, colocaram luz né... Mais isso já bem depois [...] Mais de 10 anos já [...] Sem nada.

Dessa forma, os moradores tiveram que ultrapassar várias dificuldades para realizar os cuidados necessários à sobrevivência, tais como preservar os alimentos, cozinhar, realizar a higiene pessoal, do vestuário e da moradia. Segundo o relato dos entrevistados, a luz chegou ao bairro primeiro que a água: “[...] a única coisa que tinha era luz, mas água a gente tinha que pegar lá... ficou um tempão pra daí ter água nas casas” (ENTREVISTADO 7). Desse modo, os moradores passaram a utilizar o lampião para poder iluminar suas residências, objeto, que muitas vezes era fabricado pelos próprios moradores, como relata o entrevistado 8:

Era só o lampião. A gente fazia com vidro de café, sabe esses vidro de café, de vidro mesmo, furava a tampinha, colocava um pavio, enchia de óleo ele, ou vela, mas a maioria era lampião [...] A nós ficamos uns 10 anos, mais ou menos sem luz.

Contudo, outro entrevistado afirma que “acho que nois não fiquemo isso aí sem água, sem luz, a água acho que foi uns 3 ano” (ENTREVISTADO 12). Desse modo, percebe-se que o acesso a energia elétrica e água ocorreram em vários pontos do bairro com espaçamento de tempo distintos.

Já com relação ao acesso a água, os entrevistados declararam que no começo precisaram capinar o território em busca de vertentes. Em resposta sobre o que faziam para se manterem e realizar os cuidados de necessidade básica antes da água ser viabilizada pelo poder público ao bairro, os entrevistados relataram que:

Tivemos que procurar onde tinha água né, pra fazer as vertentes que tinha aqui no meio do mato, dai procurar as vertentes [...] Começemo carpir pro outro lado de lá, que não tinha o lado de lá, só dessa esquina aqui pra cima



que tinha o bairro e até só nessa rua 8 aqui, prá lá não tinha nada era tudo mato fechado, daí a gente acho uma vertente pra lá um tempo, daí trazia água da vertente e dos posinho de água, pegava lá e trazia pra cá e pra tomar banho tinha que juntar água o que fica na casa, os mais pequenos, puxava água o dia inteiro nas costas pro de noite tomar banho na casa [...] (ENTREVISTADA 2).

A gente lavava roupa ali no riozinho, calçado. Tomava banho ali, porque daí não tinha né, chuveiro, não tinha nada, o banheiro era patente [...] Tinha que pegar da vertente. Aí a gente pegava pra usar em casa e pra tomar banho a gente tomava ali no riozinho (ENTREVISTADO 5).

Mais tarde a prefeitura colocou algumas torneiras no bairro para canalizar água das vertentes e facilitar o acesso à água para a população. Também foram instalados alguns tanques onde atualmente localiza-se o CRAS.

Tinha que ir lá em cima na caixa d'água, e uma torneira pra abastecer toda a rua... aí pra lavar a roupa tinha ali perto de onde é o CRAS, ali era encanado, mas vinha tudo daqueles cano lá de cima... era só pra tomar e lavar alguma coisa.... mas se tivesse que lavar o piso tinha que descer lá em baixo (ENTREVISTADO 1).

Eu quando vim morar aqui não tinha quase nada. A água nois tinha que pegar lá onde é o CRAS... porque tinha tanque lá... aí não tinha água nas casas [...] Ali era água comunitária... aí nois vinha e lavava roupa ali... puxava água dali e trazia pra casa, pra limpar a casa, fazer comida. (ENTREVISTADO 7).

Em virtude dos moradores necessitarem utilizar as mesmas fontes de água para beber, se alimentar e realizar as tarefas de higiene pessoal e cuidado com a casa constata-se que as condições para obter água potável se tornaram insustentáveis. Assim, além de sofrerem violência psicológica por serem retirados de suas moradias, os primeiros moradores do bairro atravessam muitas dificuldades devido às negligências do poder público da cidade.

Com relação ao processo de construção do bairro e ocupação do terreno concedido pela prefeitura, segundo relato dos entrevistados a primeira porção de terra a ser ocupada refere-se à região leste do bairro, que hoje fica entre o Conjunto Habitacional Vila São Pedro e a Unidade Básica de Saúde. De acordo com um dos entrevistados:

Quando nois chegamo aqui só tinha umas casinhas lá em cima, bem de início só tinha lá no morro, que era o pai do Marreca, o Sebastião Vasconcelo, o Aparício. Era pra cima do postinho. Quase perto do conjunto habitacional. É bem em frente lá. Lá é que foi o início do bairro, quando meu pai veio, a gente desceu aqui pra baixo. Ai meu pai que ajudou na medição, plantação, se precisava de um terreno pra plantar o pai vinha e media e avisava que se chegasse família ele ia ter que entregar pra ela. Hoje nosso bairro é um bairro, é uma cidade nosso bairro, pra quem veio na época e vim pra cá agora, nosso bairro é uma cidade, não se via uma casa de

madeira aqui no São João. Era de lona. Com amarras de mato, feito com lona, entendeu. Era as primeiras casas daqui, que foi a época que cheguei aqui nesse bairro. Hoje você olha ai tem poucas casas com madeira. A maioria é alvenaria. A maioria melhorou. Os que não saíram que ficaram melhoraram. Mas o tempo que cheguei aqui era só barraco. Não tinha rua, não tinha luz, não tinha água, era só barraco (ENTREVISTADO 8).

Inicialmente o bairro pertencia à comunidade rural de Independência e apenas em 1º de julho do ano subsequente à proposta de desfavelamento, por meio da Lei Nº 444/82, passou a denominar-se oficialmente bairro São João.

Entretanto, ressalta-se que o bairro também recebeu outros cognomes e durante algum tempo foi chamado por seus moradores e por moradores de outros bairros da cidade, de Malvinas, fazendo referência a Guerra das Malvinas de 1982, tanto pelas situações de violência presentes no bairro como pela condição de distância e isolamento com o centro da cidade. Nas palavras do entrevistado 3: *“é antigamente tinha até apelido o bairro, não era o São João, antigamente quando viemo pra cá chamava as Malvinas”*. De acordo com o entrevistado 4 *“É antigamente era as Malvinas, logo que foi aberto era as Malvina, depois passou pra bairro evangelista, daí que veio o São João.”*

Em 1982 a comunidade recebeu uma Escola de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série chamada Escola Municipal São Francisco de Assis. Nessa época a escola e o posto de saúde funcionavam juntos.

O posto de saúde não era lá onde que é, era li onde é o CRAS. Era uma casinha de madeira, tinha três peças, uma peça era sala de aula, que estuda primeira, segunda, terceira série tudo junto e o posto de saúde era junto também, daí uma sala ficava pra saúde e uma a escola. Ai tinha as duas salas e o banheiro (ENTREVISTADO 5).

Mais tarde o posto de saúde foi transferido para a Rua Sadi Bertol. Durante conversa com os profissionais da ESF do bairro, uma das profissionais, também residente no bairro, afirmou que o posto foi construído na Rua Sadi Bertol no começo da década de 90.

As mudanças foram ocorrendo lentamente, com o crescimento do bairro e das famílias surgiram as primeiras ruas, sendo estas identificadas por números, porém como o passar do tempo passaram a ser denominadas com o nome de pessoas pioneiras na cidade, como informa o Entrevistado 3:

Bom eu vim pra cá em 1988, quando comecei no bairro só tinha quatro ruas, que seria rua um, rua dois, rua três e rua quatro [...] Era sempre

número daí a pouco tempo a prefeitura atualizou em nomes, nomes de pessoas mais, é como é que diz pioneiras [...] então a maioria dos nomes hoje são de pessoas pioneiras das rua do bairro, má na época era tudo em números rua um até a doze com o tempo foi que teria no começo nois viemo da um a cinco seis sete até a doze que é o final hoje tudo por nome então não decoramos ainda.

A seguir, apresentam-se fotografias (Figura 5 e 6) das ruas no bairro:



**Figura 5: Fotografia de uma das ruas do Bairro São João**  
**Fonte: Acervo Convento Santo Antônio de Pádua (Década de 80)**



**Figura 6: Fotografia do Bairro São João**  
**Fonte: Acervo pessoal de Lori Olívia Busato (Década de 80)**

Também foram desenvolvidos projetos sociais na comunidade a partir da Igreja Católica. Estes projetos foram idealizados pela Irmã Pierina e incluíam atividades de artesanato como tricô, bordados, crochê e presépio de gesso, como se pode observar pela Figura 7:



**Figura 7: Fotografia Irmã Pierina na Escola de Orientação Profissional Beata Angelina - Bairro São João**

**Fonte: Acervo Convento Santo Antônio de Pádua (Década de 90)**

Durante o tempo de trabalho da pesquisadora no bairro ouviu-se muitos comentários sobre a Irmã Pierina e seu trabalho. Os moradores referem-se à religiosa com carinho e gratidão. Seu trabalho no bairro teve grande influência na vida dos moradores, como relata o Entrevistado 5:

Tinha a Irmã Pierina que dava cursos ali no barracão. Curso de crochê, de tricô, bordado, um monte de coisa lá, gesso. Eu aprendi pinta gesso com ela [...] Aprendi a fazer bastante coisa com ela, crochê, tricô, bordado, bastante artesanato aprendi com ela.

Compreendendo a importância do trabalho da religiosa na comunidade buscaram-se mais informações junto as Irmãs Terciárias Franciscanas da Beata Angelina. Durante entrevista com uma das irmãs da congregação (entrevistado 12), esta afirmou que Irmã Pierina realizou trabalhos no bairro São João de 1988 a 2004, quando retornou a Itália, sua terra natal. A religiosa solicitava alimentos para pessoas influentes em Pato Branco a fim de auxiliar os mais necessitados. Em

épocas de chuva forte e vendaval Irmã Pierina fazia campanhas para arrecadar roupas e alimentos para os moradores do bairro São João. Também contratava moradores do bairro para fazer a jardinagem da casa das irmãs.

Além disso, a irmã também visitava as famílias, ouvia suas necessidades, fazia orientações sobre higiene, convidava os membros familiares para as celebrações e buscava recursos para auxiliá-los. Irmã Pierina tinha muitos contatos com profissionais da saúde. Desse modo, quando sabia que alguma pessoa estava em estado de saúde debilitado e precisava de tratamento fora da cidade, ajudava a fazer os encaminhamentos, se necessário, também auxiliava com dinheiro. Diante das informações descritas, pode-se perceber que Irmã Pierina durante o tempo que permaneceu trabalhando na comunidade realizou muitas tarefas de atribuições dos serviços socioassistenciais, pois buscava garantir a segurança alimentar das famílias, articulava ações para as famílias acessarem o direito à saúde e para a geração de renda.

No ano de 1993 a escola passou a ter turmas pré-escolares tendo seu nome alterado para Escola Municipal São Francisco de Assis - Ensino Pré - Escolar e de 1º Grau.

A seguir, apresenta-se uma fotografia (Figura 8) do bairro na década de 90 em que se pode visualizar que o bairro nesse período já era integralmente assistido pelo abastecimento de energia elétrica.



**Figura 8: Fotografia do Bairro São João**  
**Fonte: Acervo Convento Santo Antônio de Pádua (1992)**

No ano de 1998, 17 anos após a criação do bairro São João, o executivo municipal de Pato Branco através da Lei nº 1786, de 03 de dezembro de 1998, autoriza a regularização fundiária do bairro. Para poder ter direito ao recebimento do imóvel o morador deveria estar de posse do mesmo há pelo menos 06 meses e apresentar comprovantes de água e luz ou declaração de duas testemunhas (art. 1º, parágrafo único). Os custos da abertura de loteamento e regularização dos imóveis seriam pagos pela prefeitura e os custos referentes à regularização documental e escritura dos lotes seriam pagos pelos moradores (art. 2º). Os imóveis não poderiam ser vendidos ou alugados no prazo de 10 anos e os moradores teriam o prazo de 12 meses para realizar a regularização documental podendo ter a doação anulada caso não o fizessem (art. 2º, inciso 1 e 2).

Frente às obrigações impostas aos moradores, não é de se surpreender que o intento do executivo municipal não tenha sido cumprido. A situação econômica dos moradores não lhes permitia arcar com os custos. Desse modo, em 13 de outubro de 2003 o executivo municipal sanciona a Lei nº 2284 autorizando a doação dos lotes do imóvel de Independência aos moradores do bairro São João sem nenhum custo de regularização documental e averbação do título de propriedade. Entretanto

ainda hoje 1/3 das famílias permanecem sem o título de propriedade de seu terreno. Todavia, ressalta-se que no presente ano (2016) o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco (IPPUPB) juntamente com o CRAS realizaram atividades para efetivar a regularização fundiária das famílias que ainda não possuem o título de propriedade de seu terreno.

Em 2000 o nome da Escola Municipal São Francisco de Assis é alterado para Escola Municipal Udir Cantu - Barú - Educação Infantil e Ensino Fundamental. Já em 2002 é realizada a construção de uma nova sede com instalações maiores. Atualmente a escola possui 222 alunos matriculados. O corpo de funcionários da instituição é composto por 14 professores, 05 estagiários, 01 secretária, 02 zeladoras e 03 merendeiras. A instituição oferece projetos de Dança e Circo, orientação e estudos de leitura, matemática lúdica e aulas de Taekwondo. Ademais, está sendo construído um novo espaço para abrigar a escola no bairro Alto da Glória mais moderno e com melhores condições de infraestrutura.

Na data de 25 de fevereiro de 2005 foi inaugurada o Colégio Estadual São João no bairro Alto da Glória, situado próximo ao bairro São João. A instituição foi construída para atender aos dois bairros. No presente momento, a escola possui 380 alunos matriculados e dispõe do projeto Mais Educação que oferece oficinas de história em quadrinhos, grafite, treinamento especializado em futsal, esporte e lazer, água e energia e orientação e estudo de leitura; sala de recursos multifuncional para alunos com necessidades educacionais especiais e sala de apoio para reforço em português e matemática.

Com base nessas informações, verifica-se que os moradores mais antigos do bairro São João tiveram suas oportunidades de acesso ao ensino médio restringidas, visto que o Colégio Estadual foi construído no bairro apenas 24 anos após sua criação, bem como pela distância do bairro com as escolas estaduais no município e a dificuldade de mobilidade urbana devido ao número reduzido de linhas de transporte público disponibilizadas ao bairro.

No ano de 2010 foi implantado o CRAS Paulina Bonalume Andreatta no bairro. A equipe de referência dispõe de 02 assistentes sociais (30hs semanais); 02 psicólogas (20hs semanais), 01 pedagoga (40hs semanais), 01 coordenador (40hs semanais), 03 auxiliares administrativos (40hs semanais) e 01 funcionário para serviços gerais (40hs semanais). Atualmente o órgão oferta 06 grupos de Serviço de

Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)<sup>9</sup> e o Serviço de Atendimento Integral a Família (PAIF)<sup>10</sup>. Os SCFV são formados pelo grupo Pingo de Gente de 0 a 6 anos; João e Maria de 07 a 14 anos, Projovem Adolescente de 15 a 17 anos; Batucação de 09 a 17 anos; Tchoukball com crianças de 07 a 14 anos e o Grupo de Idosos Bem Estar na Melhor Idade de 43 a 76 anos. O PAIF atua através de visitas domiciliares, atendimentos individuais, reuniões familiares a fim de intermediar o diálogo e atendimentos de grupos para pais e mães de todas as idades e de gestantes formado por adolescentes e mulheres de todas as idades, sendo o último realizado em parceria com a ESF do bairro. O CRAS também realiza orientações sobre benefícios eventuais e previdenciários, avaliação e concessão de benefícios eventuais, encaminhamento de documentos, encaminhamento de passe livre intermunicipal e interestadual para pessoas com deficiências, encaminhamentos para outras políticas setoriais, estudo social para o recebimento de benefícios sociais e estudo social por determinação do judiciário e ministério público e acompanhamento das famílias que descumprem as condicionalidades para recebimento do Programa Bolsa Família (PBF).

No ano de 2012 foi inaugurada no bairro a Unidade Básica de Saúde. A unidade atende aos bairros São João e Alto da Glória e o Conjunto Habitacional Vila São Pedro. A unidade conta com uma equipe de ESF formada por 01 médica clínica geral (40hs semanais), 01 pediatra (04hs semanais), 01 enfermeira (40hs semanais), 03 técnicas de enfermagem (40hs semanais), 03 agentes comunitárias de saúde (40hs semanais), 01 odontóloga (40hs semanais), 01 auxiliar de odontologia (40hs semanais), 01 agente de apoio e 01 farmacêutica (04hs semanais). A instituição oferece atendimentos de puericultura, planejamento familiar, hiperdia, saúde do homem, da mulher e da criança, saúde mental e grupos de educação em saúde, destinados a atender gestantes e tabagistas.

No ano de 2014 foi inaugurado o Centro Municipal de Educação Infantil São João (CMEI), situado no bairro Alto da Glória, destinado a atender o bairro São João

---

<sup>9</sup> O SCFV tem como o objetivo proporcionar a convivência entre os participantes e fortalecimento dos laços comunitários, bem como proporcionar atividades de lazer, cultura e educação.

<sup>10</sup> O PAIF tem por objetivo “prevenir situações de risco social, por meio de desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Ou seja, atua de forma preventiva, protetiva e proativa, reconhecendo a importância de responder às necessidades humanas de forma integral, para além da atenção a situações emergenciais, centradas exclusivamente nas situações de risco social” (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS SOBRE O PAIF, 2012, p. 11).



e Alto da Glória. Atualmente a instituição conta com uma equipe de 10 professores, 06 auxiliares cursando o curso de pedagogia ou magistério, 02 cozinheiras e 02 zeladoras e atende 175 crianças entre 0 e 05 anos de idade. Os serviços ofertados visam proporcionar o cuidado às crianças e atividades lúdicas para o desenvolvimento da coordenação motora, visual, tátil e auditiva, bem como dar início ao processo de letramento.

Em dezembro de 2015 o bairro recebeu um conjunto habitacional de interesse social chamado Vila São Pedro. Foram construídas 180 casas para abrigar famílias em situação de vulnerabilidade e risco social na cidade de Pato Branco. As famílias foram escolhidas com base nos critérios de inscrição para os projetos habitacionais e através de sorteio público. Ressalta-se que algumas famílias do bairro que residiam em situação de risco foram contempladas sem passar pelo sorteio. Ademais, o bairro recebeu asfalto na via de principal acesso à comunidade (ano de 2015) e uma academia ao ar livre para idosos (ano de 2016).

Entretanto, existem ainda, muitos problemas sociais no bairro. No que diz respeito à acessibilidade das ruas, observa-se que o bairro possui calçadas apenas na faixa das instituições públicas, circunstância que dificulta o tráfego seguro de pedestres e a prática de exercícios físicos como caminhadas e corridas. Com relação às condições das ruas, estas não são asfaltadas, não possuem acesso para cadeirantes e apresentam muitas depressões comprometendo a qualidade do calçamento.

O transporte público proporcionado para a população funciona somente em alguns horários durante o dia. As linhas oferecem os seguintes horários de saída: 06h10min, 07h25min, 08h00min, 12h55min, 16h40min, 18h30min, 19h10min. No período da noite as linhas passam pelo bairro Planalto, bairro situado próximo ao bairro São João, mas não vão até a comunidade, circunstância que inviabiliza o acesso ao trabalho e a educação nesse período, bem como a um convívio mais amplo com a cidade e com as possibilidades de cultura e lazer que ela oferece.

Ademais, o bairro não possui rede de esgoto, saneamento básico e serviço de correspondência. Com relação aos serviços de telefonia, observa-se que a maior parte dos moradores possui telefones celulares, contudo o sinal das companhias chega apenas em alguns pontos do bairro e funciona de maneira deficitária.

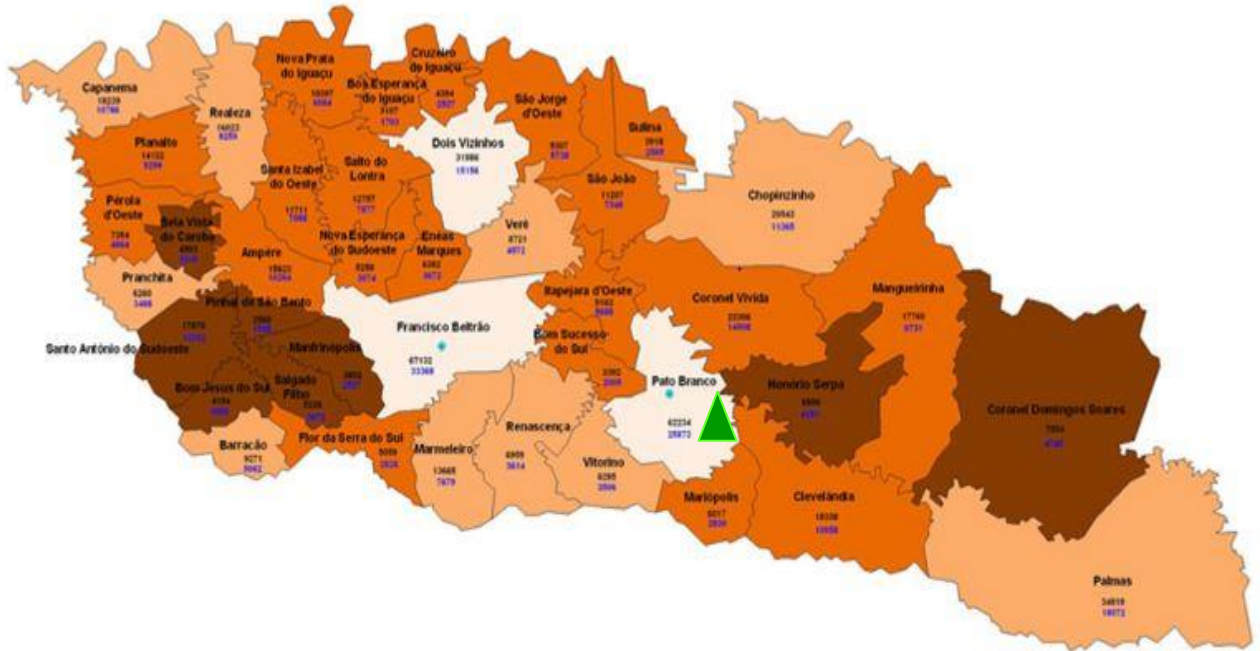
## 4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO BAIRRO SÃO JOÃO

Neste item serão descritos alguns dados referentes à localização do bairro, desenho urbano, características ambientais do território e renda média das famílias. Para ilustrar as características mencionadas serão utilizados mapas, fotografias e dados do Cadastro Único de Pato Branco.

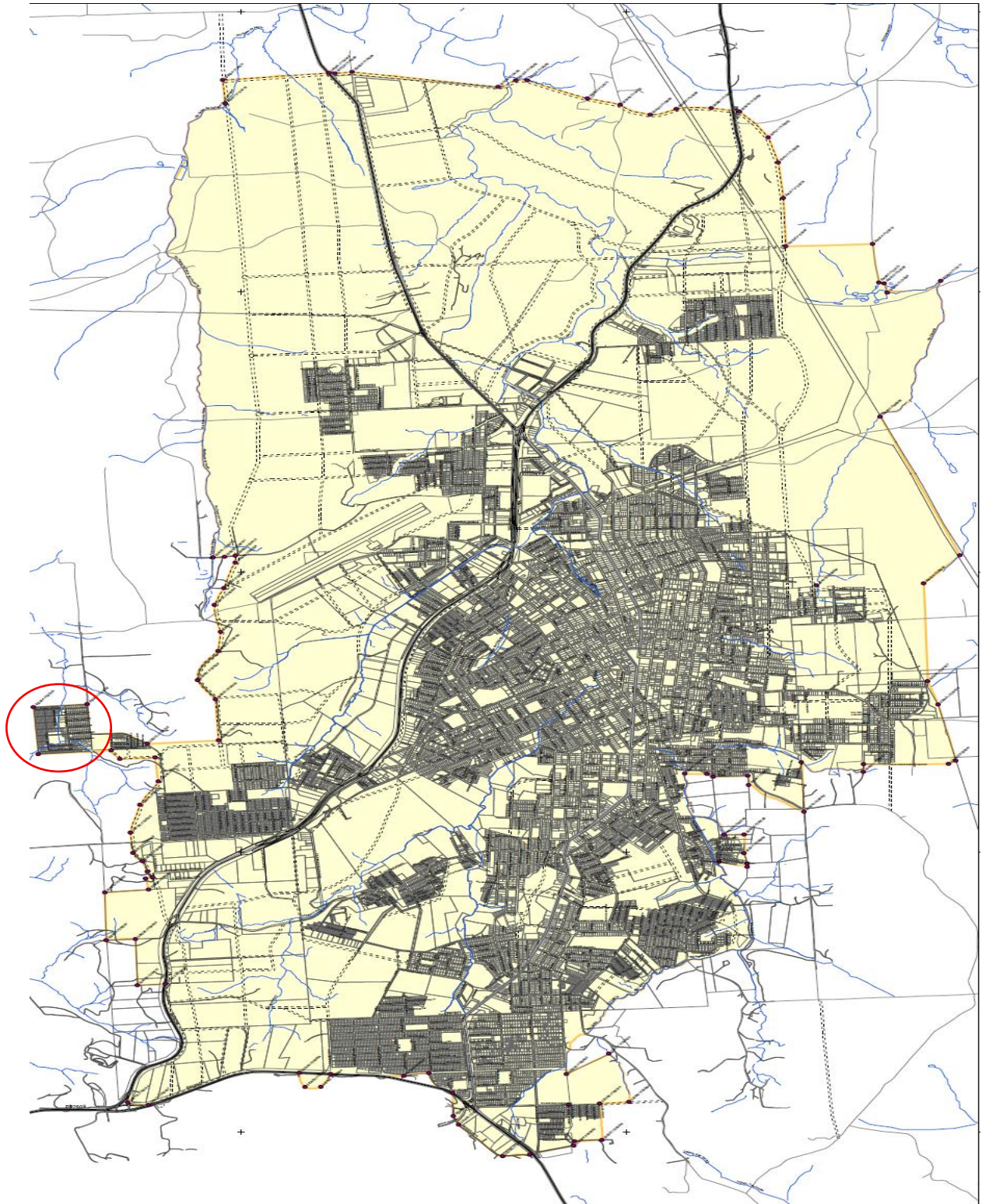
Primeiramente a fim de situar o bairro geograficamente apresenta-se a cidade de Pato Branco no estado do Paraná (Figura 9), a cidade de Pato Branco na região Sudoeste do Paraná (Figura 10), o perímetro urbano da cidade (Figura 11), a localização do bairro dentro desse perímetro (Figura 11), a topografia do bairro (Figuras 12, 13, 14 e 15), a situação das nascentes e rios no bairro (Figuras 16, 17 e 18) e a identificação de instituições religiosas e serviços públicos e privados no bairro (Figura 19).



**Figura 9: Mapa do estado do Paraná com a localização de Pato Branco**  
Fonte: IPARDES (s/a)



**Figura 10: Mapa do Sudoeste do Paraná com a localização de Pato Branco**  
**Legenda: O triângulo verde indica a localização de Pato Branco no Sudoeste do Paraná**  
**Fonte: RBJ Notícias (2005)**



**Figura 11: Mapa de Pato Branco Perímetro Urbano**  
**Legenda: A região circulado em vermelho corresponde ao bairro São João**  
**Fonte: IPPUPB (2011)**

O bairro São João localiza-se na região oeste da cidade de Pato Branco-PR, dentro do perímetro urbano na zona residencial 4 e caracteriza-se como uma região da periferia. Embora, nomeado e tratado como perímetro urbano, ele está localizado

em meio à zona rural, tendo no seu entorno a presença de estabelecimentos agrícolas, como revela a Figura 12:



**Figura 12: Fotografia do Bairro São João – Vista Geral**  
**Fonte: própria pesquisadora (2016)**

O bairro está situado aproximadamente a 8 km de distância do centro da cidade de Pato Branco-PR, seu acesso se dá a partir da estrada municipal que atravessa o bairro Planalto e Alto da Glória e pela estrada rural da comunidade de Independência que se comunica com a via mencionada. A Figura 13 ilustra o acesso ao bairro pela comunidade rural de Independência.



**Figura 13: Fotografia do Bairro São João - Acesso pela estrada rural de Independência**  
**Fonte: própria pesquisadora (2016)**

Nesta figura (13) pode-se verificar que no que se refere à topografia deste território, o bairro encontra-se situado em uma região de fundo de vale. Também é importante observar que suas extremidades fazem fronteira com propriedades rurais e estas não possuem faixa de retenção ou curva de nível. Assim, levando em consideração o declive do território, a ausência de formas de prevenir a erosão do solo e a força das enxurradas verifica-se que em épocas de chuva as águas que escoam para o bairro concentram resíduos de agrotóxicos contaminando o solo, as nascentes e os rios. Abaixo, as Figuras 14 e 15 retratam a proximidade das lavouras com as residências.



**Figura 14: Fotografia do Bairro São João – Proximidade de uma lavoura com as residências**  
Fonte: própria pesquisadora (2016)



**Figura 15: Fotografia do Bairro São João - Vista parcial a partir do bairro Alto da Glória**  
Fonte: própria pesquisadora (2016)

As Figuras 14 e 15 apresentam fotografias que enfatizam a proximidade do bairro com os estabelecimentos agrícolas. Durante o percurso da pesquisa também foram entrevistados os moradores residentes na divisa com a lavoura. Esta investigação tinha como objetivo identificar as percepções dos moradores acerca dos riscos decorrentes do uso de agrotóxicos nas lavouras situadas próximas ao bairro a fim de produzir um artigo para a disciplina eletiva de Biologia Ambiental e Sustentabilidade do PPGDR. O estudo produzido foi intitulado *Percepção de riscos socioambientais decorrentes do uso de agrotóxicos: o caso dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR* (2016). Ressalta-se que o estudo ainda não foi publicado e compõe esta dissertação como parte da observação participante.

Os resultados indicaram a presença de problemas respiratórios devido ao forte cheiro dos venenos usados na lavoura e pela fuligem produzida durante as colheitas. Além disso, os moradores relataram que durante as chuvas as águas formam enxurradas e adentram as casas, visto que a lavoura não possui nenhuma curva de nível ou faixa de retenção ou vala para escoamento da água. Outro aspecto refere-se ao perigo de picada de cobras e risco de outros animais silvestres que fogem para o bairro quando é realizada a pulverização de agrotóxicos. Frente aos relatos, observa-se que a proximidade com as lavouras afeta a qualidade de vida dos moradores, visto que inalam a fuligem da colheita e absorvem os agrotóxicos pela pele e pela respiração e estão expostos aos resíduos desses agroquímicos pela contaminação do solo e da água.

Por ser uma região de vale observa-se também a presença de muitas nascentes no território (Figuras 16, 17 e 18).



**Figura 16: Fotografia do Bairro São João – Nascente na Rua Jacinto Zanardi**  
**Fonte: própria pesquisadora (2016)**



Percebe-se que nenhuma forma de proteção ciliar é realizada para esta nascente (Figura 16). O mesmo acontece na nascente situada na Rua Frederico Klem, conforme a Figura 17:



**Figura 17: Fotografia do Bairro São João – Nascente na Rua Frederico Klem**  
Fonte: própria pesquisadora (2016)



**Figura 18: Fotografia do Bairro São João – Rio na Rua Frederico Klem**  
Fonte: própria pesquisadora (2016)

As Figuras 16, 17 e 18 revelam que as nascentes e rios do bairro encontram-se comprometidos, tanto pelo desrespeito dos moradores que jogam lixo e detritos nesses ambientes, quanto pela falta de apoio do poder público, no sentido de realizar a limpeza destes locais e propor projetos de cunho ambiental para a proteção das águas.

Com relação ao número de residentes no território, segundo dados do Cadastro Único da Secretaria Municipal de Assistência Social do município de Pato Branco 446 famílias estão cadastradas no bairro São João, compondo o número de 1429 residentes no bairro.

No que se referem às condições de renda destas famílias, as famílias juntas recebem o valor de R\$ 226.518,00 mensais, dessa forma a renda média dessas famílias é de R\$ 507,88 mensais. Em relação ao recebimento de benefícios sociais, 288 famílias são beneficiárias do PBF (Folha de pagamento do mês de agosto/2016) compondo o valor total de benefício de R\$ 51.296,00 no bairro. Destas famílias, 79 recebem o Pacto Família Paranaense somando o valor de R\$ 2.284,00; 210 recebem o PBF compondo o valor de 49.012,00. Dessa forma, 22,65% da renda total das famílias no bairro pertence ao recebimento de benefícios sociais.

Diante desses dados, conclui-se que a população do bairro São João em sua maioria se caracteriza como população de baixa renda, visto que 65% das famílias recebem benefícios sociais. Infere-se que a renda da maior parte da população residente no bairro não ultrapassa a renda de três salários mínimos, visto que para ter acesso aos benefícios sociais as famílias precisam obedecer aos critérios dispostos pela Lei 6.135, de 26 de junho de 2007, que estabelece regras para a inclusão de famílias no Cadastro Único, art. 4, inciso II, alíneas a e b que definem o público prioritário para recebimento dos benefícios sociais, sendo considerada família de baixa renda: “a) aquela com renda familiar mensal per capita de até meio salário mínimo; ou b) a que possui renda familiar mensal de até três salários mínimos”.

Observando a quantidade expressiva de famílias que recebe benefícios sociais no bairro e que o PBF reúne o maior número de beneficiários, buscou-se mapear a distribuição das famílias beneficiárias do PBF no território a fim de identificar e detalhar diferenciações socioeconômicas no bairro. Considerando o sentido transversal do mapa urbano do bairro e a Rua Frederico Klem (que está

localizada no centro do bairro) o bairro foi dividido em duas unidades de análise, o lado A e o lado B (Figura 19). A margem da Rua Frederico Klem onde a Escola Municipal Udir Cantu está situada e as ruas Clarice Recalcatti, Antônio Marini e Anibal Cardoso correspondem ao lado A do bairro. A margem da Rua Frederico Klem onde o ferro velho está situado e as ruas Eugênio Pezarico, Carlos Fontana, Jacinto Zanardi, Tereza Catusso e Servidão correspondem ao lado B do bairro. Com base nessa divisão, foi realizada a identificação das famílias beneficiárias do PBF dentro do território. A identificação foi feita mediante levantamento manual, cruzando a folha de pagamento do mês de agosto do PBF (288 famílias) com a planilha de dados das famílias cadastradas no Cadastro Único no bairro São João (446 famílias) e por meio do auxílio das agentes comunitárias de saúde (ACS) da ESF do bairro. Contudo, ressalta-se que 13 famílias que recebem o PBF não foram identificadas, pois não estão listadas na planilha de famílias do Cadastro Único no bairro, pois a data da última atualização cadastral dessas famílias é inferior ou superior às datas consideradas na emissão das informações (03/10/2014 a 15/09/2016). Este intervalo foi escolhido tendo em vista que a atualização do Cadastro Único é realizada a cada 02 anos.

Identificou-se que das 288 famílias (65% do total de famílias) que são beneficiárias do PBF no bairro, 93 famílias residem no lado A, 111 residem no lado B, 69 pertencem ao conjunto habitacional Vila São Pedro<sup>11</sup> e 13 famílias não foram identificadas. O lado A corresponde 32,73% das famílias no bairro e 21% das famílias beneficiárias, o lado B corresponde a 42,15% das famílias e 25,05% das famílias beneficiárias, o conjunto Vila São Pedro corresponde a 24,4% das famílias no bairro e 15,6% das famílias beneficiárias e as 13 famílias não identificadas correspondem a 2,9% das famílias beneficiárias. Desse modo, observa-se que o lado A apresenta uma concentração maior de famílias beneficiárias levando em conta a quantidade de famílias residindo em cada lado. Abaixo, segue o Quadro 2 listando a quantidade de famílias residindo em cada lado e a quantidade de famílias beneficiárias.

---

<sup>11</sup> O conjunto habitacional Vila São Pedro não foi incluído na pesquisa de campo, visto que começou a ser construído durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como por abrigar famílias de diversas localidades do município, sendo alvo da pesquisa os moradores que já residem há algum tempo na comunidade.

|                                     | LADO A | LADO B | VILA SÃO PEDRO | TOTAL |
|-------------------------------------|--------|--------|----------------|-------|
| Nº de famílias                      | 146    | 188    | 109            | 443*  |
| Nº de famílias beneficiárias do PBF | 93     | 111    | 69             | 273*  |

**Quadro 2: Número de famílias beneficiárias do PBF dos lados A e B e Vila São Pedro**

**Legenda: 443\*** Das 446 famílias residentes no bairro identificou-se que 2 mudaram de endereço e 1 não foi possível identificar em que lado do bairro reside.

**273 \*** Das 288 famílias que recebem PBF 15 famílias não puderam ser identificadas, pois 13 delas possuem a data da última atualização cadastral inferior ou superior ao intervalo de 03/10/2014 a 15/09/2016, 1 família não reside mais no bairro e 1 família não pode-se identificar em qual lado do bairro reside.

**Fonte: Dados da pesquisa (2016)**

Com base nos dados apresentados infere-se que o lado A possui maior estabilidade financeira, visto que o PBF se caracteriza como uma renda mensal e a maioria dos trabalhadores no bairro não possuem carteira assinada (Quadro 6, p. 85).

Ainda sobre as condições socioeconômicas das famílias, com base nas informações do Cadastro Único de Pato Branco com o uso do software Statistical Program for Social Sciences (SPSS)<sup>12</sup> observou-se que a renda das famílias pode ser dividida em três grupos, conforme o Quadro 3:

|                           |            |          |           |
|---------------------------|------------|----------|-----------|
| <b>Número de famílias</b> | 115        | 299      | 27        |
| <b>Renda média</b>        | R\$ 332,00 | R\$79,00 | R\$773,00 |

**Quadro 3: Renda média das famílias no bairro São João**

**Fonte: Cadastro Único/SPSS (agosto/2016)**

Sobre as condições de moradia da população, a seguir os Quadros 4 e 5 demonstram os materiais predominantes nas paredes e pisos das residências.

| <b>Material predominante nas paredes</b> | <b>Número de famílias</b> |
|--|---------------------------|
| Alvenaria/Tijolo com revestimento        | 219                       |
| Alvenaria/Tijolo sem revestimento        | 98                        |
| Madeira aproveitada                      | 98                        |
| Madeira aparelhada                       | 25                        |
| Outro material                           | 1                         |
| Total                                    | 441                       |

**Quadro 4: Material predominante nas paredes das residências do bairro São João**

<sup>12</sup> A partir do programa SPSS pode-se, por meio da identificação dos responsáveis familiares, validar 441 famílias. Ressalta-se que os resultados não apresentaram nenhum caso ausente. Contudo na análise qualitativa dos dados do Cadastro Único, identificou-se 446 famílias.

Fonte: Cadastro Único/SPSS (agosto/2016)

| Material predominante no piso | Número de famílias |
|-------------------------------|--------------------|
| Terra                         | 4                  |
| Cimento                       | 71                 |
| Madeira aproveitada           | 82                 |
| Madeira aparelhada            | 21                 |
| Cerâmica, lajota ou pedra     | 263                |
| Total                         | 441                |

**Quadro 5: Material predominante no piso das residências do bairro São João**

Fonte: Cadastro Único/SPSS (agosto/2016)

Das 441 famílias, 317 famílias possuem as paredes de suas casas de alvenaria (219 com alvenaria/tijolo com revestimento e 98 com alvenaria/tijolo sem revestimento), 123 famílias possuem a madeira como material predominante nas paredes (98 madeira aproveitada e 25 famílias madeira aparelhada) e 1 família outro material. Com relação às características do piso nas residências, observa-se que 103 famílias possuem a madeira como material predominante (82 madeira aproveitada e 21 madeira aparelhada), 71 cimento bruto, 263 cerâmica/lajota ou pedra e 4 residências não possuem piso.

Com relação à renda, o Quadro 6 apresenta as principais fontes de renda dos moradores:

| Fontes de Renda   | Número de pessoas |
|---|-------------------|
| Trabalhador por conta própria (bico, autônomo)          | 168               |
| Trabalhador temporário em área rural                    | 02                |
| Empregado sem carteira de trabalho assinada             | 07                |
| Empregado com carteira de trabalho assinada             | 69                |
| Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada | 17                |
| Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada | 08                |
| Militar ou servidor público                             | 03                |
| Empregador  | 0                 |
| Estagiário  | 02                |
| Aprendiz  | 04                |
| Ajuda/doação regular de não morador                     | 88                |
| Aposentadoria, aposentadoria rural, pensão ou BPC/LOAS  | 118               |
| Seguro Desemprego                                       | 09                |
| Pensão Alimentícia                                      | 19                |

**Quadro 6: Fonte de renda dos moradores do bairro São João**

Fonte: Cadastro Único (agosto/2016)

O Quadro 6 revela que para além do recebimento do PBF, as principais fontes de renda no bairro São João são provenientes do trabalho informal (168 pessoas) e recebimento de aposentadoria, aposentadoria rural, pensão ou BPC/LOAS (118 pessoas).

Além disso, verifica-se que dos 276 indivíduos que trabalham apenas 82 possuem carteira assinada ou estabilidade (69 pessoas com carteira de trabalho assinada, 08 trabalhadores domésticos com carteira de trabalho assinada, 02 estagiários e 03 militares ou servidores públicos). Dessa forma, observa-se que a maior parte dos trabalhadores está desassistida dos direitos trabalhistas.

Segundo dados do Cadastro Único de Pato Branco (2016) das 1429 pessoas residentes no bairro 526 compõem o grupo de indivíduos de 0 a 13 anos, 829 compõem o grupo de 14 a 60 anos e 74 indivíduos possuem idade acima de 60 anos. Considerando como idade produtiva o intervalo de 14 a 60 anos, 33,3% dos indivíduos em idade produtiva residentes no bairro trabalham.

Quanto aos serviços públicos e privados no bairro, observam-se 40 estabelecimentos e 3 pontos de ônibus. A identificação foi realizada mediante visitas a campo da pesquisadora e auxílio das ACS da ESF local. A Figura 19 apresenta a distribuição dos serviços existentes no bairro.



**Figura 19: Mapa Urbano do bairro São João - Distribuição dos serviços públicos e privados**  
**Legenda:**

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |

Fonte: IPPUPB (2011)

O bairro apresenta 40 estabelecimentos entre serviços públicos e privados e 3 pontos de ônibus. O lado A possui 27 estabelecimentos entre serviços públicos e privados, contando com 8 mercearias, 4 igrejas, 2 bares, 1 mecânica, 1 chapeação, 2 vendedores de salada, 2 pontos de ônibus, 1 Posto de Saúde, 1 Academia de Idosos, 1 CRAS, 1 Escola Municipal, 1 Ginásio de Esportes, 1 Escola de Orientação Profissional Beata Angelina e 1 Centro Comunitário.

O lado B do bairro conta 16 estabelecimentos entre serviços públicos e privados, sendo eles: 2 igrejas, 5 mercearias, 1 campo de futebol, 4 bares, 1 Casa da Estopa e 1 Desmanche de carro, 1 ferro velho e 1 ponto de ônibus. O lado B conta 10 estabelecimentos a menos que lado A. Uma das explicações possíveis refere-se ao fato do último ter sido inicialmente ocupado pelos moradores.

Ainda, o lado B, de acordo com observação da pesquisadora e relato das ACS, apresenta menor qualidade ambiental, visto que possui maior quantidade de lixo e material reciclável, pois algumas famílias são catadoras de papel e fazem a separação dos materiais em suas residências. Observa-se também que a maior parte das residências do lado A do bairro possuem melhores condições de infraestrutura.

#### 4.2 SITUAÇÃO DE VIDA DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa 12 sujeitos, sendo 07 sujeitos do sexo feminino e 05 do sexo masculino entre 29 e 76 anos. Considerando que dos 12 sujeitos, apenas 10 responderam ao formulário semiestruturado sobre percepção ambiental e dois sujeitos colaboraram com informações referentes a história do bairro São João, não sendo investigados mais profundamente, dessa forma não serão incluídos na caracterização dos entrevistados.

Em relação à composição familiar dos entrevistados, foram coletados dados apenas dos membros familiares residentes na mesma moradia, desconsiderando os filhos que já estão casados ou vivem em outras localidades. Abaixo, o Quadro 7 ilustra a composição de cada família e as idades de cada membro familiar.



| Membros | Idades Dos Membros Familiares |       |       |       |       |       |       |       |       |        |
|---------|-------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
|         | Fam 1                         | Fam 2 | Fam 3 | Fam 4 | Fam 5 | Fam 6 | Fam 7 | Fam 8 | Fam 9 | Fam 10 |
| Avó     | –                             | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | 63*    |
| Mãe     | 49*                           | 41*   | 40    | 60*   | 39*   | 29*   | 45    | 40    | 44    | –      |
| Pai     | –                             | –     | 50*   | –     | 42    | –     | 47*   | 48*   | 52*   | –      |
| Filho 1 | 19                            | 20    | 10    | 29    | 09    | 10    | 15    | 22    | 17    | –      |
| Filho 2 | 13                            | 15    | –     | 24    | 21    | –     | –     | 14    | 12    | –      |
| Filho 3 | 10                            | 13    | –     | –     | –     | –     | –     | –     | 10    | –      |
| Filho 4 | –                             | 06    | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –      |
| Filho 5 | –                             | 0,8   | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –      |
| Filho 6 | –                             | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –      |
| Nora    | 17                            | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –     | –      |
| Genro   | –                             | –     | –     | –     | 23    | –     | –     | –     | –     | –      |
| Neto 1  | 0,2                           | –     | –     | –     | 05    | –     | –     | –     | –     | 08     |
| Neto 2  | –                             | –     | –     | –     | 02    | –     | –     | –     | –     | –      |

**Quadro 7: Idades dos membros familiares**

**Legenda: \* Responsável familiar**

**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

A família 1 é composta por 06 pessoas entre 02 meses e 49 anos de idade, sendo a mãe a responsável familiar. Com relação à história da família, a responsável afirmou ter carpindo e limpando lotes em troca de comida e para não pagar aluguel morava com seu esposo e filhos no terreno de sua mãe. Contudo, após a morte de seu esposo trocaram o terreno da mãe pelo terreno onde residem atualmente. Disse ter se arrependido da troca, pois a casa onde moravam era mais espaçosa. Todavia, manifestou apreço por sua moradia e terreno: *“gosto da minha casa e do meu terreno... porque é muito bom você dizer que tem uma casa e um terreno da gente... né... porque hoje se fosse pagar aluguel acho que seria ruim... o que eu mais gosto aqui... é a minha casa né... não é uma casa, casa, mas é minha casa né...”*.

Relatou também ter passado por situações de sofrimento com seus filhos, devido a situações de drogadição e morte e devido ao alcoolismo do irmão. No entanto, quando questionada sobre a situação de vida de sua família, afirmou: *“[...] hoje dá pra se dizer que tá mais... tá mais... acho que por causa da idade né, eles estão mais educados, mais firmes né... por isso tá bem melhor, porque a gente não se preocupa mais...”* (ENTREVISTADO 1).

A família 2 é composta por 06 pessoas entre 08 meses e 41 anos de idade, sendo a mãe a responsável familiar. Sobre a história da família, a responsável afirmou ter trabalhado desde muito nova, à medida que ela e seus irmãos foram crescendo tiveram que prover suas necessidades básicas sozinhos. Alguns irmãos começaram a trabalhar e outros casaram. Revelou ter casado várias vezes, mas que nenhum de seus casamentos deu certo. Descobriu que tinha problemas cardíacos e passou por uma cirurgia, o que comprometeu sua capacidade de trabalho. Dessa forma, seu filho mais velho, na época com 13 anos, começou a trabalhar para ajudar com as despesas da casa. A mãe afirmou ter procurado emprego várias vezes, sendo aprovada em alguns processos seletivos, porém não passava nos exames admissionais devido aos problemas de saúde.

Observa-se que os problemas citados acabaram por interferir em sua capacidade de auferir renda prejudicando o provimento do mínimo para garantir qualidade de vida à família. A mãe informou que conseguiu criar seus filhos com muita dificuldade, mas não possui queixa de nenhum deles, pois todos estudam e não possuem envolvimento com drogas. Assegura que seus filhos são a parte mais positiva de sua vida.

Quanto às condições de moradia da família, a responsável familiar declarou: *“eu me acho assim que minha situação ainda é bem precária ainda porque... se vê as condições da minha casa né, ela é muito velha [...] Ah eu digo que eu não tenho casa né. Minha casa na verdade é um barraco.”* A genitora expôs que recebeu proposta para trocar de casa, mas não quis fazer a troca, pois gosta de seu lote e quer continuar morando perto de seus pais para poder cuidá-los. Ademais, informou ter ganhado materiais para construir uma nova casa em seu lote, contudo precisava da escritura do lote para dar início a construção, mas não obteve o registro de imóvel na prefeitura, pois não conseguiu fazer contato com o antigo dono. Além disso, relatou ter feito inscrição nos projetos habitacionais do município, contudo declarou não entender porque seu nome não fez parte do sorteio, pois não possui registro de imóvel, sua renda é pequena e sua família é numerosa.

Relativo às ações dispensadas pela responsável familiar perante os problemas e dificuldades, relatou: *“que eu tive que fazer, má nem sei menina do céu o que posso dizer. Viver um dia de cada vez. Às vezes você tinha e às vezes você*

*não tinha, má eu nunca fui preocupada do amanhã. Eu pensava no hoje, nós vamos fazer tal coisa”.*

A família 3 é composta por 03 pessoas entre as idades de 10 e 50 anos, sendo o pai o responsável familiar. Para poder viver no bairro com sua família, o responsável familiar afirmou que trabalhou durante 15 anos em uma empresa na saída para Coronel Vivida - PR e durante esse período se deslocava até o trabalho de bicicleta. Contou que levava marmita para o almoço e permanecia o dia inteiro no trabalho retornando somente à noite. Depois disso, vendeu sua casa no bairro e foi morar no Rio Grande do Sul. Permaneceu lá por dois anos e conseguiu economizar dinheiro para fazer algumas aquisições. Comprou uma casa no Rio Grande do Sul e uma no bairro, também comprou um automóvel. Em seguida, relatou voltar a residir no bairro e desde então começou a trabalhar de forma autônoma fazendo jardinagem e serviços gerais. Atualmente trabalha como mecânico.

Com relação às condições de sua residência e de seu terreno o entrevistado declarou: *“eu acho que tá bom. É aqui a gente não tem, dá pra ver não deposita água nem nada, a gente cuida melhor lá da casa, que antigamente não tinha né. Então a gente vai agilizando. Com o tempo a gente vai melhorando. O terreno é bom. O espaço é bom. Eu gosto daqui, o terreno ainda é de esquina e tem muito mais condições”.*

Além disso, mencionou que o mais gosta em sua casa são os equipamentos eletrônicos: *“da casa, televisão, computador, que é o passa tempo, o celular, se internet no Whatszapp, às vezes fica o fim de semana chuvoso, fico sozinho, termino a conversa, daí pulo pra televisão”.*

A família 4 é composta por 03 pessoas entre as idades de 24 e 60 anos, sendo a mãe a responsável familiar. Com relação à história familiar, a responsável relatou que veio com a família da cidade de Candói - PR para residir no bairro São João. Relatou que seu terreno não foi doado pela prefeitura como outras famílias no bairro, foi comprado pela família.

Mencionou que alguns de seus filhos eram usuários de álcool, mas que conseguiu ajudá-los a superar o vício. Relatou que obteve ajuda do CRAS e do posto de saúde. Questionada sobre a situação de vida familiar afirmou que ao longo dos anos *“melhorou um pouco”.* Afirmou que no começo não queria vir morar no

bairro, mas que depois se adaptou e que gosta de sua casa e de seu terreno. Nas palavras da responsável familiar:

Gosto de jeito que ela é, como diz o outro ontem de noite tava me lembrando, gosto porque ela, nois moramo nela, a casa é veia memo, gosto, gosto memo. Gosto do que eu tenho, tudo dentro da minha casa. Esses tempo, disse assim, mãe, vocês se pegam muito, demais nos bem material, não é, é que a gente tem amor das coisas da gente, né? Desde um rádio veio eu sou assim, é muito difícil de uma coisa depois de entrar na minha mão, sai do que eu quero, garro amor naquilo que a gente tem. [...] eu gosto de tudo, desde uma bacia que eu tenho né, gosto de tudo né, gosto de tudo o que eu tenho [...] tenho que gostar do terreno né, é meu né.

Porém expôs que sofre pela falta de acessibilidade da residência, visto que sua filha é cadeirante e a moradia não dispõe de nenhuma rampa de acesso. Além disso, o nível da casa está situado abaixo do nível da rua o que impede a mãe de se locomover com a filha na cadeira de rodas. Dessa forma, quando necessita levar a filha ao médico ou para fazer exames, a genitora solicita a ambulância da Secretaria Municipal de Saúde.

A família 5 é composta por 07 pessoas entre as idades de 02 e 42 anos, sendo a mãe a responsável familiar. Quanto à história da família 5 e as ações que realizaram para poder viver no bairro, a responsável familiar relata que veio com sua família de Campo Erê – SC e que tiveram que trabalhar muito para poder sobreviver no bairro. No início moravam em uma casinha de madeira e seus pais trabalhavam como safrista, enquanto ela cuidava dos irmãos menores, limpava a casa e preparava as refeições. Conforme foi crescendo também começou a ajudar os pais como boia fria, enquanto uma de suas irmãs cuidava dos irmãos. Posteriormente seu pai começou a trabalhar como servente de pedreiro e ela e a mãe continuaram trabalhando como safristas e a vida começou a melhorar. Com 17 anos se casou e foi morar com o esposo no Mato Grosso, mais tarde retornou com o esposo para o bairro, tiveram ainda algumas tentativas de residir em outras cidades da região, mas optaram por retornar ao bairro.

Atualmente afirma que a situação de vida de sua família está bem melhor do que antes, seus pais são aposentados e ela e o marido alcançaram muitas conquistas no bairro, relatou que compraram uma casa e dois carros. Declara gostar de sua casa e de seu terreno, em especial da área e do jardim, pois pode tomar sol pela manhã, quando está frio e quando faz calor pode sentir a brisa do vento.

A família 6 é composta por 02 pessoas entre as idades de 10 e 29 anos, sendo a mãe a responsável familiar. Esta relata que nasceu em Pato Branco e que com apenas seis meses de vida foi acometida por uma paralisia cerebral. Durante a sua infância e adolescência sua genitora teve de lhe acompanhar em tratamentos médicos. Afirmou que nesse período sua mãe trabalhava, dessa forma tinham condições para custear os gastos de viagem dos tratamentos. Quando a situação apertava sua mãe fazia jantas e almoços para arrecadar dinheiro para poder continuar com o tratamento da filha. Mais tarde a mãe foi trabalhar em outro local onde sofreu um acidente de trabalho e não conseguiu mais trabalhar, situação que comprometeu a renda da família. Frente à dificuldade descrita, a família tratou de encaminhar um benefício para a mãe, contudo ainda não foi deferido.

Com relação a sua situação de vida a entrevistada declara:

Eu acho assim... que... por mais de tudo os problema que nós vamo passando... agora que a mãe está machucada e não está recebendo... a gente vai levando a vida como a gente pode. Como eu sempre falo... reclamar não dá, né... porque alguns ajuda e outros não ajuda, ao invés de ajudar atrapalham mais... e assim nós vamo levando.

A entrevistada afirma que apesar de o terreno e a casa onde residem serem de propriedade de sua mãe, preferem continuar morando ali para não precisar pagar aluguel, contudo sonha em ter sua própria moradia. Na fala da responsável: *“o meu sonho é ter o que é meu, ter minha própria casa, ter minha própria moradia, não ficasse dependendo de parente né... de mãe, irmãos... eu queria ter o que é meu”*.

A família 7 é composta por 03 pessoas entre as idades de 15 e 47 anos, sendo o pai o responsável familiar. O responsável familiar da família 7 relatou que nasceu em Pato Branco e que trabalhou desde muito cedo e continuou trabalhando muito após vir morar no bairro São João. Com relação à situação de vida familiar, afirmou que está tudo bem, apenas um tempo de sua vida tinha problemas com álcool, mas conseguiu superar e hoje não faz mais uso e também não fuma.

Quanto às condições de moradia, avaliou sua residência como *“razoável, né... tem muita coisa pra fazer aqui ainda, muita reforma ainda... A gente pretende ampliar né... corta ela lá atrás e espicha ela aqui... deixar a parte da calçada, talvez se saia essa rede de esgoto, aterrar essa fossa aqui... e fechar o lote né...”*. Com relação às coisas que mais gosta na moradia, disse: *“Ah é do meu pé de vergamoteira, ele carrega até o chão... e agora tem mais três que a gente comprou... [...] Tem o pé de jabuticaba também”*.

A família 8 é composta por 04 pessoas entre as idades de 14 e 48 anos, sendo o pai o responsável familiar. O responsável pela família 8 afirma que sempre trabalhou muito para poder viver no bairro com sua família. Acordava às 04h00minh da manhã para trabalhar como boia fria. Afirmou que levava seus filhos mais velhos para ajudarem também. Também trabalhou de servente, jardineiro e em supermercado. Relatou que criou os filhos com muita dificuldade, mas com dignidade.

Questionado sobre a situação de vida atual de sua família, o entrevistado 8 respondeu que: *“vivemos bem, durante a vida, dentro do possível assim, claro que a gente sempre queria mais, não pagamo aluguel, moramo no que é nosso, temo dificuldade com doença só. Parte da alimentação, quando a gente se aperta a gente procura o CRAS lá, já fui duas vezes lá e não tenho vergonha de falar, se a gente se apertar a gente corre no CRAS e o CRAS ajuda”*. O entrevistado afirmou que não pode mais trabalhar devido a problemas no coração, contudo às vezes o INSS corta o auxílio doença e durante alguns meses ele e a família ficam sem renda. A esposa apresenta pressão alta e diabete.

Com relação às condições de moradia da família, o entrevistado relatou que seu terreno é bom, mas sua casa precisa de melhorias. Afirmou que gosta da localização de seu terreno, por ser um local tranquilo e também pela possibilidade de plantar verduras e hortaliças. Mencionou que a única coisa que não gosta é a proximidade da lavoura com sua residência, pois as águas das chuvas escoam para dentro de sua residência.

A família 9 é formada por 05 pessoas entre as idades de 10 e 52 anos, sendo o pai o responsável familiar. O responsável familiar pela família 9 afirma que quando veio morar no bairro São João trabalhou por dois anos em uma empresa como servente e depois disso em parceria com um de seus irmãos abriram uma mercearia no bairro. O entrevistado relatou que desde então as condições de vida da família foram melhorando. Trabalhou oito anos em sociedade com o irmão e posteriormente passou a trabalhar como comerciante de forma independente.

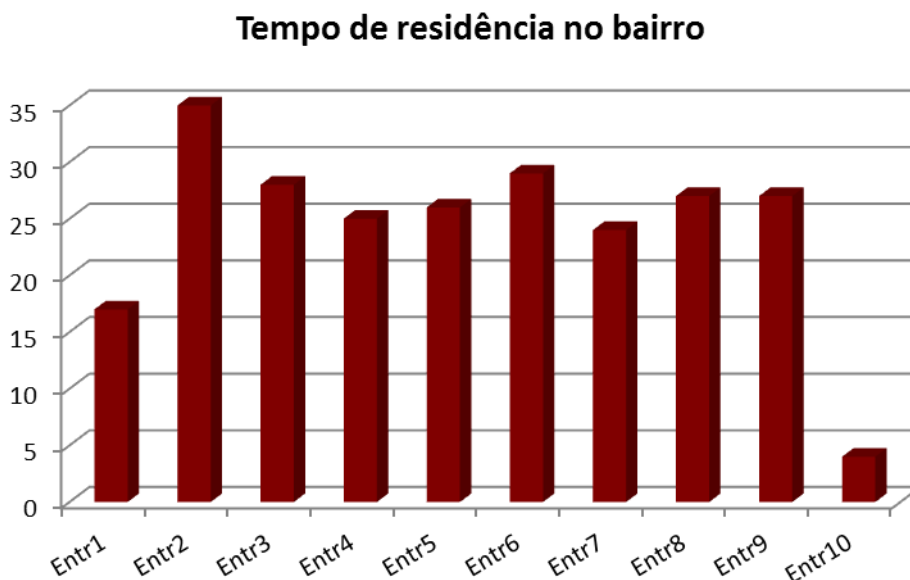
O responsável familiar afirmou se sentir bem em relação à situação de vida de sua família. Relatou gostar de seu terreno, pois pode criar animais. Mencionou apenas a necessidade de cercá-lo com muro, removendo as telas. Ademais, parece

se sentir confortável com sua situação de vida, pois afirmou: *“pra gente viver tá bom. Dá bem pra viver”*.

A família 10 é composta por 02 pessoas entre as idades de 08 e 63 anos, sendo a avó a responsável familiar. Quanto ao histórico da família, a responsável afirmou que ela e sua família carpiam lotes no centro da cidade e trabalhavam como boia fria quando vieram morar no bairro. Mencionou que alguns caminhões de boia fria passavam pelo bairro para buscar trabalhadores. Contou também que quando realizavam compras no centro da cidade tinham que carregá-las nas costas e vir a pé até o bairro, pois não havia transporte público. Além disso, expôs que em alguns momentos utilizavam como meio de transporte a charrete.

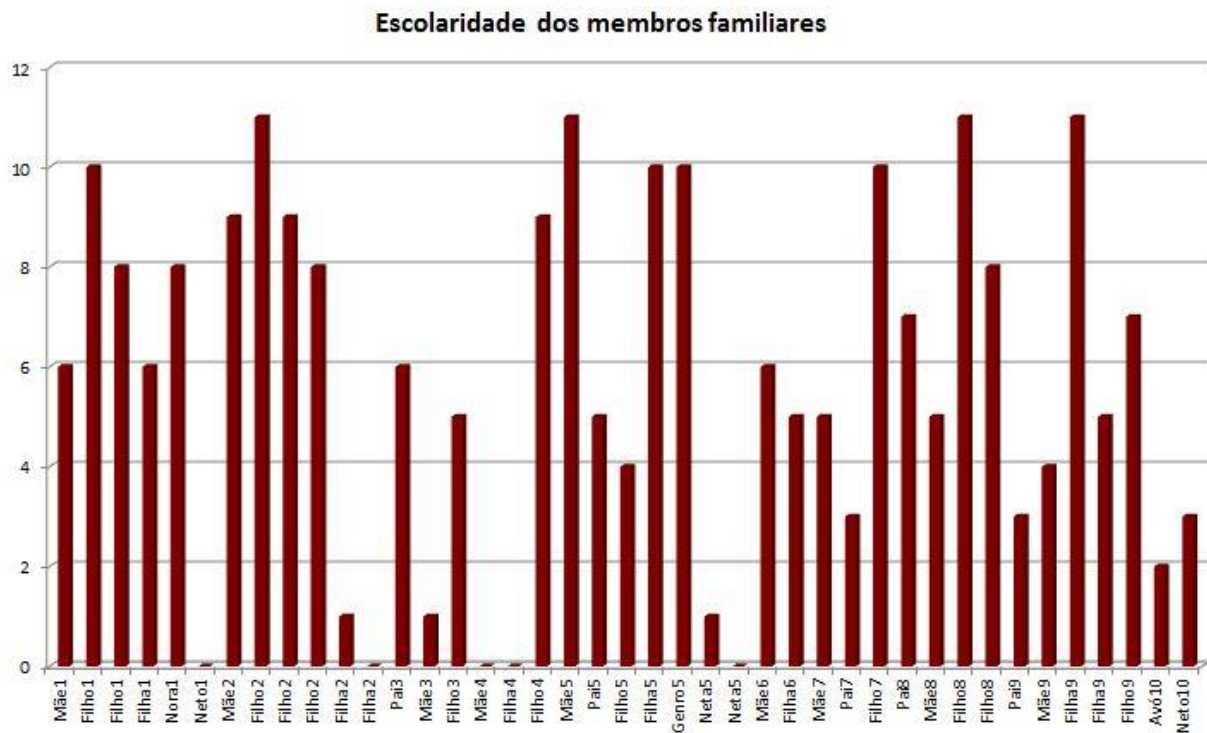
Com relação às condições de sua residência, a interlocutora mencionou que sua casa está *“bem acabadinha”*, explicando que a casa precisa de reboco e forro. Contudo, expressou apreço por seu terreno dizendo que o que mais gosta em sua residência é a possibilidade de plantar verduras, criar animais para consumo e não precisar pagar aluguel.

Em relação ao tempo de residência dos entrevistados no bairro, estes residem entre 04 e 35 anos, como demonstra o Gráfico 1:



**Gráfico 1: Tempo de residência dos entrevistados no bairro**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Relativo à escolarização das famílias entrevistadas, a seguir o Gráfico 2 retrata o tempo de estudo de cada membro familiar.



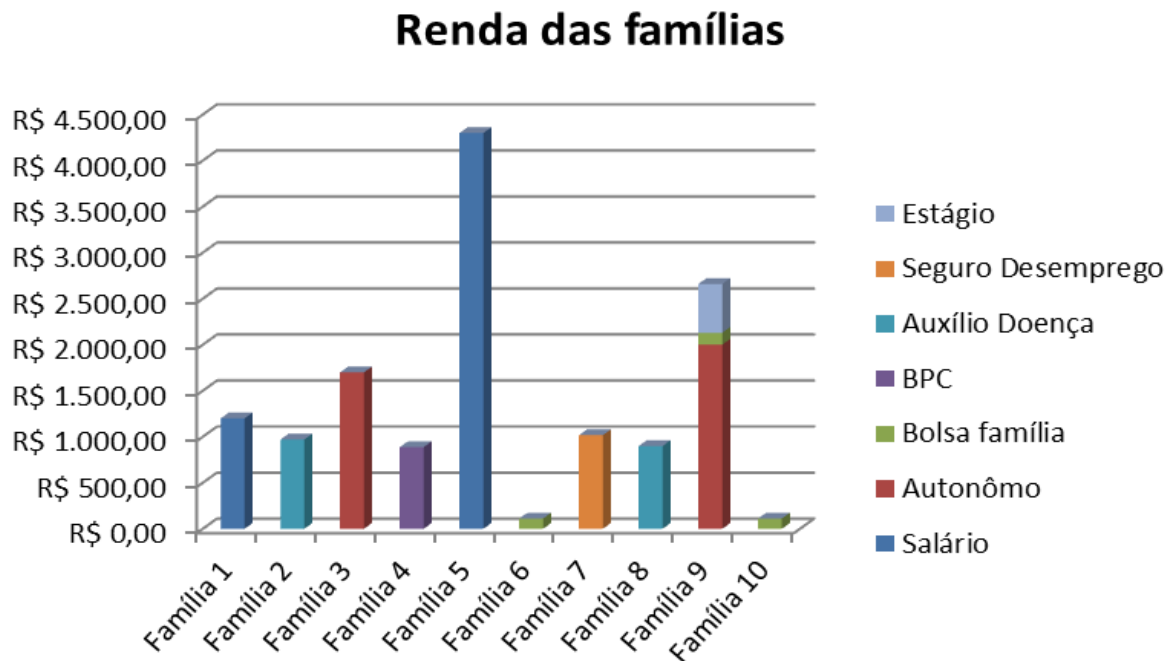
**Gráfico 2: Escolaridade dos membros das famílias**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

No Gráfico 2 observa-se que nenhum dos entrevistados e seus familiares possuem mais do que 11 anos de estudo, nesse sentido a amostra revela que o acesso ao ensino superior ainda é uma realidade distante dos moradores do bairro São João. Infere-se que o fato de a maior parte dos adultos no bairro não ter o ensino médio concluído relaciona-se ao longo período que o bairro não contou com a presença de um Colégio Estadual, visto que o Colégio São João foi construído no bairro no ano de 2005. De tal forma, observa-se que durante muitos anos as condições de acesso ao ensino médio foram bastante limitadas, visto a distância do bairro com os colégios estaduais da cidade e o acesso restrito de transporte público.

Com a chegada do Colégio na região, observa-se que o tempo de escolarização dos moradores tem aumentado, visto que das 10 famílias em 07 os filhos apresentam mais anos de estudo que os pais.

No que se refere a renda das famílias observa-se que as famílias recebem entre R\$ 112,00 e R\$ 4.300,00. Nas linhas a seguir, apresenta-se um gráfico (Gráfico 3) com as fontes de renda e os valores em reais de cada família entrevistada:

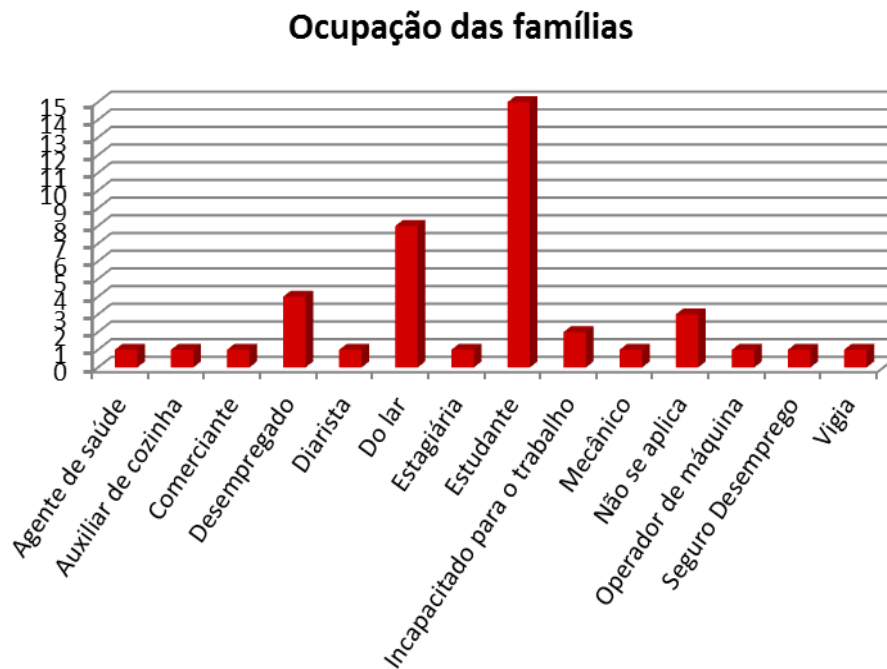




**Gráfico 3: Renda das famílias entrevistadas**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

A partir do gráfico apresentado, verifica-se que apenas 01 das 10 famílias tem mais de uma fonte de renda, 02 famílias recebem auxílio doença, 02 famílias recebem BPC, 03 famílias recebem bolsa família, 01 família recebe seguro desemprego, 02 famílias trabalham de forma autônoma e 02 famílias possuem vínculo empregatício com carteira assinada. Observa-se que 08 destas famílias contam com o recebimento de algum tipo de benefício social, sendo que 06 famílias possuem na seguridade social sua principal fonte de renda.

O próximo gráfico (Gráfico 4) apresenta as ocupações dos entrevistados e dos seus membros familiares. As ocupações variam entre atividades que não requerem escolarização e atividades que necessitam de qualificação, tais como: agente de saúde, operador de máquina, mecânico e estudante.



**Gráfico 4: Ocupação dos membros das famílias**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

O Gráfico 4 revela que as ocupações com maior frequência nas famílias dizem respeito às ocupações de estudante (15 pessoas), donas de casa (08 pessoas), desempregados (05 pessoas), sendo que uma delas recebe seguro desemprego, e, em seguida, não se aplica (03 pessoas), que se refere as crianças pequenas. Além disso, verifica-se que a maioria das mulheres adultas não possui trabalho e que o grupo que forma os desempregados e seguro desemprego são formados por jovens do sexo masculino de 20 a 24 anos e 01 adulto do sexo masculino de 47 anos. Nessa perspectiva, observa-se a necessidade do executivo municipal de Pato Branco investir em políticas de trabalho, e, em especial, na capacitação profissional desses jovens para que possam ter mais chances de se inserir no mercado de trabalho.

Sen (2000, p.2) salienta que a “[...] liberdade de ação é condicionada pelas oportunidades sociais, políticas e económicas. Existe uma complementariedade entre ação individual e agenciamentos sociais”. Com base no entendimento desse autor, a ação individual desses jovens para se inserirem no mercado de trabalho depende das oportunidades que tiveram ao longo da vida para compor um repertório de habilidades emocionais, sociais e acadêmicas, bem como do incentivo e da valorização de suas iniciativas.

A pesquisadora durante sua experiência de trabalho pode observar que a maior parte dos adolescentes e jovens no bairro, embora tenha acesso à internet através dos telefones celulares e dos computadores do Colégio Estadual São João, não possuem habilidades com planilhas e editores de texto. Assim, observa-se a importância de promover a inclusão digital desse público através da oferta de cursos de informática, bem como pelo estímulo a confecção de trabalhos escolares por meio da utilização dos computadores do laboratório de informática da instituição. Igualmente, faz-se necessário levantar os interesses de qualificação profissional desse público fim de priorizar suas potencialidades e habilidades.

Abaixo, apresentam-se as condições de moradia dos entrevistados (Quadro 8):

| Condições de Moradia         | Família 1        | Família 2        | Família 3        | Família 4        | Família 5        | Família 6        | Família 7        | Família 8                | Família 9        | Família 10       |
|------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|--------------------------|------------------|------------------|
| Tipo de construção           | Alv.             | Mad.             | Alv.             | Mad.             | Alv.             | Alv.             | Alv.             | Mad.                     | Alv.             | Alv. e Mad.      |
| Tempo de construção da casa  | Não sabe         | 20 anos          | 9 anos           | 17 anos          | 16 anos          | 01 ano           | 20 anos          | 5 anos                   | 12 anos          | 10 anos          |
| Tamanho da casa              | 48m <sup>2</sup> | 48m <sup>2</sup> | 42m <sup>2</sup> | 20m <sup>2</sup> | 90m <sup>2</sup> | 15m <sup>2</sup> | 72m <sup>2</sup> | 52m <sup>2</sup>         | 40m <sup>2</sup> | 54m <sup>2</sup> |
| Quantidade de cômodos        | 6                | 4                | 7                | 5                | 7                | 1                | 7                | 6                        | 6                | 6                |
| Possui forro                 | Sim              | Não              | Sim              | Sim              | Sim              | Não              | Sim              | Não                      | Sim              | Não              |
| Chão                         | Cimento          | Cimento          | Cimento          | Madeira          | Cimento          | Cimento          | Cimento          | Cimento                  | Cimento          | Cimento          |
| Banheiro                     | Interno          | Interno          | Interno          | Externo          | Interno          | Não tem          | Interno          | Externo                  | Interno          | Externo          |
| Esgoto                       | Fossa            | Fossa            | Fossa            | Fossa            | Fossa            | Não tem          | Fossa            | Fossa                    | Fossa            | Fossa            |
| Água                         | Rede pública     | Rede pública     | Rede pública     | Rede pública     | Rede pública     | Não tem          | Rede pública     | Poço/vertente individual | Rede pública     | Rede pública     |
| Telefone                     | Celular          | Celular          | Celular          | Não possui       | Fixo e Celular   | Celular          | Celular          | Celular                  | Celular          | Celular          |
| Luz elétrica                 | Sim              | Sim              | Sim              | Sim              | Sim              | Sim              | Sim              | Sim                      | Sim              | Sim              |
| Destino do lixo orgânico     | Coleta pública   | Coleta pública   | Coleta pública   | Animais          | Animais          | Coleta pública   | Coleta pública   | Enterra                  | Enterra          | Animais          |
| Destino do lixo não orgânico | Animais          | Coleta pública   | Coleta pública   | Queima           | Coleta pública   | Coleta pública   | Coleta pública   | Coleta pública           | Coleta pública   | Coleta pública   |

**Quadro 8: Condições de moradia das famílias entrevistadas**

**Legenda:** Alv. = Alvenaria e Mad. = Madeira

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2016)

Frente as informações do Quadro 8, observa-se que as famílias entrevistadas em sua maior parte possuem água encanada, luz elétrica, destino adequado para o lixo, telefones celulares e esgotamento da casa em fossas.

Entretanto, as famílias 2, 4 e 6 apresentam condições insuficientes de moradia, visto que as famílias 2 e 4 residem em casas muito velhas e sem manutenção, segundo relato dos próprios entrevistados e o entrevistado 6 não possui banheiro, abastecimento de água e energia elétrica. Contudo, ressalta-se que a família 6 utiliza esses recursos na casa da mãe do entrevistado 6, que residente no mesmo terreno.

O Quadro 9 revela a quantidade de veículos e equipamentos domésticos que cada família dispõe.

| Quantidade de veículos e equipamentos domésticos | Fam 1 | Fam 2 | Fam 3 | Fam 4 | Fam 5 | Fam 6 | Fam 7 | Fam 8 | Fam 9 | Fam 10 |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| TV   | 1     | 1     | 1     | 1     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Geladeira  | 1     | 1     | 1     | 0     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Fogão gás  | 1     | 1     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Chuveiro elétrico                                | 1     | 0     | 1     | 0     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Freezer  | 0     | 0     | 1     | 0     | 0     | 0     | 0     | 0     | 1     | 0      |
| Rádio  | 1     | 0     | 2     | 1     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Parabólica                                       | 1     | 0     | 0     | 0     | 1     | 0     | 1     | 1     | 0     | 1      |
| Computador                                       | 0     | 0     | 1     | 0     | 1     | 0     | 0     | 0     | 0     | 0      |
| Máquina lavar                                    | 1     | 1     | 1     | 1     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 1      |
| Tanquinho  | 1     | 0     | 0     | 0     | 1     | 0     | 1     | 1     | 1     | 0      |
| Carro  | 0     | 0     | 2     | 0     | 2     | 0     | 0     | 0     | 0     | 0      |
| Moto   | 0     | 1     | 0     | 0     | 1     | 0     | 0     | 0     | 0     | 0      |
| Bicicleta  | 1     | 0     | 0     | 0     | 1     | 0     | 1     | 0     | 1     | 0      |
| Total  | 9     | 5     | 11    | 3     | 13    | 1     | 9     | 8     | 9     | 7      |

**Quadro 9: Quantidade de veículos e equipamentos domésticos**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Considerando o Quadro 9, observa-se que a maior parte das famílias entrevistadas apresenta os equipamentos e veículos listados, exceto as famílias 2, 4 e 6, que não apresentam instalação de chuveiro elétrico e da família 6 que não dispõe de equipamentos domésticos. Quando necessita, esta família utiliza os equipamentos domésticos da casa da genitora da responsável pela família 6. A família possui apenas alguns móveis, sendo eles: cama, guarda-roupa, sofá e pia.

| <b>Acesso à saúde</b>                      | <b>Quantidade de famílias</b> |
|--|-------------------------------|
| Frequenta posto de saúde na comunidade     | 10                            |
| Frequenta posto de saúde no centro         | 8                             |
| Clínicas médicas particulares no município | 1                             |
| Hospital do SUS no município               | 10                            |
| Hospital do SUS na região                  | 3                             |
| Hospital particular no município           | 0                             |
| Dentista na saúde pública                  | 10                            |
| Dentistas particulares                     | 0                             |

**Quadro 10: Acesso à saúde das famílias**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

No Quadro 10 constam informações referentes ao acesso à saúde. Neste quadro, pode-se observar que a maior parte dos entrevistados utiliza apenas os serviços públicos de saúde.

Já no Quadro 11 estão listadas as principais formas de acesso à informação dos entrevistados.

| <b>Acesso à informação</b>      | <b>Quantidade de pessoas</b> |
|---------------------------------|------------------------------|
| Escuta rádio                    | 10                           |
| Assiste TV                      | 9                            |
| Lê jornal                       | 7*                           |
| Tem acesso à internet           | 4                            |
| Participa de cursos de formação | 6                            |

**Quadro 11: Acesso à informação dos entrevistados**  
**Legenda: \* refere-se aos entrevistados que leem jornal raramente**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Considerando o Quadro 11, observa-se que a maior fonte de informação das famílias no bairro é o rádio, em especial o programa do Carrapicho, da Rádio Itapuã de Pato Branco, citado pela maioria dos entrevistados como o programa de sua preferência. Com relação aos programas de TV, os entrevistados mencionaram assistir os jornais e as telenovelas.

| <b>Aceso a transporte</b>   | <b>Quantidade de famílias</b> |
|-----------------------------|-------------------------------|
| Transporte coletivo         | 9                             |
| Transporte coletivo privado | 1                             |
| Carro próprio               | 2                             |
| Moto própria                | 2                             |
| Bicicleta                   | 4                             |

**Quadro 12: Transporte das famílias**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

No Quadro 12 observa-se que apenas algumas famílias dispõem de meios privados de transporte, sendo o transporte público o meio mais utilizado pelos moradores.

| <b>Vida Social</b>                             | <b>Quantidade de famílias</b> |
|--|-------------------------------|
| Participa de festas na igreja                  | 4                             |
| Participa de festas na associação de moradores | 5                             |
| Participa de festas na política                | 1                             |
| Participa de festas na escola                  | 8                             |
| Frequenta festas em outras comunidades         | 1                             |
| Vai ao centro da cidade em buscar de lazer     | 10                            |
| Viaja de férias                                | 5                             |

**Quadro 13: Vida social das famílias**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Relativo à vida social dos entrevistados pode-se observar que as atividades de lazer estão focadas no centro da cidade de Pato Branco, na participação de festas escolares e associação de moradores, respectivamente.

Considerando as informações descritas acerca da história de cada família, escolaridade, renda, quantidade de veículos e equipamentos domésticos, acesso a informação, saúde, transporte, cultura e lazer, pode-se observar que a situação de vida das famílias apresenta diferenciações.

As famílias possuem arranjos familiares distintos, das 10 famílias 05 são dirigidas pela mãe ou pela avó e 05 famílias correspondem ao arranjo da família tradicional (pai, mãe, filhos). Algumas famílias apresentam maior situação de vulnerabilidade e risco social enquanto que outras possuem melhores condições de renda e moradia. É importante salientar que das 10 famílias 04 possuem o responsável familiar com problemas de saúde e 02 famílias apresentam pessoas com deficiência, sendo que em uma o responsável possui deficiência física e em outra o responsável presta cuidados a uma pessoa cadeirante com deficiência mental. Destas 06 famílias, apenas uma não recebe benefício social e possui renda através do trabalho, o que revela que as outras 05 famílias possuem sua capacidade de auferir renda prejudicada.

Ainda sobre a saúde, observou-se que 03 famílias já atravessaram problemas referentes à dependência de álcool e drogas, contudo segundo relato dos entrevistados estes problemas foram solucionados.

Com relação às possibilidades das famílias para enfrentar os problemas de saúde, observa-se que os interlocutores e seus familiares são atendidos na comunidade e encaminhados, se necessário, para outros setores. Relativo ao acesso a educação, observa-se que os filhos possuem mais anos de estudo que os pais, o que revela que o nível de escolarização das famílias tem crescido nos últimos anos, bem como o acesso a internet e as redes sociais. Contudo, ainda prevalece o rádio e a TV como meios de fonte de informação, sobretudo para os adultos. Com relação às possibilidades de deslocamento verifica-se que a maioria das famílias utiliza o transporte público. Quanto às oportunidades de lazer e divertimento observa-se que a maior fonte de lazer concentra-se nas atividades desenvolvidas no centro da cidade de Pato Branco, pois a maioria das famílias não possui orçamento para desfrutar possibilidades alternativas.

#### 4.3 AS PERCEPÇÕES E AÇÕES DOS MORADORES

A análise dos dados e informações coletadas permitiu identificar que a maior parte dos entrevistados apresenta sentimento de pertencimento em relação ao bairro São João, declarando gostar de morar no bairro. Nessa perspectiva, apresenta-se a fala de dois entrevistados (2 e 5) que relataram já ter residido em outras localidades, porém não se adaptaram e voltaram a morar no bairro, o que revela identificação com o lugar. Nas palavras do entrevistado 2:

Eu pra mim é tranquilo, eu pra mim é de boa... Eu gosto de morar aqui, eu me acostumei porque nesse meio tempo eu saí várias vezes aqui do bairro, eu saí morar fui pro Mato Grosso, Santa Catarina, fui pra Beltrão, mas o meu lugarzinho era aqui, eu voltava de novo pra cá. Na verdade quando eu ia morar fora eu nunca vendi minha casa, sempre deixava meu cantinho aqui de volta, não dava certo eu virava de novo pra trás. Sempre fui e voltei.

Nesta fala pode-se perceber que o entrevistado revela forte sentimento de pertencimento em relação ao bairro São João, embora tentasse a vida em outros locais nunca colocou à venda sua casa no bairro. Ela ficaria sempre ali para poder voltar caso algo desse errado. Nesse movimento, o morador permaneceu por alguns anos e experimentou vários lugares, mas optou por construir sua vida no bairro São João. Por estar sempre de passagem, o morador estabeleceu com os locais onde residiu apenas o sentido de espaço e com o bairro São João estabeleceu o sentido

de lugar, pois firmou raízes, como define Tuan. O mesmo observa-se no relato do entrevistado 5:

Eu gosto de morar aqui, é o bairro que eu me criei aqui né. Desde os meus 8 anos que eu moro aqui, já fui morar em vários lugares, mas não gostei, voltei pra cá. Fui para o Mato Grosso, fui para Santa Catarina, morar perto da praia não gostei, daí voltei pra cá. Fui morar no Gralha Azul não gostei, voltei pra cá, no Planalto, também não gostei voltei pra cá. Acho que sei lá, minha casa. Passei por vários lugares, mas não me adaptei. Gosto mais daqui. Não gosto de morar em outros lugares, já fui em vários morar né, mas não gostei. Prefiro aqui. Aqui é meu lugar. É minha casa. Eu gosto daqui. Sempre morei aqui. Acho que até eu me aposentar eu vou ficar aqui. Até eu me aposentar não. Até sei lá, a hora que Deus quiser me levar, daí vou pra outro lugar. Mas por enquanto eu tó aqui, não pretendo sair.

Frente a esses relatos, infere-se que o que leva os moradores a se estabelecerem em outros locais não é a ausência de afeição pelo bairro, mas a carência de oportunidades e recursos para mudarem sua situação de vida. Entretanto, observa-se que alguns interlocutores mesmo diante das dificuldades conseguiram estabelecer com o bairro uma relação de enraizamento e de produção de vida, revelando forte sentimento de topofilia.

O bairro aqui pra mim hoje é o meu meio de vida, tenho meu trabalho [...] então pra mim hoje o bairro é meu meio de vida é daqui que tiro meu sustento. Compro o que posso comprar, o que não posso a gente vai levando, esperando um pouco, mais pra mim hoje tá bom (ENTREVISTADO 3).

Representa minha casa, representa..., toda minha vida eu vivi aqui, meus filhos eu criei aqui. Representa minha vida, eu acho, que eu tive foi aqui, casei, meus filhos se criaram todos aqui. Acho que é isso (ENTREVISTADO 5).

As falas associam o bairro São João a fonte de vida (ENTREVISTADO 3) e revelam que o bairro também simboliza a vida dos moradores (ENTREVISTADO 5). Nesse entendimento, o bairro São João pertence aos moradores e os moradores a ele. Nas palavras de Carlos (2007, p.22):

O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social.

Contudo, alguns entrevistados embora apresentem sentimento de pertença ao bairro também manifestam sentimentos ambíguos em relação a seu próprio sentimento de pertencer, a exemplo dos entrevistados 1, 8 e 10. Na fala do entrevistado 1 observa-se que o bairro São João se revela como uma referência para o morador em que diz “*é um exemplo de vida para mim*”, entretanto no começo



de seu discurso afirma que se tivesse condições moraria em outro lugar. Abaixo, segue a fala do morador:

Ai meu Deus... então... pra mim assim... eu gosto de morar aqui... aconteceu um monte de coisa aqui né... se pudesse morar em um lugar melhor eu moraria... mas sempre acho que não é o lugar que vai mudar a pessoa, mas a pessoa que tem que fazer alguma coisa pra muda né.. o bairro é... é um exemplo de vida pra mim né... é um lugar... que... se a gente sai só pra um lugar melhor né... aqui a gente tem a casinha da gente.

O entrevistado 8 também manifesta sentimento de pertencimento em relação ao bairro, demonstrando defendê-lo caso alguém manifeste alguma opinião contrária sobre o mesmo. Contudo, o entrevistado afirma residir no bairro apenas por necessidade. De acordo com o entrevistado:

Quando falam do bairro, se for preciso brigar ou xingar alguém, eu brigo. Eu defendo. Faz tantos anos que moro aqui e nunca matei ninguém, nunca bati em ninguém, nunca roubei, nenhuma passagem policial, nada. Conheço todo mundo, todo mundo me conhece. [...] Aqui é viver, não é a coisa que a gente quer, não é porque eu quero viver no São João, mas é a necessidade. A necessidade obriga os morador a ficar aqui. Porque você acha que se eu tivesse condições de comprar uma casa em um outro bairro, no centro, com asfalto, uma grama bonita, mais segurança, eu taria lá. Eu tiraria a minha família daqui. Não tenho nada contra o São João, mas é mais por causa da minha família. Eu acho que uma parte da gente morar no São João, é necessidade, porque se eu tivesse condições de estar fora do São João, com certeza eu iria.

O entrevistado 10 afirma gostar de morar no bairro: *“Para mim é muito bom o bairro aqui, não tem o que dizer do bairro [...] Pra mim é bom né, aqui que a gente tá vivendo né, tá sendo bom, em vista com todas as bagunças que dá, mas tá bom né”*. Entretanto, quando questionado sobre como a cidade de Pato Branco vê o bairro São João, o morador começa descrevendo as impressões depreciativas que acredita que a cidade de Pato Branco mantém sobre o bairro e depois parece confirmar estas impressões como suas, relatando que não teria o porquê não contratarem sua filha, pois ela nem é do bairro, colocando sua filha em condição de estrangeira. Nas palavras do entrevistado:

Acho que ela vê ele bem diferente dos outros bairros [...] Assim, porque até o pessoal quando vai pá arrumar um serviço lá, se falar que é do bairro São João já ninguém quer, por causa do mal falado, é um bairro muito mal falado, pessoas do mal, que não querem fazer o bem, né. Não querem ajuda. Eles têm que se ajudarem né, porque que nem aqui um bairro bom, um bairro que você podia ter sucesso nesse bairro né, mas o pessoal estraga, porque se vê... não tem as condições, eles mesmo estragam o bairro né, porque depois você vai lá fala que é o bairro São João, minha menina foi arrumar serviço falou que é do bairro São João. Eles falaram que

iam ligar pra ela e até hoje não ligaram, por quê? E ela não é daqui do bairro. Ela veio de fora, mas porque mora aqui já não arruma serviço né.

Frente a este relato, observam-se evidências de estigma dos próprios moradores e dos moradores residentes fora do bairro que se confirmam nas falas de outros entrevistados, como se vê nas próximas linhas:

Teve uma época que, não é tanto, mas teve um tempo atrás que pra você conseguir arrumar um serviço você tinha que mentir que morava em outro lugar. Até a vez eu fui trabalhar na casa de uma família aí, hoje ela é bem grande aí na cidade... a Mari Farma, quando eu comecei, quando eu fui trabalhar na casa dela, uma vez, que eu fui trabalhar de doméstica pra ela, de babá na verdade... eu menti que morava no bairro Bela Vista porque se não se eu falasse que morava aqui, não pegamo gente do bairro São João, era muito discriminado aqui o bairro São João. Aqui só morava ladrão, bandido e esse tipo de coisa, sempre foi assim, má hoje em dia em todo lugar tem, não tem? Até no centro tem. Não devia de fazer mais exclusão, discriminar tanto o povo daqui. Mas ainda existe, ainda tem bastante (ENTREVISTADO 2).

[...] Se você dizer que é do São João eles não te dão serviço, incriminam a gente... não te dão... não te dão chance de conseguir um emprego... tem muita gente que... incriminam a gente só porque você é do São João... a maioria acham assim... uns são a favor e uns são contra o bairro... né... que veem que quem mora aqui é bandido, que aqui só tem bandido... a maioria pensa assim... tem uns que não e uns que sim né... [...] (ENTREVISTADO 6).

Observa-se que o bairro São João e seus moradores são estigmatizados pela população patobranquense e que em muitos momentos os moradores se omitem de manifestar que residem no bairro para não sentirem-se rejeitados e para não terem suas oportunidades restringidas. Percebe-se que os moradores se sentem inseguros para revelar seu verdadeiro endereço, pois como esclarece Goffman (2004, p.15) “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão”. O autor afirma que esse sentimento não é produzido na pessoa apenas por ela não saber em que categoria será incluída, mas também pela preocupação que os outros possam determinar seu caráter e personalidade a partir das características de seu estigma, como se pode observar no relato do sujeito 2 que gostaria de entender como a cidade vê o bairro:

Até gostaria de entender o que eles pensam daqui. Porque eu acho assim que as autoridades daqui de Pato Branco deveriam fazer por aqui né. Porque o nosso bairro é mais velho que o Planalto, que o Alto da Glória, e porque que lá eles têm melhor condição que nois? Nosso bairro não tem nenhuma empresa, o bairro Planalto tem. Ele é bem mais novo que aqui. A quantia que é melhor que aqui... as pessoa que moram ali, tem pessoa de

bem né, que tem bens. E porque que aqui no bairro São João não tem nada disso? Aqui não tem nenhuma pessoa empregada aqui no nosso bairro São João. Nosso bairro é o único que não tem empresa, que dê trabalho pras pessoas aqui do bairro. Que devia de ter né, principalmente pras pessoas que mais precisam. Aqui não tem um mercado de verdade né, pra você fazer um rancho. A lotação é de horário contado, você tem que se programar pra fazer as coisa naquele horário, se perder não faz mais. Antes era pior ainda. Por isso que eu falo que é exclusão, nosso bairro é excluído. Não sei o porquê, gostaria de saber o porquê.

Outros entrevistados afirmam que embora ainda exista muito preconceito em relação ao bairro esta situação aos poucos está mudando. Nas palavras dos interlocutores:

Hoje eu acho que eles tão olhando com novos olhos, o São João [...] Hoje você conversa com uma pessoa lá do centro, a mas onde é que você mora, moro lá no São João, atitude da pessoa com você já mudou. Uma vez se você falasse, tivesse num ponto de lotação, falasse que era do São João, tivesse 5 ficava 1, porque 4 saia de perto de você. E hoje não, hoje é mais de boa essa questão de São João, eu penso assim, hoje o São João tá bem mais vivo do que no passado (ENTREVISTADO 8).

Eles tem bastante preconceito com o bairro. Eles não vê muito bem o bairro, eles não tem bom olhos com o bairro, muito preconceito por causa de algumas pessoas, ai eles tem bastante preconceito. Tanto até que às vezes até pra você arrumar um serviço, às vezes perguntam, uma loja alguma coisa, perguntam onde que mora, São João, a já foi preenchida a vaga mesmo que tenha a vaga, a vaga não esteja preenchida. Você falou que é do São João já não tem a vaga mais. Agora até que está mudando bastante, mas antes era assim se ia lá pedir serviço, preenchia papel lá tudo, chegava pedia a vaga de serviço tinha, ai você preenchia os papel tudo lá, o endereço São João, aí acabou de ser preenchida a vaga, não sei o que, não tem mais vaga. Aí deixa o telefone qualquer coisa a gente liga, tinha bastante preconceito principalmente na área de serviço, mais agora nesse aspecto do serviço tá mudando bastante (ENTREVISTADO 5).

Ainda que os moradores afirmem que a discriminação tenha diminuído ao longo dos anos, o preconceito em relação à comunidade ainda é bastante expressivo, visto que a queixa da não contratação foi citada por todos os interlocutores da pesquisa. Dessa forma, o estigma acaba por nivelar todos os moradores as mesmas características de caráter e limitar o potencial dessa população restringindo suas possibilidades. As relações econômicas do bairro como um todo são enfraquecidas, visto que a impossibilidade de estarem inseridos no mercado de trabalho também diminui o poder de compra dentro do próprio bairro. Por conseguinte, os rótulos atribuídos aos moradores não trazem prejuízos apenas à saúde psicológica, mas também a vida prática, condicionando em certo sentido sua percepção socioambiental.

No entanto, os rótulos e as características depreciativas impostas aos moradores parecem não amedrontar os políticos para pedir votos em períodos eleitorais.

Eles só lembram do São João quando é pra pedir voto. Daí eles vem, em peso. Até um dia eu xinguei um que era candidato, não o candidato em si, mas os que estavam trabalhando pra ele. Uma combes de som fazendo propaganda política. [...] Eu tava trabalhando no Alto da Glória à tarde [...] aquele carro de som pedindo voto pá fulano de tal, tá né daí eu vindo passando [...] eles parado lá perto do ponto de lotação lá em cima né, na esquina lá da escola e como tinha um monte de bandeira do candidato e a combes tudo adesivada né, eles não me viram e eu cheguei e fiquei parada do lado da combes quando eles falaram que o São João precisava era que soltasse uma bomba, que aqui só tinha gente que não prestava que não valia nada, porque era tudo vagabundo, só tinha ladrão, aí eu escutando aí quando eu virei assim coloquei a cara na janela da combes que eles me enxergaram, arregalaram um olho. Ai falei: Ah é assim né, falando do São João, mas precisam do voto do povo do São João, falei pra eles. Vocês sabem quem que mora aqui, tem muita gente ruim que mora aqui, mas também tem muita gente boa, que trabalha pra ganhar o pão de cada dia tá, falei pra ele. Não é bem assim, como vocês estão pensando e como vocês estão falando, falei pra ele. Eu defendo meu bairro, eu moro ali e faz anos e eu defendo, sei que tem muita gente boa, mas também, como tem gente ruim, em todos os bairros tem, mas também tem muita gente boa, falei assim e também não é bem assim e uma coisa vou falar pra você, pois agora que vocês estão falando do São João, eu vou falar pra todo mundo do São João, se vocês descereem lá no bairro vocês vão ser apedrejado com a combes de vocês, má bem capaz que eu ia fazer isso, porque vocês estão falando mal do nosso bairro, falei pra ele, virei as costas e saí e eles desceu com aquela combi atrás de mim, má desceu numa corrida, pensei pronto vai passar por cima de mim (ENTREVISTADO 5).

Depois do acontecido, o entrevistado afirmou que pessoas do comitê do candidato o procuraram em seu trabalho para lhe pedir perdão e pedir que perdoasse o funcionário, pois era novo e tinha problema com alcoolismo.

Ademais, observa-se nas falas dos entrevistados que o sentimento de pertencimento social também é afetado pela violência e pelo tráfico. Os entrevistados expõem as drogas, o som alto, a bebedeira e a bagunça como sendo alguns dos principais problemas e aspectos que menos gostam no bairro. O entrevistado 1 relata: *“não gosto das pessoas que bebem... acho que tinha que mudar as pessoas... tinha que sensibilizar mais”* e afirma que *“a bebida e a droga... são os principais problemas... que mata a juventude”*. O entrevistado 4 informa que *“o que eu não gosto aqui no bairro São João é esse negócio que brigam, sai tiro, pra lá pra cá, isso a gente não gosta né, isso eu acho que ninguém gosta, que Deus o livre”*. Nas palavras do entrevistado 3: *“Os ferve. O som. O barulho à noite e essa turminha, como diz o outro, de drogados”*. Segundo relatos dos entrevistados 9 e 5:

Então as veis muitos vizinho tem emprego, tem trabalho, precisa as veis aquela hora de chegar na casa e descansar não pode as veis dormir um sono bão por causa dos ponto de droga. Os ladrão, as veis a noite inteira caminhando na rua e a gente precisava mais de apoio da policia né aqui no bairro (ENTREVISTADO 9).

As malandragem, as pessoas aí, que ficam fazendo esse barulhão, ficam incomodando os outros (entrevistado fez alusão a um rapaz que durante a entrevista estava andando de moto e o barulho do cano de escape estava muito alto). Não é fácil, mas a gente não pode proibir eles. Não gosto que fiquem na rua, fazendo algazarra, não deixem as pessoas dormirem. Tem uns que escutam música a noite inteira, tem dia de semana que no outro dia você tem que trabalhar, eles ficam a noite inteira escutando música aí não deixam, aí de manhã cedo estão dormindo, você tem que levantar para ir trabalhar. Eles desligam o rádio e vão dormir e a gente tem que levantar pra ir trabalhar. Outros ficam roncando moto a noite inteira na rua. Mais isso que eu não gosto, a piazada que vendem droga por aí também (ENTREVISTADO 5).

Questionados sobre as ações que realizam para enfrentar esses problemas, os entrevistados afirmam que para poder viver na comunidade é necessário “*ficar no canto da gente*”, como declara o entrevistado 4: “*como diz pra viver, tá sendo bão, viver aqui, a gente não como diz o outro, a gente não se envolve com nada né, bebe quietinho na sua casinha, sai as vezes alguma fulia aí mas a gente não se envolve, fica no canto da gente*”. O entrevistado 5 declara:

Nós não somos de se envolver muito né. Tão brigando ali na esquina, eles tão brigando entre eles que fiquem brigando. Nós não vamos se meter né, a não ser que venha na porta da minha casa incomodar daí eu tomaria alguma atitude, mas se tiverem lá na rua, lá na esquina onde tiverem, nós não se metemo, nós ficamos na nossa.

Este interlocutor também mencionou já ter realizado denúncia para polícia após presenciar situações de som alto na comunidade, bagunça e uso de drogas. Contudo, segundo relato do entrevistado a polícia veio até o local, passou em frente com a viatura, mas não fez nada. Na fala do morador: “*a polícia passou por eles aqui na esquina, não falou nada, não fez nada, não abordou eles, eles tavam tudo armado, não fez nada*”. Depois do ocorrido, o entrevistado afirmou que se passaram alguns dias e tentaram invadir sua casa.

Outro fato importante refere-se às observações da pesquisadora que em muitos momentos ouviu os moradores em conversas informais e durante atendimentos relatar que não podem atravessar o bairro, pois se o fizerem podem ser alvo de provocações, brigas e até mesmo, de morte. O tráfico e a violência ditam o comportamento dentro do bairro, definindo o sentido de orientação e deslocamento. Em consequência, observa-se que os moradores do bairro São João

são privados de viver a localidade de forma plena. Os moradores constroem com o bairro uma identidade fragmentada, pois ao abrirem a porta de casa e sair à rua já tem seus caminhos restringidos.

Por conseguinte, constata-se que a insuficiência dos serviços de segurança pública traz prejuízos à qualidade de vida dos moradores, pois os moradores não podem gozar do seu direito de ir e vir. Assim, “ficar no canto da gente”, como mencionam os moradores, parece ser a estratégia mais efetiva para lidar com os problemas de violência e a falta de segurança presentes no bairro. Reconhecendo esses problemas, observa-se a necessidade da efetivação da política pública de segurança no combate ao tráfico de drogas a fim de diminuir a violência e a criminalidade presentes no bairro e garantir os direitos de convivência comunitária. Contudo, as ações não devem estar voltadas unicamente para o patrulhamento e repressão do tráfico e da criminalidade. As causas desses problemas sociais são múltiplas.

Bauman (2013, p. 10) afirma que “a pobreza e o desemprego crônico, ou o “trabalho sem emprego” – informal, de curto prazo, sem envolvimento nem perspectivas –, têm uma correlação com a delinquência acima da média”, ele cita como exemplo a cidade de Bradford na Inglaterra em que “40% dos jovens que vivem em famílias sem uma única pessoa empregada, um em cada 10 já tem ficha criminal (p.10)”. Contudo, o autor adverte que a pobreza não deve ser entendida como um problema criminal, mas sim como um problema com raízes sociais. Para o autor esses problemas são frutos de um estilo de vida e uma lógica política e econômica voltadas para o consumo, em que os pobres têm cada vez mais suas oportunidades limitadas e as expectativas de sair da pobreza de forma socialmente aceita se tornam cada vez menos realistas. Assim, muitas vezes a entrada no mundo do crime se caracteriza como uma oportunidade. Nesse viés, como explica Abramovay e Pinheiro (2003, p.5) “nos espaços onde a sociedade não tem respostas efetivas, por parte do poder público, para as suas demandas e necessidades. Esse não cumprimento de suas atribuições força o Estado a aceitar um novo tipo de “ordem” imposta, de maneira geral, pelo crime e pela violência”.

Para enfrentar os problemas descritos, os moradores adotam diferentes posicionamentos, tais como orar: *“é daí a gente vai, como diz o outro, eu rezo, devoção da gente né, daí a gente né vai e pede pra Deus pra olha por a gente,*

*porque graças a Deus eu não tenho problema com a minha família, tá tudo, mais era o problema de bebida alcóolica né” (ENTREVISTADO 4), fazer denúncia: “Denúncia... faz a denuncia anônima né” (ENTREVISTADO 7), ligar para a polícia:*

Sobre briga nós... enfrentamos como pode. Quando tem briga a gente nem se mete. Mais é tentar ligar pra polícia, tentar pedir ajuda pra alguém... Apesar que com nós mesmo, nessa rua aqui é difícil ter briga. Briga é mais entre casal... mas aí nem se mete, mais é ali pra baixo nos fundos... ali é todo final de semana, tem briga, tem discussão... mas a gente nem se mete... é cada um pra si. Se dá briga lá, nós ficamos pra cá... qualquer coisa nós ligamo pra polícia né... se não, não (ENTREVISTADO 6).

Não sair durante a noite:

É ficado em casa durante a noite, dentro de casa, dentro do pátio e só sair durante o dia. É o único jeito, que nois não saimo à noite. Não deixo as criança sai, eu não saio, ninguém sai a noite, nosso lugar é dentro de casa, se precisar fazer alguma coisa é durante o dia. E depende o dia também, porque depende o lugar nois desviamo. É o único jeito de lutar e viver com essa situação é só saindo durante o dia e de noite ficar em casa ou deixar pra amanhã (ENTREVISTADO 8).

O refúgio da casa, como forma de resguardar a segurança da família, coloca o espaço privado como fundamental para assegurar a vida no bairro, já que parecem contar pouco com os recursos públicos. Esses são acionados em momentos como o de internar familiares em clínicas de reabilitação: *“a gente já passou por esses problemas... meu marido bebia... meu filho já bebeu... sobre droga já tive meu irmão na família que fez a mãe sofrer por causa de droga... ele foi até internado... foi a melhor coisa... hoje não dá pra acreditar que é ele... (ENTREVISTADO 1).*

Diante dos relatos, verifica-se que a política pública se efetiva no bairro em situações que os problemas já não têm mais caráter de prevenção.

Reunir os vizinhos como forma de ação para enfrentar os problemas do bairro, parece ser uma alternativa encontrada pelos moradores:

Até falei com um pessoal aqui pros meus vizinho a gente se reunir aí e fazer uma cobrança pro comandante. As veis uma viatura fica lá no centro numa esquina, parado né. O bão uma viatura vir aqui e ficar onde tem movimento de droga fica parado na esquina ali uma meia hora vai que esses malandro param, param ou bem pegam uma cadeia, porque a gente que é pai, a gente se preocupa com a família da gente, porque a gente não quer criar um fio uma fia pra mais tarde se perder, a gente explica oh fio as filharada da gente, oh você pegou amizade com alguém, avisa o pai, avisa a mãe pra gente poder saber com quem você está tendo amizade, que a gente tem preocupação até com os filhos da gente né (ENTREVISTADO 9).

Os interlocutores também identificam como problemas importantes: a discriminação do bairro, à falta de médicos, poucos horários do transporte público, precariedade da iluminação pública e vigilância sanitária e ausência de saneamento básico. Em relação a essas deficiências identificou-se que alguns moradores procuram os porta-vozes do bairro para reclamar: *“a gente procura o presidente do bairro, entra em contato e reclama. Ele só diz que tem que ter paciência, que tem que ter ordem, que tem o tempo certo de resolver as coisas”* (ENTREVISTADO 6). O entrevistado 9 também demonstrou buscar ajuda junto a outros membros da comunidade: *“as veis a gente se reoni aí com os vizinhos e as vezes as ideias da gente é a mesma coisa, combina pra conversar um assunto que tem que tratar daquele assunto né.”* Também identificou-se o CRAS como um dos porta-vozes do bairro, visto este órgão ser um dos espaços em que os moradores podem fazer reclamações, solicitar informações e auxílio, nas palavras do entrevistado: *“que nem o CRAS aí pra nós é uma mão, pra gente né, quando a gente tem alguma coisa pra falar tem o CRAS aí pertinho de casa”*.

Além do CRAS, percebe-se que o programa de rádio do Carrapicho apresenta a função de porta-voz do bairro, visto que os moradores ligam para o programa e denunciam ou reclamam dos atendimentos realizados no bairro ou solicitam ajuda para alimentação, madeira, materiais de construção, emprego, saúde e outros. Ressalta-se que os moradores utilizam esse recurso de maneira expressiva e em boa parte das vezes tem suas necessidades atendidas.

Também é importante salientar o trabalho social desenvolvido pelas igrejas no bairro que auxiliam muitas famílias com mantimentos, roupas e doação de móveis. Diante dos fatos apresentados, verifica-se que as instituições religiosas e os meios de comunicação auxiliam muitas famílias no bairro na provisão dos mínimos sociais, desempenhando funções que cabem à política de assistência social.

Quanto às mudanças ocorridas no bairro ao longo dos anos, observa-se por meio do relato dos entrevistados que embora muitos avanços tenham ocorrido, o bairro apresenta ainda muitas dificuldades. A seguir, o Quadro 14 expõe as mudanças ocorridas no bairro em relação à área total do bairro, volume de área verde do bairro, volume de pássaros do bairro, volume de animais silvestres, espaços de lazer, calçadas, passeios, horta comunitária e participação dos



moradores em causas coletivas da comunidade. Na sequência, descrevem-se as opiniões dos interlocutores sobre cada uma das mudanças.

| Tipos de mudanças ocorridas no bairro                           | Aumentou | Diminuiu | Mesma | Nunca Teve | Outro    |
|---|----------|----------|-------|------------|----------|
| 1. Área total do Bairro   | 8        |          | 2     |            |          |
| 2. Volume de área verde   | 8        | 2        |       |            |          |
| 3. Volume de pássaros silvestres                                | 3        | 5        | 1     |            | Não sabe |
| 4. Volume de outros animais silvestres                          | 3        | 7        |       |            |          |
| 5. Espaços de lazer   | 1        | 1        | 4     | 4          |          |
| 6. Calçadas   | 1        |          | 3     | 6          |          |
| 7. Passeios   |          |          | 2     | 8          |          |
| 8. Horta comunitária  |          | 7        |       | 3          |          |
| 9. Participação dos moradores em causas coletivas da comunidade | 3        | 4        | 2     | 1          |          |

**Quadro 14: Percepções dos interlocutores sobre as mudanças ocorridas no bairro São João ao longo dos anos**

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Os entrevistados 1 e 2 afirmam que a área total do bairro aumentou, pois *“mais pessoas vieram morar no bairro (ENTREVISTADO 1), foram: “chegando mais pessoas. Aqui é que nem coração de mãe” (ENTREVISTADO 2)*. No entanto, o que se observa é que apenas a população do bairro aumentou e desse modo também a ocupação do território, a área total do bairro continuou a mesma, como afirma o entrevistado 4 e 6 *“aumentou apenas o número de morador” (ENTREVISTADO 4), “antigamente era só barraco, agora aumentou mais casa, mais moradores, aumentou mais vale transporte” (ENTREVISTADO 6)*.

Com relação à área verde do bairro os entrevistados informaram que no início do bairro existia bastante área verde, visto que tiveram que cortar as árvores para fazer as casas, conforme afirma o entrevistado 2. Todavia, com o passar dos anos os moradores começaram a plantar árvores em seus terrenos, como relatam os entrevistados 6 e 9 e o número de árvores no bairro foi aumentando. De acordo com o entrevistado 6: *“[...] os morador foram plantando, antes tinha pouca árvore. Os moradores vieram morando e foi aumentando mais”*. Segundo o entrevistado 9: *“Mais aí depois cada morador foi plantando o arvoredo, alguma árvore, aí agora tem bastante.”*

Sobre o volume de pássaros a maioria dos entrevistados afirmou ter diminuído, conforme pode ser observado na fala do entrevistado 6: *“passarinho é pouco que dá pra gente ver ou matam com espingardinha de pressão.”* Um dos entrevistados também cita como motivo da diminuição, a urbanização do bairro:

*“diminuiu por causa do pessoal que vieram morar aí, daí os passarinho foi, acharam outro lugar pra ficar”* (ENTREVISTADO 9).

Relatam que o volume de animais silvestres ao longo dos anos diminuiu. *“Cobra, lagarto, volta e meia a gente vê alguma aí. Diminuiu. Difícil a gente vê um bichinho, aí, alguma cobra, algum lagarto. Motivo que tem assim, bastante bicho no mato, o pessoal vão entrando vão saindo. Vão invadindo a área deles, aí os bichos vão sumindo também”* (ENTREVISTADO 9).

Já em relação aos espaços de lazer alguns moradores afirmam que diminuiu outros declaram nunca terem existido. Os interlocutores argumentam que esses espaços não existem porque não há engajamento entre os moradores para cobrar melhorias para o bairro. Para o entrevistado 9: *“nunca teve. Motivo que o pessoal não cobram nada. Aí fica como tá.”* Segundo o entrevistado 5:

Eu acho que antes não tinha porque os presidente nunca se interessaram. Agora o seu Valmor que está correndo atrás. Vê se consegue algumas coisas. Mas antes nunca teve pela falta de interesse dos próprios presidentes de bairro. Tanto que deixaram não sei quantos anos, umas atas sem pagar. Agora seu Valmor tá dando um jeito de pagarem, de arrumarem dinheiro pra pagar.

Com relação às calçadas e passeios os entrevistados em sua maioria afirmam nunca terem existido essas vias para o percurso urbano. Informam que o bairro possui apenas uma única calçada na frente do CRAS. Contudo, observa-se mais uma calçada entre o bairro São João e o Alto da Glória (na chegada do bairro) e uma na frente do posto de saúde. No que se referem aos motivos pelos quais citam que elas não existem dentro do bairro, os entrevistados dividem suas opiniões em relação à falta de participação dos moradores e descaso por parte do executivo municipal.

Ninguém se interessou em fazer, em ir atrás para ver (ENTREVISTADO 1).

Nunca ninguém fez... acho que se o povo se unisse mais eles tinham que fazer alguma coisa (ENTREVISTADO 2).

Relaxamento da prefeitura (ENTREVISTADO 7).

Motivo que nunca teve ninguém cobra, ninguém pede (ENTREVISTADO 9).

Observa-se que excluindo a calçada entre o São João e o Alto da Glória existem apenas as calçadas em frente aos órgãos públicos do bairro. Abaixo, segue fotografia da Rua Sadi Bertol (Figura 20) revelando a ausência de calçadas no restante do bairro, bem como o esgotamento das residências a céu aberto.



**Figura 20: Fotografia do Bairro São João - Rua Sadi Bertol – Ausência de calçadas e presença de esgoto a céu aberto**

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

De acordo com Jacobs (2003) as ruas e as calçadas são “os órgãos mais vitais” (p. 29) de uma cidade. Se suas ruas e calçadas são interessantes, a cidade também parecerá interessante aos olhos de seus moradores e turistas. A autora defende que é nas ruas e calçadas que a violência é sentida e que esta é mediada pelos padrões de comportamento presentes na localidade.

A primeira coisa que deve ficar clara é que a ordem pública – a paz nas calçadas e nas ruas – não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. Em certas áreas urbanas – conjuntos habitacionais mais antigos e ruas com grande rotatividade populacional são exemplos sempre famosos – a manutenção da lei e da ordem pública fica quase inteiramente a cargo da polícia e de guardas particulares. Esses locais são selvagens. Força policial alguma consegue manter a civilidade onde o cumprimento normal e corriqueiro da lei foi rompido (JACOBS, 2003, p. 32).

A autora afirma que para as ruas diminuírem seus índices de violência e tornarem-se seguras, elas devem ser construídas e revitalizadas levando em conta três aspectos. O primeiro refere-se à separação entre o espaço público e o privado. O segundo a presença de estabelecimentos situados de frente para a rua, não

criando nenhum ponto cego na rua, e o terceiro relaciona-se ao fluxo constante de usuários tanto para aumentar a presença de pessoas transitando e prestando atenção nas ruas e calçadas quanto para motivar as pessoas de dentro dos estabelecimentos comerciais, moradias e edifícios a observar a rua.

O uso das ruas e das calçadas é o melhor meio de vigilância e de garantir a segurança na cidade para Jacobs (2003). A autora afirma que o quesito básico para garantir a segurança é a presença de estabelecimentos ao longo das calçadas em funcionamento em diferentes períodos do dia. Isso também fornece a maior presença de pedestres.

Logo, fortalecer a economia do bairro São João pode diminuir os índices de violência no bairro, pois a abertura de mais restaurantes, lanchonetes entre outros espaços de prestação de serviços, de recreação e lazer colocará mais moradores cruzando e observando as ruas.

Quanto à horta comunitária, os entrevistados afirmaram que há muitos anos o bairro teve uma horta, mas que após o falecimento dos responsáveis ninguém mais assumiu. Segundo o entrevistado 6: *“acabou porque os donos morreram”*. Nas palavras do entrevistado 2: *“acabou, a pessoa que cuidava morreu, não deram mais seguimento. Hoje tem muita sujeira no bairro, muito banheiro a céu aberto... nem sei se dá pra ter”*. De fato, o morador possui razões claras para suas preocupações, visto que além da contaminação do solo pela ausência de saneamento básico, o bairro concentra resíduos de agrotóxicos decorrentes da proximidade com as lavouras. Por conseguinte, observa-se que os moradores são privados da utilização dos recursos ambientais de seu bairro, como o solo e a água, e se o fizerem estão sujeitos a desenvolver doenças associadas ao esgotamento sanitário, poluição e resíduos de agrotóxicos, conforme esclarece Acselrad (2000).

Pesquisou-se também a satisfação dos interlocutores a respeito dos serviços ofertados no bairro. O Quadro 15 evidencia a satisfação dos entrevistados e, na sequência, apresentam-se as opiniões que foram pronunciadas para cada serviço.

| Serviços Públicos   | Satisfação dos entrevistados |            |          |      |
|---------------------|------------------------------|------------|----------|------|
|                     | Bom                          | Suficiente | Razoável | Ruim |
| CRAS                | 9                            | 1          |          |      |
| Posto de Saúde      | 4                            |            | 6        |      |
| Escola Municipal    | 8                            |            |          | 1    |
| Creche              | 6                            | 1          |          |      |
| Colégio Estadual    | 2                            | 1          | 5        | 1    |
| Transporte Coletivo | 6                            | 1          | 2        | 1    |
| Planejamento Urbano | 3                            |            | 3        | 4    |

|                             |                                     |            |          |      |
|-----------------------------|-------------------------------------|------------|----------|------|
| Acessibilidade do bairro    | 4                                   |            | 1        | 5    |
| Ruas                        | 2                                   |            | 1        | 7    |
| Iluminação Pública          | 4                                   |            | 3        | 3    |
| Serviços de Correspondência |                                     |            |          | 10   |
| Coleta de Lixo              | 9                                   |            | 1        |      |
| <b>Serviços Privados</b>    | <b>Satisfação dos entrevistados</b> |            |          |      |
|                             | Bom                                 | Suficiente | Razoável | Ruim |
| Comércio                    | 6                                   |            | 3        | 1    |
| Prestação de Serviços       |                                     | 3          | 1        | 6    |
| Alimentação                 | 2                                   |            | 3        | 5    |
| Telefonia                   | 1                                   |            |          | 8    |

**Quadro 15: Satisfação dos serviços públicos e privados ofertados no bairro**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Os moradores afirmam que o trabalho do CRAS está sendo “*bem aproveitado pela comunidade*” (ENTREVISTADO 1). “*O pessoal que tão ali no CRAS tão atendendo bem, o pessoal, o povo precisa, é chegar ali, é bem atendido*” (ENTREVISTADO 9). Contudo, afirmam que é necessário ofertar mais cursos (ENTREVISTADO 10) e melhorar a infraestrutura do órgão (ENTREVISTADO 8).

Quanto aos serviços de saúde, os entrevistados afirmam que o atendimento dispensado pelos profissionais da Estratégia de Saúde da Família do bairro possui qualidade, contudo faltam profissionais para atender a população. O entrevistado 2 comenta: “*sempre fui bem tratada, da minha parte não tenho queixa de ninguém. O que deveria ter era mais médicos.*” De acordo com o entrevistado 7:

Está faltando médico, a médica só trabalha meio período e teria que atender o dia inteiro, pois os problemas de saúde não dão só na parte da manhã. E se precisar pra de tarde tem que ter marcado ou esperar no outro dia. E atendimento odontológico está bom. Tem médico que fica só até às 10:00h se passar mal depois desse horário não tem mais o que fazer [...].

Frente ao relato desses interlocutores, observa-se que os moradores não sofrem dificuldades apenas em relação à violência, estigma e problemas ambientais, mas também pela falta de recursos humanos e físicos no atendimento dos órgãos públicos situados no bairro.

No que se refere aos serviços de educação, a maioria dos entrevistados relatou gostar do trabalho dispensado pela equipe de professores da Escola Municipal Udir Cantu, contudo mencionaram a necessidade de melhorar a infraestrutura da escola e aulas em tempo integral, conforme declara o entrevistado 1: “*os professores são muito bons... só a estrutura da escola que precisaria arrumar*”. Segundo o entrevistado 2: “*ser tempo integral, melhorar o atendimento na parte da tarde*”. Nas palavras do entrevistado 9:

Eu acho que é bom, porque minhas quatro filhas sempre estudaram nesse

colégio, a gente nunca teve problema de querer dizer que é ruim o colégio. Então é muito bom o colégio. Os problemas que dá, as vezes aluno que não é do colégio e vai atrapalhar o estudo dos outros.

Com relação ao Centro Municipal de Educação Infantil, a maior parte dos moradores afirmou não saber ou não ter nada a declarar, no entanto um dos entrevistados afirmou: *“tá boa, mas depois que mudou acho que ficou bom, mas tem mãe que não trabalham e tem os filhos na creche e teve que ir no conselho para conseguir uma vaga”* (ENTREVISTADO 5). Nesse sentido, o morador faz um alerta que muitas mães que trabalham e necessitam de vaga na creche para seus filhos precisam buscar o auxílio do conselho tutelar para cumprir seu direito, enquanto outras não trabalham e tem seus filhos na creche.

Sobre o Colégio Estadual São João, um dos entrevistados fez menção a direção da escola: *“a gente gosta muito da direção que atende os alunos”* (ENTREVISTADO 9), os entrevistados relataram a necessidade de melhorar a segurança do colégio (ENTREVISTADO 7), *“falta de segurança, falta de iluminação na rua”* (ENTREVISTADO 8). Outros entrevistados mencionaram os problemas que decorrem dos alunos que ficam ao lado de fora do colégio: *“tem bastante bagunça, muita piçada mal educada, vão só para incomodar e fazer bagunça”* (ENTREVISTADO 5). Nas palavras do entrevistado 1: *“têm jovens que nem estudam e vão na saída incomodar”*. Um dos entrevistados relacionou este problema a falta de segurança: *“aquela piçada não tem uma pessoa pra cuidar fora da escola”* (ENTREVISTADO 2).

Sobre os serviços de transporte público, os entrevistados afirmam que o bairro possui poucos horários e os horários que tem ônibus as lotações não comportam o número de passageiros, conforme relata o entrevistado 7 e 8:

Precisa melhorar bastante os horários, aumentar horários, tem que ter ônibus de hora em hora, tem pouco horários, se melhorar isso, vai ficar ótimo. Teria que passar na rua e fazer a volta, pois tem pessoas que não tem guarda chuva e tem os idosos também, teria que ficar próximo pra eles pegar ônibus (ENTREVISTADO 7).

Superlotação, pois aumentou o número de pessoas (ENTREVISTADO 8).

Quanto às ruas e a acessibilidade do bairro, observa-se que os entrevistados afirmam que as ruas possuem muitos buracos. Além disso, informam a necessidade de fazer asfalto no trajeto da lotação dentro do bairro e viabilizar o acesso aos cadeirantes, melhorar a limpeza das ruas e construir a rede de esgoto

no bairro.

Para melhorar a acessibilidade e mobilidade urbana, o papel dos serviços de planejamento urbano torna-se fundamental, contudo, a partir das falas dos entrevistados, observa-se que esses serviços também estão precários, como relata o entrevistado 5: *“acho que não tem nenhum planejamento urbano nesse bairro.”* Os interlocutores mencionam a necessidade de planejamento urbano quanto a:

Ruas, calçadas e o saneamento (ENTREVISTADO 3).

Muito barro, lama, não tem para onde escoar a água... (ENTREVISTADO 1).

A melhoria desses córregos dentro do bairro... precisa afundar, e as ruas também acho que deveria dar uma melhorada, passar veneno, roçar por que está feio, eu não vou gastar meu tempo e meu dinheiro com veneno porque é dever da prefeitura isso. Tem ruas que a água da chuva leva calçamento embora, não tem meio fio, está tudo caído (ENTREVISTADO 7).

Asfaltar, melhoria na rua (ENTREVISTADO 8).

Relativo à iluminação os entrevistados afirmam que a iluminação está ruim em parte pelas lâmpadas que são quebradas por vandalismo, como relata o entrevistado 5: *“eles vem colocam as lâmpadas no outro dia eles quebram tudo. [...] Por vandalismo, mal educados. Até o ginásio enchem de pedra tem que tá chamando atenção”* e em parte pelo descaso do poder público, como afirma um dos entrevistados: *“lâmpadas queimadas, arrumar as redes... tem redes que sai fumaça e fogo... sai faísca, tem que dar uma reformada”* (ENTREVISTADO 7).

Quanto aos serviços de correio, verifica-se que o bairro não dispõe de nenhum serviço dessa natureza, quando necessário os moradores vão até o centro da cidade para retirar suas correspondências, conforme relata o entrevistado 9: *“o correio nós temo, pá pegar um papel alguma coisa aí tem que descer no centro, procurar no correio lá. Então tá ruim.”*

A coleta de lixo está a contento da população, visto que o caminhão de reciclagem faz a coleta no bairro três vezes por semana. Nas palavras do morador: *“até que agora está melhor, vem três vezes por semana”* (ENTREVISTADO 5). Entretanto, observa-se que a coleta não é capaz de dar conta da produção de lixo no bairro, visto que por vezes os moradores solicitam no CRAS o bruck da prefeitura (caminhão de caçamba) para retirar lixo dos lotes. Uma das explicações possíveis para o acúmulo de equipamentos e outros bens, relaciona-se a grande quantidade de doações que os moradores recebem de campanhas para doação de roupas,

cobertores e brinquedos realizadas pela Secretaria Municipal de Assistência Social, entidades filantrópicas e igrejas e doações de moradores de outros bairros com melhores condições econômicas, que muitas vezes trocam seus móveis e utensílios domésticos e depois doam os que não serão mais usados aos moradores do bairro. Assim, os moradores parecem ser o receptáculo dos bens que as pessoas querem se desfazer e da caridade natalina.

Ademais, observam-se também, dificuldades em relação aos serviços privados que são oferecidos na comunidade tanto pelo alto preço dos produtos, como pela falta de documentação, regularização e higiene de alguns espaços. Os entrevistados mencionam que o comércio do bairro dispõe dos alimentos básicos, contudo os comerciantes cobram valores mais altos: *“cobram o dobro a mais. Deveria ter um mercado grande aqui.”* (ENTREVISTADO 2). Segundo relato do entrevistado 8: *“Tem só o que é prioridade, só de emergência, porque não existe controle de preço, é uma disputa”* (ENTREVISTADO 8). Nas palavras do entrevistado 7:

Careza... higiene... e a documentação que tem muito comércio que não tem CNPJ. Falta vigilância da prefeitura. [...] Aqui não dá pra comprar, pois é muito caro, tem que ir no centro, aqui tem tudo o que precisa mas é caro... as coisas de higiene compro uma vez por mês.

Perante ao relato dos entrevistados, verifica-se que no que se refere ao setor de comércio, o bairro dispõe apenas de estabelecimentos com venda de alimentos, bebidas e produtos de higiene e limpeza. Faltam serviços privados que contribuam para suprir as necessidades básicas da população de vestimenta, saúde (remédios, etc).

O bairro também não dispõe de serviços para transações financeiras (saque ou pagamento de contas) e instalação e encanamento como afirma os entrevistados 1 e 9: *“tem várias coisas que não tem aqui no bairro... por exemplo, se quebrar um cano a gente tem que ir até o centro comprar... pra pagar as contas”* (ENTREVISTADO 1). Nas palavras do entrevistado 9: *“aqui não tem, então seria bom uma pessoa assim pra lidar com isso aí. Que nem esses problema de instalação de casa... se tivesse uma pessoa que entendesse melhor aí.”*

Os interlocutores identificam apenas a presença de alguns moradores que prestam serviços de mecânica, corte e costura e profissional eletricista. Afirmam que existem poucos estabelecimentos e pessoas que prestam serviços no bairro e que os que existem também cobram valores muito altos da população. Dessa forma,



alguns entrevistados mencionam que preferem pagar pelos mesmos serviços no centro da cidade. De acordo com relato do entrevistado 7:

Não tem de serviços. Tem costureira, mas aumentou muito os valores... a barra de uma calça de R\$ 2,00 foi para R\$ 5,00 reais.

A partir dessa fala observa-se que o poder de compra dos moradores é muito pequeno, visto não poder pagar R\$ 5,00 numa barra de calça, serviço que em média no centro da cidade custa R\$ 10,00. Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de fortalecer as relações econômicas do bairro, oferecendo mais oportunidades de emprego para a população, bem como possibilitar o acesso a qualificação profissional para jovens e adultos.

Verifica-se também a falta de serviços relacionados à estética, relaxamento e bem-estar, tais como: salão de beleza, manicure e pedicure e massagens. Nesse sentido, faz-se um contraponto com os trabalhos realizados pelo CRAS e pela ESF, visto que todos os anos atividades relacionadas à autoestima, autocuidado e higiene pessoal são desenvolvidas pelos órgãos. Ainda, segundo relato de uma das médicas que já trabalhou na comunidade, a maior parte dos problemas de saúde do bairro poderia ser resolvida ou minimizada com a melhora da higiene pessoal. Por conseguinte, frente à ausência dos serviços relacionados à beleza e bem-estar e da necessidade das categorias de autoestima, autocuidado e higiene pessoal serem reforçadas todos os anos pelos órgãos citados, infere-se que as condições que os moradores vivem se reflete também no cuidado consigo mesmo.

Sobre os serviços de alimentação, tais como: restaurantes, lanchonetes, pizzarias, os entrevistados afirmam que o bairro não dispõe, como afirma o entrevistado 2: *“nunca fui e não tem perto de casa”*. De acordo com entrevistado 9: *“pra comer é lá no centro”*.

Os serviços de telefonia também não priorizam o bairro, os entrevistados afirmam que o sinal para telefones celulares não funciona adequadamente, como diz o entrevistado 2: *“A rede que não pega bem, sinal muito ruim”*. Segundo relato do entrevistado 5: *“telefone não pega nem por decreto”*. Os interlocutores também fazem reclamações quanto à situação dos telefones públicos: *“orelhões estragados, serviço de sinal muito ruim”* (ENTREVISTADO 1).

Observa-se que a precarização dos serviços de telefonia afeta a comunicação dos moradores e as possibilidades de resolverem seus problemas, bem como a possibilidade de ligar para outras pessoas na cidade fortalecendo sua

rede de contatos.

Com relação aos serviços que faltam no bairro, abaixo segue os serviços identificados pelos entrevistados:

Eu não sei... mas acho que em relação ao trabalho mesmo, porque se for que trabalhar aqui no bairro não tem, principalmente para as mãe que tem criança pequena pra poder ficar perto de seus filhos... aqui não tem, se quiser tem que ir na cidade (ENTREVISTADO 2).

Caixa eletrônico (ENTREVISTADO 3).

Esgoto, arrumar essas ruas aí, ponha uns quebra-molas, arrumar aquele campo de futebol, dar um jeito de cercar direitinho, não deixar ponha animais lá dentro (ENTREVISTADO 5).

Que acho que deveria ter mais assim... para limpar as ruas... limpar os rios... e também sobre os cachorros (ENTREVISTADO 6).

Aqui precisaria de uma empresa... para que esse pessoal que fica sem fazer nada na rua ficasse ocupado... porque daqui a pouco tão na rua fazendo baderna, bebendo, usando drogas e daqui a pouco vão parar na cadeia... tem muito idoso que reclama que é maltratado pelos menor, então eu acho que precisava de uma empresa que desse emprego de menor trabalhar. Um meio período... aí na parte da tarde trabalham, uns de manhã... (ENTREVISTADO 7).

Limpeza do rio, organização do ginásio de esportes, academia pra idoso, pista de caminhada (ENTREVISTADO 8).

Deveria ter um negócio assim uma firma pra dá serviço pro pessoal aqui, o pessoal tem que se deslocar no centro pra trabalhar (ENTREVISTADO 9).

Durante as entrevistas também foram realizadas perguntas sobre o lazer dos moradores. Sobre o lazer dos adultos do sexo masculino, os entrevistados informaram que fazem caminhadas, jogam futebol, vão até o centro da cidade para passear, praticam pescaria, escutam música e frequentam estabelecimentos com piscinas.

Quanto ao lazer dos adultos do sexo feminino, os entrevistados responderam que recebem visitas aos finais de semana, saem com os filhos para comer um lanche no centro da cidade, levam os filhos para realizar aulas de Taekwondo, tomam sorvete com as netas no centro da cidade, frequentam estabelecimentos com piscinas, escutam música, assistem televisão, praticam pescaria, participam de bailes e festas de aniversário e eventos.

Os jovens do sexo masculino, de acordo com os entrevistados jogam bola no ginásio da comunidade, jogam jogos de celular e navegam nas redes sociais como o Facebook e Whatsapp.

Com relação às jovens do sexo feminino, observou-se no relato dos entrevistados que as filhas passeiam na praça no centro da cidade e às vezes realizam exercício físico na academia atrás da prefeitura. Também se observou que os entrevistados mencionaram menos atividades para as filhas, visto que a maioria já é casada e não residem mais com os pais. Desse modo, alguns não sabiam informar as práticas de lazer realizadas pelas filhas.

No que se referem às crianças do sexo feminino, os pais relataram que suas filhas realizam atividades nos projetos da escola, Fundabem e do CRAS, participam do Projovem, grupo de dança, brincam de boneca, andam de bicicleta, assistem desenhos animados como a Pepa e a Galinha Pintadinha, navegam na internet.

Com relação às crianças do sexo masculino, de acordo com o relato dos pais entrevistados, os filhos realizam aula de violão no Centro de Artes no bairro Fraron, jogam futebol, andam de bicicleta, navegam na internet e ficam entretidos com o celular.

Ressalta-se que as atividades como pescaria, aulas de Taekwondo, ir a piscinas e ir ao centro para fazer exercícios físicos é desfrutada apenas pelas famílias que apresentam melhores condições de renda.

A partir das informações apresentadas, pode-se observar que o bairro não dispõe de lanchonetes, restaurantes, pistas de caminhada, praça, áreas verdes, bosque ou parque. O bairro possui uma academia para idosos que foi construída recentemente como espaço de uso comum e que os moradores podem acessar livremente. Contudo, o local não dispõe de bancos para que os moradores possam sentar e conversar, apenas os aparelhos de ginástica. O bairro possui também um ginásio de esportes, que é compartilhado com a Escola Municipal Udir Cantu-Baru e um campo de futebol em condições precárias como espaços de lazer e recreação. Nessa perspectiva, observa-se que os moradores do bairro São João possuem poucos espaços de convivência comunitária, situação que acaba por restringir e fragilizar a convivência com a coletividade. Atividades corriqueiras como caminhadas, comer um lanche ou sentar para conversar em ambientes públicos são realizadas por alguns moradores apenas no centro de Pato Branco.

Considerando a realidade apresentada, verifica-se que os moradores do bairro São João sofrem exclusão social e isolamento em várias frentes: por residirem

distantes dos recursos e do centro da cidade, por serem estigmatizados por residirem no bairro e pela carência de espaços públicos de convivência.

Soma-se a isso a fragilidade da qualificação profissional e o preconceito existente na contratação dos moradores, produz-se um contexto favorável para a entrada no tráfico, em especial, de adolescentes e jovens, visto que o tráfico garante aos jovens possibilidades de visibilidade, ascensão social e poder de compra.

Nessa perspectiva, um dos entrevistados propõe o esporte com a solução do tráfico no bairro. Nas palavras do morador:

A única coisa que eu queria acrescentar é que nós precisamos de uma área de lazer. E de um sintético pra tirar essas crianças da rua. A gente tem a quadra de futsal, mas tá bastante esculhambada, precisava dá uma arrumada, então se nós conseguisse uma praça, uma área de lazer... ou assim um sintético... ajudaria... Com certeza muitas crianças sairiam da rua. Nosso bairro é um bairro pobre e tem que ter esporte... porque se não tiver esporte... num bairro pobre... porque o que que o pessoal quer? Álcool e droga. Então a gente tem que tirar as criança desde agora. Dos sete até os quinze anos. Se trouxer o esporte é certeza que mais tarde elas têm futuro (ENTREVISTADO 7).

O morador compreende a necessidade de mais projetos sociais e mais respostas do poder público às problemáticas do bairro. O entrevistado 8 acrescenta: *“O proque de tanta violência hoje no bairro, tanta criança, drograna ai nas ruas, criança bêbada, com 13, 14 anos, por que? Falta de oportunidades”*.

Percebe-se que a falta de opções de cultura e lazer, bem como a condição de baixa renda das famílias e a fragilização dos vínculos familiares e comunitários acaba expor as famílias a situações de risco e vulnerabilidade social.

Para Kaztman (1999) apud Hogan e Marandola (2005, p. 28):

A vulnerabilidade é entendida como o desajuste entre a estrutura de oportunidades, proveniente da capacidade dos atores sociais de aproveitar oportunidades em outros âmbitos socioeconômicos e melhorar sua situação, impedindo a deterioração em três principais campos: os recursos pessoais, os recursos de direitos e os recursos em relações sociais.

Com base nas noções de Kaztman, verifica-se que a estrutura de oportunidades oferecida aos moradores do bairro São João é bastante deficitária, pois não lhes possibilita mobilizar muitos recursos. As estratégias dos moradores giram entorno da rede de apoio familiar e de relações clientelistas.

Assim, conclui-se que os moradores do bairro São João não realizam sua liberdade de forma plena, sendo esta entendida como a capacidade que as pessoas têm para levar o estilo de vida que valorizam, conforme define Sen (2000).

Para Sen (2000) o alargamento da liberdade é o principal objetivo do desenvolvimento. O autor defende que “o desenvolvimento consiste na remoção de vários tipos de restrições que deixam às pessoas pouca escolha e pouca oportunidade para exercerem sua ação racional” (SEN, 2000, p. 2).

O que as pessoas podem efetivamente realizar é influenciado pelas oportunidades económicas, pelas liberdades políticas, pelos poderes sociais e por condições de possibilidade como a boa saúde, a educação básica, e o incentivo e estímulo às suas iniciativas (SEN, 2000, p. 3).

Com base nos conceitos apresentados, observa-se a importância de ampliar as liberdades desses adolescentes no acesso à cultura, a informação e ao lazer. O álcool e a droga tornam-se altamente reforçadores quando a pessoa seja ela criança, adolescente, jovem ou adulta, não possui outras fontes de satisfação. As brincadeiras, a convivência com um ambiente familiar, a convivência com os amigos, as atividades de recreação, o acesso ao conhecimento e ao trabalho são fontes de satisfação para os seres humanos, mas quando de algum modo estas fontes não cumprem seu papel, estão fragilizadas ou são acessadas minimamente podem gerar comportamentos autodestrutivos, revolta e violência.

A situação de vulnerabilidade aliada às turbulentas condições socioeconômicas ocasiona uma grande tensão entre jovens que agravam diretamente os processos de integração social, em algumas situações, fomenta o aumento da violência e da criminalidade. Ressalta-se que a violência embora, em muitos casos, associada à pobreza, não é sua consequência direta, mas sim da forma como as desigualdades sociais, a negação do direito ao acesso a bens e equipamentos como os de lazer, esporte e cultura operam nas especificidades de cada grupo social desencadeando comportamentos violentos (ABROMOVAY; PINHEIRO, 2003, p. 3).

Por conseguinte, a ampliação das liberdades e o acesso a um ambiente seguro para os adolescentes e jovens se tornam imprescindíveis para um desenvolvimento humano saudável e para o enfrentamento da violência. Abromovay e Pinheiro (2003) propõem o incentivo à criatividade, a expressão artística, a participação na comunidade e o fomento do capital social como possibilidades de enfrentar a cultura da violência.

Com relação à colaboração dos moradores entre si, a maioria dos entrevistados afirma que existe colaboração e ajuda entre os vizinhos. Contudo, alguns entrevistados mencionam que há moradores unidos e outros desunidos.

Ah se precisar de, que nem queimou a casa da mulher lá do fundo, dai um arrecada uma coisa, outro arrecada outra né. Um dá uma coisa, outro dá outra né e assim vai indo e vai ajudando. Às vezes ganha uma coisa e outro ganha outra e outra pessoa dá. Tem bastante pessoas que são de ajudar bastante, mas também tem umas que não dão um palito de fósforo (ENTREVISTADO 5).

Tipo nós aqui da vizinhança se ajuda... um ajuda o outro... só não sei dos outros né... (ENTREVISTADO 6).

Ajudam. [...] Muitas coisas a gente tem de mais e um arreparte para outro. Daí é bão a gente ser assim. [...] Ajudam. Se a gente pedir um favor pá arguem aí eles não falam, ninguém fala que não. Um ajuda o outro. (ENTREVISTADO 9).

Não, cada um por si e Deus por todos. Aqui o povo é muito desunido. As vezes pensam assim, aquele lá tem mais que eu, eu não vou ajudar. Mas não sabe da situação que passa né, dentro de casa, da condição né. Quem vê eu gorda, pensa que é uma pessoa sadia né, não vai trabalha porque não qué. Mas não é por falta de eu ir procurar, em tudo que é lugar que eu vou ninguém quer me pegar por causa do meu problema do coração. (ENTREVISTADO 2).

Difícil. [...] Difícil eles ajudarem. Eu mesmo não digo nada eu nunca precisei da ajuda deles. [...] Não ajuda. [...] Só pago [...] Favor nada (ENTREVISTADO 10).

Observa-se que a colaboração entre os moradores privilegia mais os laços de amizade entre os familiares e os vizinhos mais próximos do que a convivência na comunidade. Nesse sentido, observa-se a necessidade de estimular os laços de confiança e fomentar o capital social no bairro. Sendo este, entendido aqui, como “características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade” (PUTNAM, 1996, p. 177).

Observa-se que o capital social fornece ferramentas para que os moradores construam relações de reciprocidade e fabriquem uma sociedade em que os indivíduos ajam em colaboração uns com os outros. Assim, “o capital social corresponde a recursos cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região” (ABROMOVAY, 2000, p.6). Por conseguinte, a ampliação do capital social no bairro São João irá ampliar as redes de relacionamento entre os moradores, fortalecendo os laços de confiança e favorecendo a troca de informações e o engajamento em causas coletivas.

Relativo à participação dos moradores em causas coletivas da comunidade, observa-se que entre os entrevistados 3 moradores participam de forma mais efetiva em causas que favorecem o bairro, sendo eles os entrevistados: 5, 7 e 8. Abaixo, o

Quadro 16 lista alguns órgãos e entidades e número de entrevistados participantes em cada um deles:

| Participação na vida da comunidade e do município |      |                                    |      |
|---|------|------------------------------------|------|
| Entidades/Instituições na comunidade              | Qtde | Entidade/Instituições no município | Qtde |
| Igreja/capela                                     | 8    | Conselhos Municipais               | 2    |
| CRAS  | 7    | ONG                                | 2    |
| Clube de mães                                     | 0    | Reuniões câmara de vereadores      | 3    |
| ONG   | 0    | Participação em partido político   | 0    |
| Associação de Moradores                           | 3    |                                    |      |
| Reuniões Escolares                                | 8    |                                    |      |
| Reuniões no Posto de Saúde                        | 6    |                                    |      |

**Quadro 16: Participação na vida da comunidade e do município**

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Frente ao quadro apresentado, observa-se uma participação significativa em órgãos e instituições que oferecem serviços de saúde, assistência social e apoio espiritual, contudo as instituições e órgãos que determinam escolhas em relação ao bairro, tais como associação de moradores, conselhos municipais e câmara de vereadores apresentam uma participação reduzida pelos entrevistados.

Os entrevistados relatam que participação na comunidade é muito pequena ou quase nula. Os entrevistados relatam que os moradores são desunidos (ENTREVISTADO 3) e que não tem motivação para participar, como afirma o entrevistado 7: *“o pessoal da comunidade não participa se não tiver um atrativo como comida.”* Nas palavras do entrevistado 5:

Falta de interesse, eles querem cobrar as coisas, mas não participam, quando tem que participar para reivindicar, que tem as pessoas certa lá para cobrar. Aí depois eles não querem cobrar de quem não tem né. É falta de interesse mesmo deles ir nas reuniões, que convidados são. Às vezes até no rádio, o Valmor liga avisando.

Além disso, observa-se a falta de capacitação para participar das escolhas políticas na comunidade, conforme declara o entrevistado 1: *“falta das pessoas se reunirem mais, de alguém orientar, de conversar com os moradores”*. Nesse sentido, observa-se a importância de estabelecer mecanismos e instrumentos para fortalecer a representatividade dos moradores, bem como a confiança e comunicação entre ambos.

Para exercer uma representatividade efetiva torna-se necessário ampliar o acesso ao conhecimento das políticas públicas e a capacidade de debate dos

moradores neste cenário, conforme aponta Dagnino (2002). A autora salienta que a qualificação e o conhecimento das ferramentas de comunicação aumentam as chances de estabelecer negociações com o governo.

De acordo com Sen (2000, p.10) “a participação requer conhecimento e competências educacionais básicas, negar a oportunidade de escolarização a algum grupo é contrário às condições elementares da liberdade participativa”. Nesse viés, verifica-se a importância de garantir o direito do acesso à educação, ampliando as políticas de evasão escolar, bem como o conhecimento sobre o que é a política, como ela acontece no dia a dia e como funciona o poder legislativo e executivo. O trabalho do CRAS, como órgão de proteção e garantia de direitos, se mostra fundamental para levar à população do bairro São João esse conhecimento, bem como estimular o fortalecimento da confiança entre os moradores, o empoderamento<sup>13</sup> e a autonomia de seus usuários para que possam a partir de suas potencialidades e recursos fazerem valer seus direitos.

Assim, verifica-se a necessidade do órgão público mencionado efetivar esta demanda de trabalho, colocando em seu planejamento anual atividades referentes à participação social. Também se faz necessário a capacitação da equipe técnica para abordar o tema citado, visto que os profissionais não possuem conhecimento aprofundado sobre os mecanismos de participação social, bem como propiciar através de parcerias com outros órgãos públicos atividades, cursos e oficinas para a formação de lideranças no bairro. Ademais, verifica-se que o órgão público atende as demandas de trabalho de forma mínima, visto que os recursos humanos são insuficientes para a complexidade dos problemas sociais e quantidade de bairros atendidos.

Ainda em relação à participação, os interlocutores citam o vandalismo, a sujeira dos espaços públicos e a ausência de repreensão por parte daqueles que presenciam as cenas de depredação do patrimônio público como os principais problemas relacionados à falta de colaboração. A escola, os telefones públicos, o

---

<sup>13</sup> O empoderamento se caracteriza “como um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e condutuais. Significa aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos à relações de opressão, discriminação e dominação social. Dá-se num contexto de mudança social e desenvolvimento político, que promove equidade e qualidade de vida através de suporte mútuo, cooperação, autogestão e participação em movimentos sociais autônomos” (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 736). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29498/31358>



ginásio e o campo de futebol são alvos recorrentes de vandalismo no bairro. Segue abaixo, relato de alguns dos entrevistados sobre a colaboração dos moradores:

Nunca fizeram nada para ajudar a escola... o barracão né... nunca ouvi dizer que alguém fez alguma coisa pra melhorar o barracão... pois é muito usado né... se morre alguém é velado ali, festa de aniversário... tudo é ali... mas nunca vi... (ENTREVISTADO 1).

Bem pouco. Acho que cada um podia fazer um pouquinho mais né. Olhe foi feito aquela... negócio de fazer ginástica pros idosos, ontem meu piá já disse que quebraram um banco. Acho que tinha que cuidar mais né. Porque se alguém vê, ninguém fala, ninguém, quer se comprometer, dar a cara a tapa. Eu se eu vê eu falo, não quero nem saber, é pros filho da gente que vai ficar. Se você não começar a fazer a tua parte o outro não vai fazer também. (ENTREVISTADO 2)

Também não colaboram. Principalmente na parte da limpeza... da higiene... não colaboram. Se me tocar de limpar a rua eu tenho que fazer sozinho (ENTREVISTADO 7).

O mínimo, o mínimo. A maioria, aqui colabora o mínimo com o bairro. [...] Eles destroem o CRAS, o posto de saúde, essas crianças tem pais, falta de colaboração do pai em falar, ó não pode, eu vou ir lá e vou pagar dessa vez, você destruiu eu vou ir lá e vou ir pagar, mas não faça mais, porque vou ter que pagar de novo, até que ele aprende a não fazer. Coloca orelhão público aqui, vai lá e destrói. O pai sabe que foi o filho, falta de colaboração, com a comunidade. Se é meu filho que faz isso, se eu descobri eu pego ele e levo lá junto, eu vou fazer questão de pagar, porque foi ele que quebrou, pra ele aprender que não vai poder quebrar mais, porque eu vou ter que pagar. Aqui tem certos pais, que é que nem o ditado do gato, da o tapa e esconde a mão, o que o filho faz o pai esconde. O piá destrói o patrimônio público, faz tudo errado, falta de colaboração, não só com ele, com a família dele, mas com o bairro. Se meu filho vai lá e quebra um orelhão, um vidro da escola ou do posto, a eu vou chegar aqui e vou conversar com o piá, não vamos lá, você quebrou vou pagar, ele vendo que paguei uma, duas vezes, ele vai pensar, pô tô sacaneando meu pai. Agora quando meu filho vai lá e quebra alguma coisa e eu não faço nada por isso, não repreendo, não faço nada, eu não tô colaborando. Olha se tem algum orelhão no nosso bairro, não tem. Não tá colaborando com o bairro, nem com filho (ENTREVISTADO 8).

De acordo com Del Rio (1999) a qualidade de um determinado lugar está diretamente ligada à satisfação psicológica sentida por seus usuários. Dessa forma, o autor afirma ser fácil entender porque ambientes que possuem características físico-espaciais ruins são mais propensos a sofrer depredação. Segundo o autor, esse fenômeno acontece em quase todos os lugares do mundo.

A insatisfação se revela através de condutas agressivas em relação a elementos físicos e/ou arquitetônicos, mormente aqueles reconhecidos como públicos ou situados junto a lugares públicos. Descaso com o lixo, quebra-quebras, grafite, derrubada de placas e vandalismo a edifícios públicos são das manifestações psicossociais mais comuns. Estas condutas são reforçadas pelo desconforto psicológico dos indivíduos, como sensação de abandono, dificuldade de concentração, incapacidade de relacionar-se com vizinhos, saudade constante, tensão ou outras manifestações psicológicas (DEL RIO ET AL, 2005).

Nessa perspectiva, compreende-se que os problemas referentes ao vandalismo e à falta de cuidados com os espaços e órgãos públicos e com a natureza no bairro relaciona-se ao sentimento de insatisfação e inadequação dos moradores aos vários problemas apresentados pelo bairro. Dessa forma, relaciona-se a falta de cuidados dos moradores com o campo de futebol também à falta de manutenção do mesmo (Figura 21).



**Figura 21: Fotografia do Bairro São João - Campo de Futebol na Rua Eugênio Pezarico  
Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

Na mesma situação, encontram-se os rios do bairro, como se pode observar na Figura 22.



**Figura 22: Fotografia do Bairro São João - Rio situado entre as residências e o campo de futebol no bairro São João**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

O bairro possui três rios, no entanto a maior parte dos entrevistados menciona apenas um rio.

[...] Tem um rio... tem uma sanga né... um tempo atrás ele era bem mais grande né... só que foi colocado tubo lá... foi tampado pra fazer as ruas aí diminuiu (ENTREVISTADO 1).

[...] Tem um riozinho que passa ali embaixo. Foi tubulado até uma altura né. Só não sei ali pra baixo como que tá. Agora tá tudo tubado. O bairro todo é tubulado (ENTREVISTADO 2).

Tem um córrego, é uma nascente, que vem lá de cima da granja que desce e continua aumentando e quando chega aqui pra baixo, ela aumenta mais, mas rio um só (ENTREVISTADO 3).

Apenas dois dos entrevistados mencionaram que o bairro possui mais de um rio. Conforme abaixo:

Um, dois, que gera um. Ele faz uma forquilha (ENTREVISTADO 8).

Acho que tem três se não me engano. [...] Acho que é, porque tem o que vem de lá de cima que passa ali por baixo do CRAS, atrás da escola por ali. Tem esse que vai daqui pra lá e tem um que vem da Carlos Fontana, que eu lembro (ENTREVISTADO 5).

Com efeito, verifica-se que a maioria dos interlocutores não consegue caracterizar o território do bairro com precisão. O que reforça a ideia de que a

violência dita o sentido de direção dentro do bairro e os moradores por não experimentarem o bairro de maneira plena não se apropriam das singularidades do território. Sobre a situação dos rios, de acordo com o relato dos entrevistados, a população joga lixo, roupas, fezes de animais e esgoto nos rios. Segue relato dos entrevistados:

[...] Eu acho que tá bem sujo... que eu saiba tem até encanamento de banheiro que cai ali... tá bem feio... a população não cuida... mas se cuidasse ia ser bem melhor... tinha um açude também... que foi feito pelo dono da terra onde era... bem bonito, mas foi esvaziado ele... mas ainda tem uma valeta que corre de lá... cai na sanga. (ENTREVISTADO 1).

É uma sujeirama no rio, porque jogam bosta, saco de lixo, daí quando matavam as galinha, os resto jogavam dentro do rio, já foi denuncia umas quantas vezes, por causa do outro lado, do relaxamento. E vá falar, e não dá pra falar (ENTREVISTADO 4).

Bastante poluída. É lixo, é roupa. É tudo quanto é lixo velho, eles jogam lá dentro do rio, daí poluí bastante, principalmente aqui pra baixo o lixo vem, as coisas vem tudo e para ali nos tubos, volta e meia tinha que tá limpando ali os tubos, meu genro que morava lá, na casinha perto da sanga, por volta e meia tinha que limpar lá, tinha até pneu e coisarada que jogavam lá dentro, dai tinha que limpar porque daí a água ficava parada ali né. Tinha que limpar, tirar a sujeira. A água é bem poluída (ENTREVISTADO 5).

Tem sim, sujo bastante. Esses dias veio um sofá lá de cima trancou a boca de lobo ali perto do Ade e o Ade teve que vir com chuva ele o homem lá de cima e tirar o sofá da boca do lobo (ENTREVISTADO 10).

Observa-se que a situação dos rios e da água apresenta riscos para a população. Entretanto, o poder público não apresenta ações para reverter esse quadro, tanto no sentido de realizar o saneamento básico para o bairro, como de fazer a limpeza dos rios e sensibilizar a população para preservar a natureza no bairro. Fatos que confirmam o sentimento de esquecimento do bairro pelo executivo municipal citado pelos moradores.

Sobre o solo do bairro e o solo dos lotes, verifica-se que o solo possui características propícias para o plantio. O entrevistado 5 argumenta: *“tem bastante banhado, banhadinho. Tem umas partes mais nos morros que não tem, mas mais nas baixada quase tudo tem. Tem água”*. A maioria dos entrevistados define o solo como uma terra fértil, uma terra boa. *“É boa. É uma terra boa, porque tudo que se pranta ela dá, né. Uma terra boa, bem boa pra pranta (ENTREVISTADO 10)*. O entrevistado 8 afirma: *“[...] o solo do bairro inteiro é bom, solo ótimo, do bairro inteiro, tem lote aqui que vão dizer que o solo é ruim, porque nesses 11 alqueire é tudo terra boa, o que plantar aqui nesse solo dá [...]”*.

Todavia, essas características também tornam o solo inapropriado para a construção de moradias, visto que o solo apresenta muitas características de umidade, como expõe o entrevistado 1: *“acho que é bem úmido... porque quando chove fica muita lama e poças... né”* e deslizamento, como diz o entrevistado 4 *“é lavado, porque vem muita enxurrada”*. Dessa forma, alguns terrenos tornam-se inseguros para a construção civil, conforme relata o entrevistado 7: *“aqui é complicado... o solo aqui é raso. O solo aqui é ruim, se você quiser construir primeiro você vai ter que pesquisar o solo antes. O solo aqui é ruim, é raso, é banhado... Se você quiser fazer aqui uma casa, uma coisa boa não tem como fazer.”*

Com relação à intervenção dos interlocutores em seus lotes, pode-se observar que a maior parte planta pés de fruta, fazem horta e/ou criam animais, como se pode perceber na fala dos 2, 6, 8 e 9:

Ah o que eu gosto do meu terreno é minhas árvores aqui atrás tem bastante fruteira aqui pra trás, laranja, vergamota, limão, tem bastante pé de goiaba, é bem bom quando eu cheguei aqui já tinha esses pezinhos né, mas não tavam dando fruto... agora meu Deus o que tem de laranja aqui, vergamota meu Deus, não precisa tá comprando (ENTREVISTADO 2).

Tem couve plantada... tem uma hortinha de cebolinha... aí é tudo eu que planto né... eu mesmo vô faço buraco e planto... e pega... nem molha não molho e mesmo assim pega... porque é boa a terra... falei que se ninguém carpir eu vou pagar um pra passar veneno, e minha outra irmã vai virar a terra... aí vou plantar salada... até tinha, mas as galinha do vizinho comeram tudo... é uma terra boa pra plantar (ENTREVISTADO 6).

Ah no meu lote eu tenho jardim, planto flores, tem a horta lá trás, crio umas galinha ali atrás (ENTREVISTADO 8).

[...] eu crio meus bichos, as minhas galinha aí. [...] Até tem um barde ali cheio de ovo, que eu juntei hoje o ninho das galinhas. Daí eu gosto de ir todo dia de manhã cedo lá e ir juntando os ovo (ENTREVISTADO 9).

Verifica-se que os moradores mantém uma relação com a terra que reflete hábitos rurais, tanto pela existência de famílias de origem rural no bairro, como pela relação de ocupação do território estabelecida pelos primeiros moradores do bairro, que além de seu lote tinham o direito de cultivar mais meia quadra de terra, como pela presença de estabelecimentos rurais que fazem fronteira com o bairro. Mencionam-se também as observações da pesquisadora, que durante as visitas pelo bairro, observou que algumas casas pareciam com pequenos sítios dada a quantidade de animais nos lotes, tais como pato, galinha, vaca e cavalo. As figuras 23 e 24 ilustram a ruralidade presente no bairro:



**Figura 23: Fotografia do Bairro São João - Presença de animais do campo no bairro São João**  
Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Nesta fotografia, observa-se a presença de uma vaca pastando ao lado do CRAS.



**Figura 24: Fotografia do Bairro São João - Criação de patos e galinhas para consumo**  
Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Outro fato interessante que se relaciona com a intervenção dos moradores em seus lotes está ligado à vegetação do bairro. Durante as entrevistas e visitas de campo, verificou-se que a vegetação existente no bairro é constituída por árvores e flores plantadas pelos moradores. O bairro não possui arborização nas ruas e possui poucas árvores nos órgãos públicos. Os interlocutores declaram que:

A vegetação que mais tem é árvore. Tem a nativa, tem a frutifica e tem a árvore plantada, que seria a sombria, não é nativa é plantada (ENTREVISTADO 3).

[...] aqui no bairro, vamos supor os lote são tudo cheio de árvore, quando é um pé de fruteira, tá tapado os lote né, de árvore, em cima de pé de fruteira, poucos lotes que não tem alguma coisa plantada em cima, quando não é flor é pé de fruteira [...] na berra do rio não tem né, então é mais pra cima, que daí tem, mas não tem muita árvore, tem mais mato, como diz o outro, muita desmatção daí né, vai acabando com a fonte de água e vão derrubando as árvore da berra do rio (ENTREVISTADO 4).

Que eu saiba só tem nas casas... aqui na mãe tem só pé de laranja que eu saiba... a maioria planta pé de laranja, pé de vergamota, pé de ameixinha... a maioria é laranja (ENTREVISTADO 6).

Tem mais abacateiro, angico branco que eu plantei lá em baixo, cedrinho, lá em baixo da igreja católica, tem angico branco, cedrinho é o que mais tem aí. Essas duas reserva que plantei aqui e lá na igreja, só que essa aqui derrubaram tudo, parece umas formiga (ENTREVISTADO 8).

Ainda em relação à vegetação do bairro, segundo relato de um dos entrevistados, as ações da prefeitura se restringem apenas em doar algumas mudas para a população.

[...] a prefeitura deu muda pra plantar, até na berada das sanga, foi plantado tudo, nois que plantamo, não sei se não vingou ou se quebraram... Árvores de fruta, tem bastante gente que gosta de árvore de fruta (ENTREVISTADO 2).

Diante das palavras do entrevistado, verifica-se que alguns moradores colaboram com a preservação da natureza no bairro. A pesquisadora, durante observação participante, ouviu também o depoimento de outra moradora, que relatou plantar uma árvore na frente de sua casa para as agentes de saúde poderem parar para descansar, fato que revela uma intervenção da moradora frente à falta de arborização pública. A Figura 25 caracteriza a vegetação do bairro:



**Figura 25: Fotografia do Bairro São João - Vegetação do bairro São João**  
**Fonte: Dados da Pesquisa (2016)**

A partir desta fotografia (Figura 25) e das falas dos entrevistados pode-se verificar que as árvores concentram-se em sua maioria atrás das casas revelando que a área verde presente no bairro refere-se às intervenções dos moradores em seus próprios lotes. Nesse sentido, observa-se que os moradores se posicionam em relação à ausência de serviços de arborização no bairro de forma a intervir no lugar e dar outros contornos à paisagem local, bem como para produzir sombra nos lotes e para o autoconsumo, visto que as árvores em sua maior parte são frutíferas.

Com relação ao modo como os moradores entrevistados percebem o bairro em relação à cidade de Pato Branco como um bairro isolado, afastado e esquecido pelo poder público. Nas palavras dos interlocutores:

A eu vejo muito afastado, hoje não, tá chegando perto, mas ele é meio difícil o acesso, do bairro, tudo o que você precisar de uma roupa, de um remédio, daqui até lá no centro da 6 quilometro, da uma dificuldade, esse afastamento do bairro (ENTREVISTADO 8).

Contudo, observa-se que a distância citada pelo morador é menor do que a distância real entre o bairro e o centro da cidade. Outro entrevistado refere-se ao bairro como se o bairro não pertencesse à cidade, nas palavras do morador:



Até minha vó dizia quando precisava fazer rancho ela falava que precisa ir pra Pato Branco. Como se o São João fosse um lugar isolado né. Não sei o que que ela imaginava. O que passava na cabeça dela. Mas pense bem, parece que aqui nós tamo em outro lugar, parece que não é Pato Branco que nós moramo. Até entendo o que ela quis dizer (ENTREVISTADO 2).

Sobre o sentimento de esquecimento do bairro pelo poder público, os entrevistados relatam:

Olha aí já não sei te dizer direito, mas olha muita gente lá do centro enxerga o bairro todo necessitado, eles veem, eles ajudam bastante e não é poucos que vem aqui, ainda quando acontece alguma coisa, eles sempre tão por aqui o pessoal, eu acho que a cidade enxerga um pouco mais sim, mas nois queria que o Prefeito enxergasse mais (ENTREVISTADO 3).

Bem desdexoado né. [...] Assim um bairro que parece que um bairro é abandonado né, um bairro que assim, neí sei explicar como que pode ser [...] É porque cê vê nos outros bairros tudo tem asfalto, nos outros bairro tudo tem, rede de esgoto e aqui não tem nada, começaram a fazer a rede de esgoto e só vieram aí fizeram fogo e deixaram tudo aí, não tem rede de esgoto, não tem nada né. Então bem desdeixado (ENTREVISTADO 10).

O sentimento de esquecimento também está presente nas falas dos moradores quando comparam as obras realizadas no bairro São João com as obras realizadas em outros bairros. Um dos interlocutores compara as calçadas feitas no bairro Alto Glória em direção ao bairro São João com as calçadas feitas no bairro Planalto, questionando porque o São João não merece obras iguais, conforme abaixo:

[...] O asfalto foi feito, a gente tá contente com o asfalto, as calçada tá pouco, se você sai aqui de carro, tem que cuidar pra não bater nas pessoas, porque as calçadas que foi feita não tem condições, tá no mato e não dá tá destruída, já veio, falando o português correto, do centro pra nois. A calçada aqui que eles colocaram já não tem mais. Em outros bairros ai fizeram o paiver, largura de 4 metros e não há quase trafico de pessoas. Aqui fizeram duas lajotas. Descendo do Planalto pro Vila Verde, que o tráfico é mínimo, minúsculo, tem calçada de 4 metros e nois aqui é bastante o fluxo. Tanto pedestre quanto, é bastante, não é pouco. Então você tem que ficar cuidando o cicleteiro e hoje aqui por causa do asfalto já deu um risco a mais. Mas a calçada eu acho que deveria ser melhorada. Então essa parte ali tá precária. Ele prometeu fazer tudo de novo, vamo vê. Eu acho que a melhoria que eles fariam aqui seria o asfalto que foi prometido e o saneamento seria em primeiro lugar, porque tem muita gente que tá com a fossa estourando na rua e até a calçada (ENTREVISTADO 3).

Quanto às diferenças entre as percepções do lado A e do lado B, em relação aos problemas do bairro, pode-se observar que os dois lados tecem críticas e

reivindicações e manifestam sentimento de afeição pelo bairro, não havendo diferenças significativas.

Relativo à situação de vida dos moradores, identificou-se que 04 dos 05 moradores entrevistados do lado B não estão contentes com sua situação de vida e 02 deles apresentam ambivalência em relação ao sentimento de pertencer ao bairro, sendo que o lado B é a região do bairro com menor qualidade ambiental. Observa-se também que referente às condições socioeconômicas das famílias, o lado A possui a maior concentração de famílias beneficiárias do PBF. No lado A 04 dos 05 entrevistados afirmam estar satisfeitos com sua situação de vida. Também se observa maior participação na comunidade dos entrevistados residentes do lado A.

Considerando os resultados apresentados, conclui-se que o ambiente do bairro São João desde seu início foi privado de infraestrutura. A qualidade ambiental do bairro não desperta motivação para cuidá-lo, pois sua estrutura e equipamentos não provocam satisfação psicológica em seus usuários. Não bastasse o fato de o bairro não oferecer condições adequadas para o desenvolvimento de seus moradores, as oportunidades ainda são barradas pelo preconceito, pela pequena escolarização dos responsáveis familiares e pela precariedade da mobilidade urbana e dos serviços de correspondência e telefonia. Junto a isso os moradores percebem outros bairros crescerem e se desenvolverem enquanto sua comunidade continua com os mesmos problemas.

Assim, os moradores veem seu bairro como um lugar isolado e esquecido, identificam os problemas sociais e ambientais presentes no bairro, mas não conseguem lutar por seus direitos, tanto pela falta de conhecimento dos mecanismos de participação, como pela violência que fragiliza os vínculos comunitários e desune os moradores. “É cada um por si”, como revelam os moradores. Esta situação se reforça pela condição de baixa renda das famílias e pela precariedade das ofertas de qualificação profissional das políticas de trabalho, circunstância que impede as famílias de ampliar suas capacitações e melhorar sua qualidade de vida.

Diante dos relatos dos interlocutores, observa-se que os moradores do bairro São João têm suas escolhas restringidas, pois tem as suas iniciativas barradas pelo estigma, pela exclusão, pela violência, pela fragilização dos vínculos familiares e comunitários, pela condição de baixa renda das famílias, pela falta de

acesso ao trabalho para jovens e adultos e pela precariedade das condições de infraestrutura urbana, pela carência de serviços públicos e privados, pelo risco de contaminação por agrotóxicos e pela precariedade do acesso ao lazer e a cultura. Em resultado, os moradores não vivem o ambiente em sua totalidade, como propõe Acselrad, pois ficam expostos a situações de risco e vulnerabilidade social sendo privados de realizarem suas identidades individuais e de grupo plenamente.

#### 4.3.1 Síntese dos resultados

A partir do caminho metodológico percorrido verificou-se que os interlocutores da pesquisa possuem percepções distintas em relação às condições socioambientais do bairro São João, bem como diferenças nos sentimentos de afeição e pertença ao bairro. Alguns moradores relataram residir no bairro por necessidade, enquanto que outros afirmam que o bairro é sua vida. Porém, a que se observar que a maior parte dos interlocutores revelou forte sentimento de afeição à comunidade.

Com relação à situação de vida dos moradores observaram-se restrições ambientais e restrições sociais, com precariedade no quadro de vida da maioria das famílias, bem como restrições de maior convívio com os demais residentes da cidade. Por outro lado, há potencialidades que se expressam na mudança no quadro social, em geral quando todos da família têm condições de trabalhar regularmente, de estudar e de se proteger das adversidades como a violência, o vício e a doença.

No que se refere às restrições ambientais, observa-se que os moradores vivem dificuldades em relação aos poucos horários de transporte público disponível ao bairro, falta de saneamento básico, exposição a agrotóxicos devido à proximidade de estabelecimentos rurais com o bairro, nascentes desprotegidas, ausência de calçadas, precariedade da arborização pública, irregularidade dos títulos dos terrenos, cobertura insuficiente das companhias telefônicas, poucos espaços de recreação e lazer, quantidade significativa de animais do campo devido à intenção dos moradores de prover alimento as suas famílias e diminuir as despesas, grande quantidade de animais domésticos abandonados no bairro por moradores de outras localidades e as dificuldades financeiras dos moradores para fazerem a castração de seus animais.

Relativo às restrições sociais, verificou-se que os moradores sofrem muito preconceito por moradores externos ao bairro e, em alguns momentos, até pelos próprios moradores. O estigma se reflete na não contratação dos moradores e na desvalorização imobiliária do bairro, bem como na ausência de investidores no bairro para a instalação de estabelecimentos comerciais.

Além disso, observou-se que o desemprego também é reflexo do baixo nível de escolaridade e de formação adequada para o trabalho dos responsáveis, mas também das enfermidades que acometem parte importante dos responsáveis pelas famílias e da precarização do transporte público na comunidade que inviabiliza a mobilidade urbana.

As restrições ao trabalho diminuem a capacidade de auferir renda dos moradores fazendo-os ficarem mais dependentes das políticas públicas e vulneráveis as relações de trabalho ilícitas. O tráfico se mostra um meio rápido e eficiente de garantir conforto e possibilidade de ascensão social, que é mantida pelo inexpressivo policiamento no bairro, bem como pela presença reduzida de estabelecimentos comerciais, que por consequência não aumentam o fluxo de pessoas no bairro.

Acrescenta-se ainda, a precariedade de políticas públicas de qualificação profissional para capacitar os moradores, visto que os cursos ofertados não contemplam os interesses dos moradores e suas potencialidades. As ofertas reforçam os estereótipos de gênero, pois às mulheres no bairro são oferecidos cursos de qualificação em serviços domésticos, culinária, pintura em tecido, confecção de vidros decorados, fabricação de doces, corte e costura, manicure e pedicure e cabelereiro, ou seja, funções que estão ligadas ao ambiente do lar e a imagem pessoal. Aos moradores do sexo masculino as possibilidades são inexistentes. Nessa perspectiva, emergiu a categoria *Oportunidades x Privações*.

Relativo às ações dos moradores para enfrentar o estigma, destaca-se que alguns interlocutores relataram que já omitiram residir no bairro para poderem ser contratados e somente depois de algum tempo trabalhando revelaram seu verdadeiro endereço. Nessa perspectiva, verifica-se que a omissão se coloca como uma estratégia de proteção e de ampliação das oportunidades.

Além disso, para poder manter a sobrevivência no bairro os moradores se voltam para o cultivo de verduras e árvores frutíferas e a criação de porcos, patos,

galinhas e vacas, que por sua vez, ampliam os problemas de saneamento básico, colocando a população em maior risco de contrair doenças. Considerando esses hábitos e a proximidade do bairro com estabelecimentos agrícolas, surgiu a categoria *Ruralidade x Urbanidade*.

Os moradores vivenciam também privações em relação à convivência comunitária no bairro, visto que o bairro não possui muitos locais de uso comum, bem como pela violência que impossibilita os moradores de transitarem livremente pelo bairro. Descrevem a violência, o tráfico, as brigas, a drogadição, a bagunça, o som alto e o vandalismo como os principais problemas da comunidade. Relatam que para lidar com essas situações procuram ligar para polícia, mas esta nem sempre vem até o bairro, não se envolver e não sair de casa no período da noite. Nesse entendimento, emergiu a categoria *Isolamento x Comunidade*.

A família então se coloca como o espaço fundamental de proteção e segurança para os moradores. Entretanto, a que se observar que a maioria das famílias residentes em comunidades carentes possuem os vínculos afetivos fragilizados, o que para muitos nem mesmo esse espaço se revela como um lugar seguro. A isso, no bairro São João, soma-se a necessidade de segurança do Colégio São João, um espaço que deveria ser essencial na proteção dos jovens e adolescentes, apresenta comércio e uso de drogas em suas dependências, segundo relato dos moradores durante observação participante. Nesse sentido, emergiu a categoria *Risco x Proteção*.

A partir dos relatos dos interlocutores emergiu também a categoria *Dentro x Fora*, visto que os moradores relatam que o São João não parece pertencer à cidade de Pato Branco, situação que revela que os moradores do bairro não estão à margem apenas geograficamente, mas também dos investimentos da cidade, visto que o bairro carece de mais horários de transporte público, saneamento básico, controle sanitário, serviços de limpeza e arborização pública, calçadas, praças, espaços de lazer, serviço de correio e telefonia.

Relativo a esses problemas os interlocutores revelam conversar com o presidente do bairro, com pessoas que trabalham nas Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Saúde, procurar os serviços do CRAS, fazer reuniões com os moradores e acionar os meios de comunicação como o programa do Carrapicho.

Contudo, suas ações são sempre barradas pelo precisamos aguardar: “a gente não tem condições de arrumar uma casa melhor, daí você vai aqui, vai ali, sempre ganha uma esperança, mas quando chega lá você pensa agora vai dar certo, sempre acontece uma coisinha ou outra pra dá errado” (ENTREVISTADO 2).

Nas palavras do entrevistado 3:

O funcionário da prefeitura<sup>14</sup>, ele me prometeu que se houvesse mais denúncias eles iam comunicar os dono e depois se não resolvesse iam levar os cavalos, mas até hoje nada [...] A gente queria que terminasse, que fizesse um círculo de asfalto no bairro pra lotação circula, mas tamo esperando ainda, temo com a esperança, que o próximo prefeito, porque esse não vai conseguir ainda fazer, esperamos que na próxima venha. Como a gente já espera a tempo, vamo fica esperando, na expectativa.

Verifica-se que os moradores apresentam muitas ações para tentar resolver os problemas de sua comunidade. Todavia, as ferramentas que possuem não são suficientes para resolvê-los, visto que o nível de escolaridade dos moradores e o conhecimento sobre os seus direitos é insuficiente em relação à complexidade dos problemas apresentados pelo bairro. Por conseguinte, observa-se um cenário de abandono da comunidade pelo poder público, que é reforçado pela falta de ferramentas da população para fazer valer suas cobranças.

Entretanto, observa-se que mesmo diante de tantas restrições os moradores ainda mantêm forte sentimento de afeição pelo bairro e enraizamento, pois muitos dos entrevistados afirmaram que não trocariam o bairro São João por outro bairro. A afetividade pelo lugar se apresenta como uma característica a ser levada em conta pelas lideranças locais e pelos serviços públicos a fim de fortalecer os laços de confiança e estimular a participação social.

Com relação à participação social dos moradores, observam-se ações isoladas. A participação e a colaboração se manifestam diante de situações que afetam diretamente os moradores e suas famílias e os vizinhos próximos, tais como som alto, necessidade de consulta médica. Nesse sentido, percebe-se que as ações são voltadas as necessidades individuais, familiares e aos vínculos mais significativos. Dessa forma, emergiu a categoria *Família x Comunidade*.

Ainda sobre a participação social, os entrevistados expõem que a maioria dos moradores não se compromete com as causas coletivas do bairro, visto que não participam das reuniões e das mobilizações para cobrar mudanças do poder público,

<sup>14</sup> O verdadeiro nome do funcionário foi substituído por funcionário da prefeitura para não expô-lo e evitar qualquer tipo de constrangimento.

tão pouco de tarefas no bairro. No entanto, a que se mencionar a disposição solitária de alguns moradores para realizar melhorias, tais como: plantar árvores, construir lombadas, auxiliar na construção de equipamentos no bairro e lutar por melhorias no bairro junto ao poder público. Durante a observação participante, a pesquisadora presenciou um dos moradores do bairro colocar sozinho os pavers para construção da academia de idosos no bairro.

Além disso, é importante frisar que a falta de comprometimento com as causas coletivas da comunidade e as práticas de vandalismo presentes no bairro podem estar associadas à pequena qualidade ambiental apresentada pelo bairro. A insatisfação com o espaço o torna alvo de depredação e não de fonte de investimento, conforme reflete Del Rio.

Diante do exposto, torna-se fácil compreender porque os moradores sentem-se isolados, excluídos e esquecidos pela cidade. Suas condições de vida não lhes proporcionam alcançar as capacitações que desejam e levar a vida que valorizam, bem como a qualidade ambiental do bairro não se coloca como satisfatória para a qualidade de vida da população, situação bastante contraditória visto que Pato Branco possui um dos maiores Índice de Desenvolvimento Humano- IDH<sup>15</sup> do país.

Nessa perspectiva, observa-se a importância do executivo municipal investir no bairro a fim de melhorar a qualidade ambiental do bairro e as condições de vida dos moradores para que esses a partir de um ambiente que traga mais satisfação e conforto a seus usuários se sintam motivados a conservá-lo e cuidá-lo. Deve-se, por fim, priorizar a qualidade de vida das pessoas e o desenvolvimento de suas capacitações, que por sua vez, trazem implicações para as famílias e para o lugar onde as pessoas vivem, contribuindo para o desenvolvimento local.

---

<sup>15</sup> Pato Branco apresenta o 4º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano do Estado do Paraná. Disponível em: <http://www.patobranco.pr.gov.br/o-municipio/informacoes-gerais/>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória metodológica realizada nesta pesquisa alcançou os objetivos pretendidos. Pode-se identificar a partir da análise das entrevistas, observação participante, pesquisa em bases de dados secundárias, análise de documentos oficiais e conversas informais com moradores e profissionais da comunidade que os moradores do bairro São João reconhecem muitos dos problemas socioambientais aos quais estão submetidos.

Os interlocutores da pesquisa identificam as condições ineficientes do transporte público, preconceito em relação ao bairro e seus moradores, violência, tráfico, brigas, drogadição, carência de serviços privados, ineficiência dos serviços públicos na resolução de alguns problemas do bairro, como a proximidade das lavouras com as residências, falta de qualificação profissional, ausência de saneamento básico, limpeza pública, serviço de correio, cobertura de serviços de telefonia e pouco investimento do executivo municipal na infraestrutura do bairro como os principais problemas vividos pela comunidade.

Relativo à capacidade de agência dos moradores, observou-se que no tocante aos problemas de infraestrutura e dificuldades encontradas nos atendimentos realizados pelos serviços públicos no bairro, alguns moradores revelaram buscar ajuda junto ao CRAS, ao presidente do bairro, conversar com pessoas influentes na prefeitura, acionar os meios de comunicação, realizar melhorias no bairro a partir de sua própria ação, como construir lombadas nas ruas, plantar árvores e colaborar na construção de locais de uso comum. No que se refere aos problemas de violência, identificou-se que os interlocutores buscam se refugiar no ambiente familiar e não transitar pelo bairro durante a noite. Alguns moradores realizam denúncias por meio de ligações telefônicas para a polícia e outros preferem não se envolver por medo de terem sua casa invadida ou sofrerem algum tipo de violência. Identificou-se também, quanto ao provimento de alimentos, que algumas das famílias entrevistadas buscam auxílio no CRAS e/ou acionam os meios de comunicação. Além disso, observou-se que a criação de animais e o cultivo de verduras e árvores frutíferas são hábitos “rurais” que se mantem para garantir as condições de subsistência das famílias.



Considerando os dados e informações obtidas, verifica-se que a situação de vida desta população se caracteriza por restrições ao acesso à educação, trabalho, atividades de lazer, convívio comunitário e um ambiente com qualidade ambiental. A população sofre restrições pelo acesso precário ao transporte público, pela falta de capacitação para os moradores, pela violência, pelo tráfico, pelo risco de contaminação por agrotóxicos, pelo risco de transmissão de doenças pela ausência de saneamento básico, pelo acúmulo de lixo, móveis e equipamentos em alguns terrenos, bem como pela quantidade expressiva de animais de criação, animais domésticos e animais que são abandonados no bairro. Alimentam essas privações o esquecimento da comunidade pelo poder público, como dito pelos moradores, o preconceito de moradores de fora do bairro, a não contratação dos moradores que se reflete na precariedade das relações econômicas dentro do bairro, o baixo nível de escolarização e acesso a atividades de cultura e informação que acabam por comprometer o desenvolvimento de habilidades. Por conseguinte, verifica-se que as condições socioambientais do bairro São João privam os moradores do desenvolvimento de suas potencialidades e, em consequência, do desenvolvimento de ferramentas para mudar sua situação de vida.

Nessa perspectiva, o sentimento de pertença em relação ao bairro é constituído em meio a sentimentos de afetividade e insegurança, visto que o bairro acolhe, mas não garante a seus moradores as condições necessárias à subsistência e ao desenvolvimento de suas capacitações. Desse modo, constroem-se percepções de um ambiente abandonado e esquecido. Os moradores revelam gostar de residir no bairro, mas sentem-se ameaçados pela violência e excluídos pelo estigma. Nesse contexto, percebe-se que a construção da identidade individual e da identidade de lugar são prejudicadas, que por sua vez, acarretam a ausência de investimento e abandono do lugar vivido pelos próprios moradores.

Embora, o bairro São João tenha apresentado melhorias significativas ao longo dos anos, quando comparado a outros bairros da cidade seus avanços parecem inexpressivos. Os moradores citam como exemplo o bairro Planalto (situado próximo ao São João), sendo este mais novo e com melhores condições de infraestrutura. Percebendo essas diferenças e considerando que o bairro São João é um dos bairros mais antigos da cidade, verifica-se que seus problemas precisam de mais atenção do poder público.

Uma cidade que prima pelo desenvolvimento, pela inovação e pela modernidade deve buscar o desenvolvimento de todas as suas regiões para que a cidade não cresça apenas em desenvolvimento econômico e tecnológico, mas também em qualidade de vida e dignidade de seus moradores.

Assim, observa-se a necessidade da articulação das diferentes políticas públicas para transformar a realidade do bairro São João. Sugere-se maior patrulhamento policial, campanhas contra a violência no bairro, fomento a capacitação dos moradores, parceria com empresas privadas para a participação dos moradores em processos seletivos de entrevistas de emprego, campanhas contra o preconceito, oficinas e cursos de formação de lideranças, estímulo a participação social, fortalecimento da associação de moradores e fortalecimento do capital social dentro do bairro, criação de leis municipais que definam uma distância mínima de plantio em lavouras próximas a áreas residenciais no município, projetos de revitalização e preservação dos rios e nascentes no bairro.

Em síntese, o reconhecimento e a garantia dos direitos de cidadania desses moradores se revelam como um dos caminhos mais urgentes para responder aos problemas socioambientais do bairro, bem como a necessidade de realizar a política pública de forma efetiva a fim de melhorar a qualidade de vida de seus moradores e a qualidade ambiental do bairro, provocando assim mudanças de caráter estrutural no bairro e desenvolvendo a localidade.

## REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, Miriam e PINHEIRO, Leandro Castro. Violência e Vulnerabilidade Social. In: FRAERMAN, Alicia (Ed). **Inclusión Social y Desarrollo: Presente y futuro de La Comunidad Ibero - Americana**. Madri: Comunica, 2003. Disponível em:

<[http://ead.senasp.gov.br/modulos/educacional/material\\_apoio/Viol%C3%Aancia\\_e\\_Vulnerabilidade\\_Social\\_VA.pdf](http://ead.senasp.gov.br/modulos/educacional/material_apoio/Viol%C3%Aancia_e_Vulnerabilidade_Social_VA.pdf)> Acesso em: 16 out 2016.

ABROMOVAY, Ricardo. O Capital Social dos Territórios: repensando o desenvolvimento rural: **Economia Aplicada**. v. 4, n 2. 2000. Disponível em: <<http://empreende.org.br/pdf/Democracia%20e%20Participa%C3%A7%C3%A3o/O%20capital%20social%20dos%20territ%C3%B3rios%20-%20repensando%20o%20desenvolvime.pdf>> Acesso em: 14 set 2014.

ACSELRAD, Henri. **Mecanismos de produção da injustiça ambiental**. In: Acelrad, H. O que é justiça ambiental. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.

ARBOLEYA, Arilda. Agência e estrutura em Bourdieu e Giddens pela superação da antinomia objetivismo-subjetivismo. **Sociologias Plurais** - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia, v. 1, p. 6-27, 2013. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/arboleya-agc3aancia-e-estrutura-em-bourdieu-e-giddens-pela-superac3a7c3a3o-da-antinomia-e2809cobjetivismo-subjetivismoe2809d.pdf>> Acesso em: 05 mai 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos Colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAY, A. M. C; SILVA, V. P. Percepção Ambiental de Moradores do Bairro de Liberdade de Parnamirim/RN sobre Esgotamento Sanitário. **Holos**, Ano 27, Vol 3. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/download/.../454>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; SCOTT, Lash. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sociedade risco: rumo a outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 9 ed. Campinas: SP: Papyrus, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional de Assistência Social (PNAS). **Norma Operacional Básica (NOB/SUAS)**. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/aceso-a-informacao/legislacao/assistenciasocial/resolucoes/2005/Resolucao%20CNAS%20no%20130-%20de%2015%20de%20julho%20de%202005.pdf>> Acesso em: 13 set 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS**. 1 ed. Brasília: MDS, 2009. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/publicacoes-para-impressao-em-grafica/orientacoes-tecnicas-centro-de-referencias-de-assistencia-social-cras/arquivos/caderno-do-cras-internet.pdf/download>> Acesso em: 15 mar set 2015.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.135, de 26 de junho de 2007. Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6135.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6135.htm)> Acesso em: 12 abril 2015.

CADASTRO ÚNICO DO MUNICÍPIO DE PATO BRANCO-PR. Dados sobre o Programa Bolsa Família. 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)> Acesso em: 20 mar 2015.

CARSON, Raquel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Raul de Polillo. Desenhos de Louis e Louis Darling. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2007.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fdocente.ifrn.edu.br%2Fedneysilva%2Fconvite-a-filosofia%2Fat\\_download%2Ffile&ei=WRk1Vf--EYK\\_ggSNxYCoBw&usg=AFQjCNEW5X1YctqWXaOxjyjI2GyqA\\_I8zg&bvm=bv.91071109,d.eXY](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fdocente.ifrn.edu.br%2Fedneysilva%2Fconvite-a-filosofia%2Fat_download%2Ffile&ei=WRk1Vf--EYK_ggSNxYCoBw&usg=AFQjCNEW5X1YctqWXaOxjyjI2GyqA_I8zg&bvm=bv.91071109,d.eXY)> Acesso em: 10 fev 2015.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa; SILVA, Lenir Maristela. SILVA, Lenir Maristela. O global e o local: as empresas reflorestadoras e a comunidade cabocla de Postinho

na Região Metropolitana de Curitiba. **Anppas**. 2010. Disponível em: <<http://anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT1-759-437-20080505203921.pdf>> Acesso em: 07 mai 2015.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa. **A reprodução da agricultura familiar na Região Metropolitana de Curitiba em suas múltiplas interrelações**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Paraná (UTFPR), Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Curitiba, 2006.

DAGNINO, Evelina. **Sociedade Civil, Espaços Públicos e a Construção Democrática no Brasil: Limites e Possibilidades**. In: DAGNINO, Evelina (org). Sociedade civil e espaços públicos no Brasil: São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DAY, R. H. **Percepção Humana**. Tradução de Maria Tereza Pereira Maldonado. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1972.

DEL RIO, Vicente. **Cidade da Mente, Cidade Real- Percepção Ambiental e Revitalização na área Portuária do RJ**. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs) Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira. São Carlos: Ed. Da UFSCar. 1999.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. Apresentação. In.: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de. **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Carlos: Ed. Da UFSCar. 1999.

DEL RIO, Vicente et al. A influência do projeto na qualidade do lugar: Percepção da Qualidade em Áreas Residenciais no Rio de Janeiro, Brasil. **Sociedade e Território – revista de estudos urbanos e regionais**. N 39. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www.fau.ufrj.br/prolugar/assets/dealc\\_par\\_vdr-infl-projeto-na-qualidade-do-lugar.pdf](http://www.fau.ufrj.br/prolugar/assets/dealc_par_vdr-infl-projeto-na-qualidade-do-lugar.pdf)> Acesso em: 18 agosto 2016.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. LANDER, Edgardo (org). Colección SurSur. Buenos Aires: CLACSO, setembro 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Escobar.rtf>> Acesso em: 07 fev 2015.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. **As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania**. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs) Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira. São Carlos: Ed. Da UFSCar. 1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. 5 reimpr. São Paulo: UNESP, 1991. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>> Acesso em: 02 fev 2015.

\_\_\_\_\_. **A constituição da sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dualidade da estrutura: agência e estrutura**. Tradução de Octávio Gameiro. Portugal: Celta Editora, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. 6 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Editora Guanabara, 2004. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod\\_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf)> Acesso em: 11 fev 2016.

GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B. (Org.). **Pensamento complexo e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

GUIMARÃES, Roberto P. **A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento**. In: VIANA, G; SILVA, MARINA; DINIZ, N. (orgs). O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/patobranco/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/pos-graduacao/mestrados/ppgdr2/pagina-inicial/Aticadasustentabilidadeeaformulaodepolticadedesenvolvimento.pdf>> Acesso em: 20 fev 2015.

HOGAN, Daniel Joseph; MARANDOLA, Eduardo Jr. Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. Tradução do artigo "Towards na interdisciplinar conceptualization of vulnerability", rev. **Population, Space and Place**, n.11, 2005. Disponível em: <[http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab\\_cap\\_I\\_pgs\\_21-50.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_I_pgs_21-50.pdf)> Acesso em: 18 out 2016.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Calos S. Mendes Rosa: revisão de tradução de Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela: revisão técnica de Paulo Freire. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia ambiental.** Tradução de Sandra Valenzuela: revisão técnica de Paulo Freire. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes.** Tradução de Glória Maria Vargas. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MAPA de plantas de bairros. Pato Branco: **Departamento de Informação, Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco (IPPUPB).** 2011. Escala 1/2000. Disponível em: <<http://ippupb-org-br.web02.webserverbr.net/downs/bairros/Bairro%20Sao%20Jo%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2014.

MAPA de perímetro urbano. Pato Branco: **Arquiteto Rubens Ciro Calliari e Arquiteta Cristiane Compagnoni. Departamento de Informação, Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco (IPPUPB).** 2011. Escala 1/2000. Disponível em: <[http://ippupb-org-br.web02.webserverbr.net/digipb\\_mapas.php](http://ippupb-org-br.web02.webserverbr.net/digipb_mapas.php)> Acesso em: 28 jul. 2014.

MAPA geral da cidade. Pato Branco: **Departamento de Informação, Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco (IPPUPB).** 2011. Escala 1/7500. Disponível em: <[http://ippupb-org-br.web02.webserverbr.net/digipb\\_bairros.php](http://ippupb-org-br.web02.webserverbr.net/digipb_bairros.php)> Acesso em: 28 jul. 2014.

MAPA do Sudoeste do Paraná. **RBJ Notícias.** Disponível em: <<http://www.rbj.com.br/file/2015/08/SUDOESTE-.jpg>> Acesso em: 25 set 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MEADOWS, Donella H. et al. **The Limits to Growth: A Report for The Club of Rome'II Project on the Precicament of Mankind.** New York, Universe Books, 1972.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1035842&key=13769c1ae1338dbc536c4b21795c7e27>> Acesso em: 18 jul 2016.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

2003. Disponível em: <[http://www.moodle.ufba.br/file.php/11468/Edgar\\_Morina\\_cabeA\\_a\\_bem\\_feita\\_.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/11468/Edgar_Morina_cabeA_a_bem_feita_.pdf)> Acesso em: 23 jul 2016.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOURA, Jeanne Mariel Brito de; MACIEL, Cleiton Ferreira. A construção teórica de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens: as articulações entre as ações dos sujeitos e a estrutura social. **Pós- Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais.** 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/8665>> Acesso em: 15 maio 2015.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento.** Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. Editor Mackenzie, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Leandro Dias. Os “Limites do Crescimento” 40 anos depois: Das “Profecias do Apocalipse Ambiental” ao “Futuro Comum Ecologicamente Sustentável”. **Revista Continentes,** n. 1, 2012. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/1/ART4.pdf>> Acesso em: 07 jul 2016.

PATO BRANCO-PR. LEI Nº 420/81. 1981. Autoriza o Chefe do Executivo Municipal a utilizar imóveis da reserva municipal, para Projeto de Desfavelamento e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camarapatobranco.com.br/uploads/laws/1/1981/420.pdf>> Acesso em: 18 jul 2014.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 265/77. 1977. Dispõe sobre a abertura de crédito adicional especial para fins que especifica e autoriza a compra de imóvel rural para ser doado para a Instalação de indústrias no Município. Disponível em: <<http://www.camarapatobranco.com.br/uploads/laws/1/1977/265.pdf>> Acesso em: 30 jul 2016.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 444/82. 1982. Altera nome de bairro da cidade de Pato Branco. Disponível em: <<http://www.camarapatobranco.com.br/uploads/laws/1/1982/444.pdf>> Acesso em: 18 jul 2014.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 1786/98.1998. Autoriza a regularização fundiária de parte do imóvel de Independência denominado Bairro São João. Disponível em: <<http://www.camarapatobranco.com.br/uploads/laws/1/1998/1786.pdf>> Acesso em: 28 jul 2016.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 2.284/2003. 2003. Autoriza ao Município de Pato Branco a doação a título gratuito, a moradores do Bairro São João, bem como efetuar a regularização com averbação do Título e Propriedade junto ao Registro Geral de Imóveis. Disponível em: <<http://www.camarapatobranco.com.br/uploads/laws/1/2003/2284.pdf>> Acesso em: 07 ago 2016.



PENNA, Antônio Gomes. **Percepção e realidade**: introdução ao estudo da atividade perceptiva. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.  
A Consciência, a Alienação do Trabalho e o Método Científico. Cap. XVI. p. 357 a 396.

PIZATO, Elaine. **Das margens da BR 158 ao Bairro São João: direito à moradia e à cidade em Pato Branco – PR**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Toledo, 2015.

PUTNAM, Robert David. **Capital social e desempenho institucional**. In: Comunidade e Democracia: A experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RAYNAUT, Claude. **“Atrás das noções de meio ambiente e desenvolvimento sustentável”**. Texto que subsidiou conferência realizada em Curitiba, no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE/UFPR, em agosto de 2006.

RAYNAUT, Claude; FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. **Metodologia do diagnóstico interdisciplinar: a construção de um quadro de trabalho comum**. In: RAYNAUT, C. et al (orgs) Desenvolvimento e meio ambiente: em busca da interdisciplinaridade: pesquisas urbanas e rurais. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. n 1. 2009. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf)> Acesso em: 10 abril 2015.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Perspectivas da Psicologia Ambiental. In: **Estudos de Psicologia**, vol. 8, nº 2, Natal, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000200018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000200018&script=sci_arttext)> Acesso em: 19 fev 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TOURINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 2 ed. Poroto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A: Formulário de percepção ambiental I

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

TÍTULO DA PESQUISA:  
A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO BAIRRO SÃO JOÃO NO MUNICÍPIO  
DE PATO BRANCO-PR

### FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Nº do Formulário: \_\_\_\_\_

#### 1) IDENTIFICAÇÃO

##### Dados de identificação do pesquisador e do entrevistado

Nome do Entrevistador: \_\_\_\_\_

Data entrevista: \_\_\_\_\_

Local de Entrevista: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Cidade Natal do entrevistado: \_\_\_\_\_

Quanto tempo reside neste endereço? \_\_\_\_\_

Divide o terreno com outros domicílios: sim ( ) não ( ). Quem ( )

(1) Filho, (2) Filha, (3) Pais/Sogro, (4) Genro/nora, (5) Irmãos, (6) Empregados/Caseiros, (7) Outros

#### 2) CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

##### 2.1) Origem étnica dos pais

1. Do responsável:

( ) brasileiro, ( ) português, ( ) polonês, ( ) ucraniano, ( ) italiano, ( ) alemão, ( ) outros

2. Do cônjuge:

( ) brasileiro, ( ) português, ( ) polonês, ( ) ucraniano, ( ) italiano, ( ) alemão, ( ) outros \_\_\_\_\_

##### 2.2) Composição familiar

| 1) Nome dos membros familiares | 2) Grau de parentesco | 3) Idade | 4) Escolaridade | 5) Residência | 6) Ocupação atual | 8) Recebe benefícios sociais ou aposentadoria/Renda |
|--------------------------------|-----------------------|----------|-----------------|---------------|-------------------|---|
| 1                              |                       |          |                 |               |                   |   |
| 2                              |                       |          |                 |               |                   |   |
| 3                              |                       |          |                 |               |                   |   |
| 4                              |                       |          |                 |               |                   |   |
| 5                              |                       |          |                 |               |                   |   |
| 6                              |                       |          |                 |               |                   |   |

|    |  |  |  |  |  |  |
|----|--|--|--|--|--|--|
| 7  |  |  |  |  |  |  |
| 8  |  |  |  |  |  |  |
| 9  |  |  |  |  |  |  |
| 10 |  |  |  |  |  |  |

### 2.3) Renda bruta mensal da família

| Fontes de renda                          | Valores   |
|--|---|
| 1 Trabalho assalariado                   | R\$   |
| 2 Trabalho informal                      | R\$   |
| 3 Aposentadorias e pensões               | R\$   |
| 4 Aluguel de casas                       | R\$   |
| 5 Renda proveniente de programas sociais | ( ) Bolsa Família R\$ _____<br>( ) Benefício de Prestação Continuada-BPC R\$ _____<br>( ) Programa do Leite R\$ _____<br>( ) Baixa renda de água R\$ _____<br>( ) Programa Luz Fraterna R\$ _____ |
| 6 Outros                                 | R\$   |
| Renda Total                              | R\$   |

### 3) CONDIÇÕES DE MORADIA

1. Tipo de construção: ( ) Madeira ( ) Alvenaria ( ) Mista
2. Ano de construção da casa: \_\_\_\_\_
3. Tamanho da casa: \_\_\_\_\_
4. Quantidade de cômodos: \_\_\_\_\_
5. Estado de conservação: ( ) Bom ( ) Razoável ( ) Ruim
6. Possui forro: ( ) Sim ( ) Não
7. Chão: ( ) Madeira ( ) Cimento
8. Banheiro: ( ) Interno à casa ( ) Externo ao interior da casa ( ) Fora da Residência
9. Esgoto: ( ) Fossa negra ( ) Rede ( ) Vala, sanga
10. Água: ( ) Poço/vertente individual ( ) Poço coletivo comunidade  
( ) Rede pública ( ) Encanada ( ) Puxada na mão
12. Telefone: ( ) Fixo ( ) Celular ( ) Público
13. Luz elétrica: ( ) Sim ( ) Não
14. Destino do lixo orgânico:  
( ) Enterra ( ) Céu aberto/vala ( ) Compostagem/adubo ( ) Coleta pública
15. Destino do lixo não orgânico:  
( ) Enterra ( ) Queima ( ) Coleta pública \_\_\_\_\_ vezes/mês

### 3.2) Veículos e equipamentos domésticos

| Tipo       | TV | Geladeira | Fogão gás | Chuveiro Elétrico | Freezer | Rádio | Parabólica | Computador | Máquina lavar/roupa | Tanquinho | Carro | Moto | Bicicleta |
|------------|----|-----------|-----------|-------------------|---------|-------|------------|------------|---------------------|-----------|-------|------|-----------|
| Quantidade |    |           |           |                   |         |       |            |            |                     |           |       |      |           |

### 4) ACESSO AOS SERVIÇOS

#### 4.1. Acesso à saúde

1. Cite três problemas mais graves de saúde enfrentados pela sua família:

- 
- 
- 
2. Quando precisa de assistência tem sido atendido no:
1. Posto público na comunidade: sim ( ) não ( )
  2. Posto público na cidade: sim ( ) não ( )
  3. Clínicas médicas particulares do município: sim ( ) não ( )
  5. Hospital pelo SUS do município: sim ( ) não ( )
  6. Hospital pelo SUS da região: sim ( ) não ( )
  7. Hospital particular do município: sim ( ) não ( )
  9. Dentistas na saúde pública: sim ( ) não ( )
  10. Dentistas particulares: sim ( ) não ( )
  11. Outros \_\_\_\_\_

#### 4.2 Acesso à educação

Quantos dependentes que residem na casa estão estudando: \_\_\_\_\_. Eles estudam no:

1. Ensino fundamental da escola pública: ( ) na comunidade; ( ) no município; ( ) outro
2. Ensino Médio da escola pública: ( ) na comunidade; ( ) no município; ( ) outro
3. Ensino superior: ( ) público; ( ) privado
4. Alfabetização jovens e adultos sim ( ) não ( )
5. Outro (qual) \_\_\_\_\_

#### 4.3 Acesso à informação

Responsável:

1. Escuta rádio sim ( ) não ( ). Qual o programa que mais gosta \_\_\_\_\_
2. Assiste televisão sim ( ) não ( ). Qual o programa que mais gosta \_\_\_\_\_
3. Lê jornal sim ( ) não ( ) raramente ( ) Qual notícia mais lhe interessa \_\_\_\_\_
4. Tem acesso à internet sim ( ) não ( ). O que mais lhe interessa \_\_\_\_\_
5. Participa de cursos de formação profissional sim ( ) não ( ). Cite dois mais importantes \_\_\_\_\_

Cônjuge:

1. Escuta rádio sim ( ) não ( ). Qual o programa que mais gosta \_\_\_\_\_
2. Assiste televisão sim ( ) não ( ). Qual o programa que mais gosta \_\_\_\_\_
3. Lê jornal sim ( ) não ( ) raramente ( ) Qual notícia mais lhe interessa \_\_\_\_\_
4. Tem acesso à internet sim ( ) não ( ). O que mais lhe interessa \_\_\_\_\_
5. Participa de cursos de formação profissional sim ( ) não ( ). Cite dois mais importantes \_\_\_\_\_

#### 4.4 Acesso ao lazer

| Lazer dos adultos homens | Lazer dos adultos mulheres | Lazer dos jovens homens | Lazer dos jovens mulheres | Lazer das meninas (crianças) | Lazer dos meninos (crianças) |
|--------------------------|----------------------------|-------------------------|---------------------------|------------------------------|------------------------------|
|                          |                            |                         |                           |                              |                              |

1. A família ou parte de seus membros frequenta as festas da comunidade promovidas pela:

- 1.1. Igreja: sim ( ) não ( );  
 1.2. Associação: sim ( ) não ( );  
 1.3. Política: sim ( ) não ( );  
 1.4. Escola: sim ( ) não ( )  
 2. A família ou parte de seus membros frequenta as festas em outras comunidades: sim ( ) não ( )  
 3. A família ou parte de seus membros visita: familiares ( ); vizinhos ( ); amigos ( ); outros ( )  
 4. A família ou parte de seus membros vai à cidade em busca de lazer sim ( ) não ( ) raramente ( )  
 5. A família viaja de férias: todos os anos ( ); poucas vezes ( ); nunca ( )  
 6. Para se divertir participam de: jogo futebol ( ) almoços em família ( ); jogo de cartas ( ); bingo ( ); matinês e baile ( ); outros ( ) \_\_\_\_\_

#### 4.5 Transporte utilizado pela família

1. Transporte coletivo público: sim ( ) não ( )  
 2. Transporte coletivo privado: sim ( ) não ( )  
 3. Carro próprio: sim ( ) não ( )  
 4. Moto própria: sim ( ) não ( )  
 5. Bicicleta: sim ( ) não ( )  
 6. Outros: sim ( ) não ( )

#### 4.6 Infraestrutura do bairro

| Serviços Públicos           | Satisfação da População |          |          |      | Apontamentos         |
|-----------------------------|-------------------------|----------|----------|------|----------------------|
|                             | Bom                     | Adequado | Razoável | Ruim | Principais problemas |
| CRAS                        |                         |          |          |      |                      |
| Posto de Saúde              |                         |          |          |      |                      |
| Escola Municipal            |                         |          |          |      |                      |
| Creche                      |                         |          |          |      |                      |
| Colégio Estadual            |                         |          |          |      |                      |
| Transporte Coletivo         |                         |          |          |      |                      |
| Planejamento Urbano         |                         |          |          |      |                      |
| Acessibilidade urbana       |                         |          |          |      |                      |
| Ruas                        |                         |          |          |      |                      |
| Iluminação Pública          |                         |          |          |      |                      |
| Serviços de Correspondência |                         |          |          |      |                      |
| Coleta de Lixo              |                         |          |          |      |                      |
| Serviços Privados           | Satisfação da População |          |          |      | Apontamentos         |
|                             | Bom                     | Adequado | Razoável | Ruim | Principais problemas |
| Comércio                    |                         |          |          |      |                      |
| Prestação de Serviços       |                         |          |          |      |                      |
| Alimentação                 |                         |          |          |      |                      |
| Telefonia                   |                         |          |          |      |                      |

4.6.1) Quais serviços faltam no bairro?

---



---

#### 4.7 Participação na vida da comunidade e do município

|   |  |
|---|--|
| 1. Entidades/Instituições na comunidade         | 2. Entidade/Instituições no município                              |
| 1. Igreja/capela: sim ( ), qual: _____; não ( ) | 1. Conselhos Municipais: sim ( ), qual: _____; não ( )             |
| CRAS sim ( ) não ( )                            | 2. ONG's: sim ( ), qual: _____; não ( )                            |
| 3. Clube de mães: sim ( ) não ( )               | 3. Reuniões câmara de vereadores: sim ( ), qual: _____; não ( )    |
| 4. ONG's: sim ( ) não ( )                       | 4. Participação em partido político: sim ( ), qual: _____; não ( ) |
| 5. APM's: sim ( ) não ( )                       | 3. Outros: _____   |
| 6. Reuniões Escolares sim ( ) não ( )           | 4. Não sabe ( )  |
| 7. Reuniões no Posto de Saúde sim ( ) não ( )   |  |
| 6. Outros: _____                                |  |
| 7. Não sabe ( )                                 |  |

#### 6) MUDANÇAS OCORRIDAS NO AMBIENTE

##### 6.1) Tipos das mudanças ocorridas no bairro e no terreno desde que o morador passou a residir no bairro São João

| Tipos de mudanças ocorridas no bairro                           | Aumentou | Diminuiu | Mesma | Nunca Teve | Motivo |
|---|----------|----------|-------|------------|--------|
| 1. Área total do Bairro   |          |          |       |            |        |
| 2. Volume de área verde   |          |          |       |            |        |
| 3. Volume de pássaros silvestres                                |          |          |       |            |        |
| 4. Volume de outros animais silvestres                          |          |          |       |            |        |
| 5. Espaços de lazer   |          |          |       |            |        |
| 6. Calçadas   |          |          |       |            |        |
| 7. Passeios   |          |          |       |            |        |
| 8. Horta comunitária  |          |          |       |            |        |
| 9. Participação dos moradores em causas coletivas da comunidade |          |          |       |            |        |

| Tipos de mudanças ocorridas no terreno | Aumentou | Diminuiu | Mesma | Nunca Teve | Motivo |
|--|----------|----------|-------|------------|--------|
| 1. Área total do terreno               |          |          |       |            |        |
| 2. Área total da moradia               |          |          |       |            |        |
| 3. Horta                               |          |          |       |            |        |
| 4. Jardim                              |          |          |       |            |        |
| 5. Renda familiar                      |          |          |       |            |        |
| 6. Aquisição de Móveis                 |          |          |       |            |        |
| 7. Nível de Escolaridade da Família    |          |          |       |            |        |

| <b>7. QUESTÕES ABERTAS DA PESQUISA</b>  |
|---|
| 1. Conte-me sobre a história do bairro desde que o senhor (a) chegou aqui?  |
| 2. O que é o bairro São João para você? Como é viver aqui no bairro São João?   |
| 3. Diante da sua história que ações concretas o senhor (a) e sua família tiveram que fazer para poder viver aqui no bairro? |
| 4. O que você mais gosta no bairro São João?  |
| 5. O que você menos gosta no bairro São João?   |
| 6. Quais são os principais problemas do bairro?   |
| 7. Quais são as ações concretas que o senhor (a) e sua família fazem para enfrentar esses problemas?                        |
| 8. Como o senhor (a) avalia a situação da sua família? (Aspectos positivos e negativos)                                     |
| 9. Quais ações concretas são realizadas frente ao que o senhor (a) me relatou?  |
| 10. Como o senhor (a) avalia a situação da sua casa e do seu terreno? O que mais gosta e o que menos gosta e por quê?       |
| 11. Quais ações concretas são realizadas frente ao que o senhor (a) me relatou?   |
| 12. Como é o solo daqui? Como é o solo de seu lote? O que você faz em seu lote?   |
| 13. O bairro tem rios? Como que você acha que está o rio atualmente?  |
| 14. O bairro tem vegetação? Como é a vegetação daqui?   |
| 15. As pessoas ajudam uns aos outros aqui no bairro? De que forma?  |
| 16. As pessoas colaboram com o bairro? De que forma?  |
| 17. Como você vê o bairro São João em relação à cidade de Pato Branco?  |
| 18. Como o senhor (a) acha que a cidade de Pato Branco vê o bairro?   |

## APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>16</sup>

**Título da Pesquisa:** A percepção ambiental dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR

**Pesquisador:** Psicóloga Jaqueline Menegazzo Franceschetto CRP -08/16923

**Endereço do pesquisador:** Rua Jaciretã, 465, bloco B, apto 304, Pato Branco-PR.

**Local de realização da pesquisa:** Pato Branco-PR.

**Endereço, telefone do local:** Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Via do Conhecimento, km 1, Pato Branco – PR, CEP 85503-390, Fone: (46) 46 3220-2608

### INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Eu Jaqueline Menegazzo Franceschetto, acadêmica do curso de pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da professora Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona intitulada “A percepção ambiental dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR” e gostaria de convidá-lo (a) a participar como voluntário deste estudo. Esta pesquisa tem como objetivo identificar a percepção ambiental dos moradores do bairro São João no município de Pato Branco-PR. Acredito que ela seja importante porque pode oferecer subsídios à gestão pública para melhor atender as necessidades da comunidade do bairro São João. Para sua realização será feita uma entrevista de caráter semiestruturado com perguntas abertas e fechadas. O tempo necessário para concluir a entrevista é cerca de duas horas, podendo estender um pouco mais caso seja necessário. A título de registro e a fim de analisar, posteriormente, os dados e informações com maior propriedade e cuidado será solicitado a você para gravarmos nossa entrevista. Suas respostas não serão objeto de avaliação quanto a acerto ou erro. Não existem respostas erradas para as questões. O único risco de sua participação é de um pequeno desconforto ao responder as perguntas. Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para compreendermos melhor as condições sociais e ambientais do bairro São João e a situação de vida de seus moradores. A sua participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer fase da pesquisa, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem qualquer prejuízo para você. Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato por meio do endereço eletrônico: [jaquelinemenegazzo@yahoo.com.br](mailto:jaquelinemenegazzo@yahoo.com.br) ou pelo telefone: (46) 9925-1886. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito à assistência gratuita por meio dos contatos informados. As informações, dados, filmagens e fotografias desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Em caso afirmativo preencha os itens que seguem:

---

<sup>16</sup> **Fonte:** O termo é uma adaptação do termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa de pós-doutorado do professor Dr. Edival Sebastião Teixeira, intitulada “Meio Ambiente e Educação: Um estudo no Brasil e em Portugal”.



Eu \_\_\_\_\_ após a leitura ou escuta da leitura deste documento declaro ter conhecimento das informações contidas no mesmo e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) nesta pesquisa, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso deixar de participar deste estudo a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos benefícios e riscos, e dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Após a reflexão e um tempo razoável, expressei minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores mencionados obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicadas sem que eu possa ser identificado por nome ou qualquer outra forma, em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos sem que haja nada a ser reclamado a título de direito conexos à minha imagem ou qualquer outro.

Nome completo (opcional): \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ (opcional) Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Telefone: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às dúvidas dos participantes.

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Para todas as dúvidas ou informações referentes a pesquisa, ou mesmo, para se retirar da mesma, os participantes da pesquisa poderão se comunicar com Jaqueline Menegazzo Franceschetto, via e-mail: [jaquelinemenegazzo@yahoo.com.br](mailto:jaquelinemenegazzo@yahoo.com.br) ou pelo telefone: (46) 9925-1886.

**OBS:** Este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.